

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**Programa de Pós Graduação em Teologia Strito Sensu**

**SIONITE SANDRA PORTUGAL FRIZZAS PINTO**

**O ENCONTRO DE JESUS COM A SAMARITANA  
E SUA CONVERSÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO**

**CURITIBA**

**2014**

**SIONITE SANDRA PORTUGAL FRIZZAS PINTO**

**O ENCONTRO DE JESUS COM A SAMARITANA  
E SUA CONVERSÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia Strito Sensu da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso

**CURITIBA**

**2014**



Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Centro de Teologia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Teologia

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 071**  
**DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE TEOLOGIA**

**Sionite Sandra Portugal Frizzas Pinto**

Aos vinte e cinco, do mês de fevereiro de dois mil e catorze, às catorze horas, reuniu-se na Sala A - 23 – Primeiro Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso, Flávio Schmitt e Clodovis Boff, para examinar a Dissertação da candidata, **Sionite Sandra Portugal Frizzas Pinto**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e doze.

Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. A mestrandia apresentou a dissertação intitulada: “O ENCONTRO DE JESUS COM A SAMARITANA E SUA CONVERSÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO”.

A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi Aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16,30 h 00 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

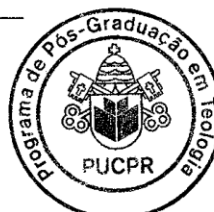
Prof. D.r Vicente Artuso Vicente Artuso  
Presidente/Orientador - PUCPR

Prof. Dr. Flávio Schmitt Flávio Schmitt  
Convidado Externo - Faculdades EST

Prof. Dr. Clodovis Boff Clodovis Boff  
Convidado Interno - PUCPR

CIENTE

Agenor Brighenti  
Prof. Dr. Agenor Brighenti  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



Dedico ao meu amado esposo, David Francisco Pinto,  
Com toda gratidão de meu coração!  
Sempre companheiro e amigo!  
Meu maior incentivador!

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus eterno por Sua manifestação de amor revelada através do dom da vida que flui abundantemente por meio de Jesus, o Salvador. Por seu maravilhoso cuidado em cercar-me de pessoas tão especiais!

Ao meu Orientador Dr. Vicente Artuso pela orientação, prontidão e amizade em toda essa caminhada e por suas aulas brilhantes de Teologia Bíblica.

Ao professor Dr. Clodovis Boff pelo exemplo de fé e amor que regou meu coração em sua disciplina Questões de Método em Teologia e por sua preciosa contribuição na correção deste trabalho.

Ao professor Dr. Flavio Schmitt pelas valiosas contribuições e instruções na correção deste trabalho que muito vieram acrescentar ao meu conhecimento.

A todos os professores da PUC, e a secretária Maria pela amizade e carinho sempre envolventes.

Ao Dr. José Neivaldo de Souza por ter acreditado em meu trabalho e por me incentivar a dar mais um passo quando concluía a graduação em Teologia.

Ao Rev. Fernando Enéas Monteiro e minha amiga Déspina Haviaras que me ajudaram valorosamente com a tradução do texto grego.

Aos meus filhos: Mauricio Frizzas Pinto, pela correção deste trabalho e cuidado amoroso sempre presente, e Rodrigo Frizzas Pinto pelo suporte técnico.

Aos funcionários da Biblioteca Studiun, principalmente a Cleoci Schneider pela sempre prontidão em atender-me e ajudar-me nas buscas daquele imenso acervo.

Aos meus familiares, amigos (as), irmãos e irmãs da igreja pelo carinho, compreensão e orações nas horas difíceis. A todos, sou eternamente grata!

Água, água viva, água de vida; clara e purificante, “fonte viva, água regeneradora”. Símbolo da divindade e da vida, vivo e transbordante, bíblico e religioso, símbolo universal!

(Sicre, 2007,p.111)

## RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem antropológica na ótica de gênero do encontro de Jesus com a Samaritana. À luz da encarnação do verbo entende-se porque Jesus se expõe. Sua intenção é reatar relações com a comunidade dos Samaritanos há séculos em conflito com os Judeus. Ele veio oferecer a salvação a todos rompendo os preconceitos de nação, raça, gênero. Jesus “cansado da viagem, assentou-se junto à fonte” (Jo 4.6). Ao conversar com a mulher Samaritana revela autoridade para conceder o dom de Deus, a água que sacia para a vida eterna. Jesus também desvendou a vida daquela mulher, os anseios de sua alma e revelou-se alguém capaz de oferecer novo sentido a sua vida. O estudo mostra que Jesus rompe as barreiras raciais, culturais, religiosas, bem como os preconceitos sobre as mulheres. Assim criou relações novas de inclusão e estabeleceu novo paradigma nas relações de gênero. A mulher junto ao poço descobriu novo sentido para a vida e se tornou missionária atraindo outras pessoas para o encontro com Jesus.

**Palavras chave:** Jesus. Mulher. Preconceito. Conversão. Evangelização.

## RESUMEN

El presente estudio es una aproximación antropológica a la perspectiva de género del encuentro de Jesús con la mujer samaritana. A la luz de la encarnación del verbo se entiende porque Jesús está expuesto. Su intención es retomar las relaciones con la comunidad de samaritanos durante siglos en conflicto con los judíos. Él vino para ofrecer la salvación a todos rompiendo los prejuicios de la nación, la raza, el género. Jesús cansado del camino, se sentó junto a la fuente "(Jo 04:06). Al hablar con la samaritana revela autoridad para otorgar el don de Dios, el agua que sacia a la vida eterna. Jesús también dio a conocer la vida de esa mujer, los anhelos de su alma y demostró ser capaz de ofrecer a alguien un nuevo sentido a su vida. El estudio muestra que Jesús rompe las barreras culturales, raciales, religiosos y prejuicios sobre las mujeres. Por lo tanto creó nuevas relaciones de inclusión y estableció un nuevo paradigma en las relaciones de género. La mujer en el pozo encontró un nuevo sentido a la vida y se convirtió en un misionero atraer a otros a conocer a Jesús.

**Palabras clave:** Jesús, Mujer, Prejuicios, Conversión, Evangelización.

## SUMÁRIO

|          |                                                      |            |
|----------|------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                               | <b>11</b>  |
| <b>2</b> | <b>ABORDAGEM HISTÓRICA.....</b>                      | <b>15</b>  |
| 2.1      | SAMARITANOS NO ANTIGO TESTAMENTO.....                | 16         |
| 2.2      | ISRAEL NO PERÍODO DAS INVASÕES.....                  | 20         |
| 2.3      | SAMARITANOS E JUDEUS NOS TEMPOS DE JESUS.....        | 27         |
| 2.4      | A CONDIÇÃO DAS MULHERES NOS TEMPOS DE JESUS.....     | 30         |
| 2.5      | A COMUNIDADE JOANINA E SEUS CONFLITOS.....           | 37         |
| <b>3</b> | <b>ABORDAGEM LITERÁRIA.....</b>                      | <b>43</b>  |
| 3.1      | DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE E SUA ESTRUTURA.....         | 43         |
| 3.1.1    | Tradução literal do Texto grego.....                 | 46         |
| 3.1.2    | Comparação entre versões.....                        | 51         |
| 3.2      | ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO.....                     | 55         |
| 3.3      | ANÁLISE DO CONTEÚDO.....                             | 61         |
| <b>4</b> | <b>ABORDAGEM TEOLÓGICA.....</b>                      | <b>67</b>  |
| 4.1      | A MULHER SAMARITANA E SUA SEDE DA ÁGUA VIVA.....     | 67         |
| 4.2      | O POÇO DE JACÓ E A FONTE NO INTERIOR DO SER.....     | 70         |
| 4.3      | A ÁGUA DA VIDA E SEUS SIMBOLISMOS.....               | 73         |
| 4.4      | A MULHER SAMARITANA E SEUS MARIDOS.....              | 81         |
| 4.5      | A VERDADEIRA ADORAÇÃO.....                           | 87         |
| 4.6      | O RESULTADO DO ENCONTRO: CONVERSÃO E INCLUSÃO.....   | 97         |
| <b>5</b> | <b>ABORDAGEM HERMENÊUTICA.....</b>                   | <b>100</b> |
| 5.1      | EVANGELIZAÇÃO QUE ROMPRE PRECONCEITOS.....           | 101        |
| 5.2      | UMA VIDA NO ESPÍRITO.....                            | 106        |
| 5.3      | FRUTO DA EVANGELIZAÇÃO: MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO.....  | 109        |
| 5.4      | SEMEADURA E COLHEITA.....                            | 115        |
| <b>6</b> | <b>DESAFIOS ATUAIS DA MISSÃO EVANGELIZADORA.....</b> | <b>118</b> |
| 6.1      | IR AO ENCONTRO AOS EXCLUÍDOS.....                    | 119        |
| 6.2      | TER A SENSIBILIDADE DA ESCUTA.....                   | 121        |
| 6.3      | TIRAR O PECADO DO MUNDO.....                         | 123        |
| 6.4      | ABANDONAR O CÂNTARO E SAIR DA ZONA DE CONFORTO.....  | 125        |
| 6.5      | ENVOLVER-SE SOCIALMENTE: DAR PÃO E ÁGUA.....         | 127        |
|          | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                     | <b>130</b> |

|                                                   |            |
|---------------------------------------------------|------------|
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                           | <b>133</b> |
| <b>ANEXO A - ACERTO DE TRADUÇÃO.....</b>          | <b>139</b> |
| <b>ANEXO B - TEXTO BÍBLICO: VERSÃO ARA.....</b>   | <b>142</b> |
| <b>ANEXO C - CHAVE LINGUÍSTICA.....</b>           | <b>145</b> |
| <b>ANEXO D - FRASES, EXPRESSÕES E TERMOS.....</b> | <b>147</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O evangelista João apresenta Jesus como o “Filho de Deus” manifestado ao mundo. No primeiro capítulo do evangelho joanino, Jesus é o Verbo encarnado. Diz o texto bíblico: “o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus... e o Verbo se fez carne e habitou entre os homens” (cf. Jo 1.1,14). Através do Verbo, Deus se revela aos homens e se identifica plenamente com a natureza humana, e “ao identificar-se com a humanidade culpada, o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (DOUGLAS, 2006, p. 677).

O quarto capítulo do evangelho de João tem a peculiaridade de revelar o aspecto humano e divino de Jesus. Diz o texto: “Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte” (Jo 4.6) e pede água à mulher samaritana. Nesse momento Jesus apresenta as mesmas necessidades de qualquer ser humano. Durante o diálogo com a samaritana, Ele se identifica como alguém que tem muita intimidade com Deus, o que lhe confere autoridade para conceder um presente divino à mulher, conscientizando-a sobre a verdadeira adoração. Diante do interesse da mulher e sua esperança com relação à vinda do Messias, Ele lhe revelou: “Eu o sou, eu que falo contigo” (Jo 4.26).

Jesus, o judeu junto à fonte, habilmente rompeu um preconceito racial e cultural do seu tempo. Causou surpresa para a mulher e para os discípulos, fato que se avolumou ainda mais com a propagação do diálogo, abrangendo os diferentes pólos culturais e sociais da época. Dessa conversa, aparentemente banal, emerge um aspecto profundo da universalidade de Jesus. “Embora Jesus como Messias, viesse da tribo de Judá, nunca se chamou ‘Filho de Israel’; sempre é chamado de ‘Filho do Homem’, da humanidade inteira. Não havia lugar em sua mente e em seu coração para o preconceito” (PEARLMAN,1995, p. 51).

A mulher, quando inserida na narrativa, é simplesmente denominada como “mulher samaritana”. Uma mulher sedenta que veio tirar água junto à fonte para suprir suas necessidades e de sua família. Mulher que permaneceu sem nome até o final da narrativa. Ela personificava preconceitos históricos. Seu status social a colocava em posição absolutamente indigna. Comprova-se isso no próprio texto bíblico: “Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que

falas com ela?” (Jo 4.27). No contexto cultural do Oriente Médio Antigo, as mulheres eram consideradas muito inferiores aos homens. Um homem honrado não deveria falar com uma mulher em público, mesmo que ela fosse sua esposa, mãe ou irmã. Jesus não somente conversou com ela, mas desvendou a sua vida e os anseios de sua alma. Revelou-se como aquele que tinha a solução para seus problemas:

Jesus reconhece a mulher em seu cerne e desvela seu passado [e] ela reconhece o significado messiânico da pessoa de Jesus. Isso levou os samaritanos a Jesus (4.27-30), e através da palavra de Jesus, eles chegam ao reconhecimento decisivo: “Este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (4.42). [...] No comportamento de Jesus em relação à samaritana torna-se exemplarmente claro que o missionário e a /o evangelizada/o são convocadas/os a uma transposição de fronteiras cultural e teológica (SCHNELLE, 2010, p. 971, 972).

Essa transposição se fazia necessária, pois judeus e samaritanos estavam separados por antigas razões ideológicas, raciais e religiosas que tiveram seu clímax durante a transição monárquica de Salomão para seu sucessor e filho Roboão. Nesse período aconteceu a divisão do Império em Reino do Norte e Reino do Sul. Jeroboão, servo de Salomão, ficou com o maior número de tribos sob seu domínio. A partir desse episódio, as rivalidades entre os dois reinos ficaram cada vez mais acirradas. No entanto Kessler aponta para rivalidade existente entre estes dois povos como uma questão anterior ao início das monarquias de Israel por ocasião da conquista da Terra Prometida, “quando a busca de autonomia por parte das tribos do Norte foi o ponto de partida dos conflitos” (KESSLER, 2009, p. 121).

No diálogo com a mulher samaritana, a iniciativa partiu de Jesus. Com certeza uma postura que não seria da mulher. Ela tinha ciência de sua inferioridade social e das barreiras que a impediam de interagir espontaneamente:

a barreira do sexo: era mulher; barreira cultural: era ignorante, pois geralmente os rabinos proibiam que as mulheres recebessem educação - era preferível queimar a lei que ensiná-la a uma mulher; o preconceito social e religioso: era samaritana; a barreira do caráter moral: era pecadora (PEARLMAN, 1995, p. 51).

Porém, Jesus rompeu com todos os paradigmas e preconceitos. Sua atitude é impactante ante as tradições vigentes. “Ele enfrentou as causas da exclusão social e religiosa e acolheu a todos, ou melhor, vai ao encontro dos excluídos e os vocaciona para uma missão” (PERETTI, 2011, p. 106). Independente de raça e/ou gênero,

“pessoas são chamadas, reunidas e levadas à fé por Jesus, para depois atuar por sua vez *evangelisticamente*<sup>1</sup>” (SCHNELLE, 2010, p. 972).

O objetivo preeminente desta pesquisa é debater sobre o efeito transformador da água da vida doada por Jesus que rompeu paradigmas e acolheu, revelou e dignificou uma mulher anônima de Samaria. Após receber desta água, a mulher tornou-se discípula evangelizadora em sua terra, cujos moradores não se davam bem com os judeus. A água no episódio da samaritana é símbolo do Espírito com a mesma força simbólica que ocupa o vento em Jo 3.5-8, quando Jesus dialogou com Nicodemos.

Outro objetivo em destaque é apontar para o encontro revelador de Jesus com os excluídos. O recorte do encontro com a samaritana é um prelúdio de muitos outros resgates e inclusões de marginalizados, que se tornam participantes do Reino de Deus, como missionários e evangelistas, capacitados a transpor barreiras e preconceitos impostos pela sociedade e religiosidade.

A metodologia proposta para esta pesquisa segue alguns passos da exegese bíblica. Detém-se em alguns aspectos da hermenêutica e finaliza propondo desafios para a missão evangelizadora, com exemplos de missionários e evangelistas cristãos. São os santos e santas ao longo da história do cristianismo.

A exegese se divide em três seções, que compreende uma breve abordagem histórica, literária e teológica do texto de João 4. Em Abordagem Histórica, busca-se a origem dos samaritanos no Antigo Testamento, cuja finalidade é traçar o relacionamento entre judeus e samaritanos no Novo Testamento. A condição das mulheres nos tempos de Jesus é tema relevante com destaque subsequente. Conclui-se essa seção com uma análise sociocultural e religiosa da comunidade joanina, e seus conflitos vivenciados como cristãos do primeiro século.

A Abordagem Literária se fundamenta na delimitação da perícopes e num breve estudo do contexto literário de Jo 4.1- 42. Uma tradução literal do texto grego para a língua portuguesa se faz pertinente, bem como uma comparação entre algumas versões bíblicas amplamente conhecidas na língua portuguesa, nos meios cristãos, católico e evangélico. Uma breve análise de expressões em destaque no texto e

---

<sup>1</sup> Vocábulo utilizado pelo autor Schnelle cujo significado é a capacidade evangelizadora do indivíduo que se torna discípulo (a) de Jesus.

uma chave lingüística estão anexadas ao trabalho e também agregam valor ao estudo.

Em Abordagem Teológica o tema central é a situação da mulher samaritana e sua relação com os seus maridos, que no decorrer da pesquisa foi identificada, não só como uma mulher adúltera, mas também como representante de toda a Samaria que adorou seus deuses e adulterou contra “YHWH”<sup>2</sup>. Diante desta premissa, somos levados a apreciação de uma interpretação alegórica, discutida na perspectiva de Mateos e Barreto, defensores da tese de que a mulher anônima de Samaria é a representante de seu povo. É a própria Samaria que deseja adorar, sendo alvo da misericórdia e amor de “YHWH” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.225-228).

Ao dialogar com profetas como Oséias, Jeremias, Zacarias e Ezequiel, a pesquisa toma novos rumos sob o enfoque da simbologia da água que brota dos poços do Antigo Testamento. São os lugares de encontro e namoro dos casais Jacó e Raquel, Moisés e Zípora, e do servo de Abraão, Eliezer, com a esposa de Isaque, Rebeca.

No encontro transformador com Jesus, a mulher que almejava saciar sua sede física, recebe um novo tipo de água, a espiritual que brota do seu interior. Essa água é símbolo do próprio Espírito vivificante a jorrar para a vida eterna. Com esse entendimento, o poço aponta para o clímax conjugal e teológico sob a perspectiva profética de Apocalipse. A Igreja, a noiva do Cordeiro, estará junto ao rio da água da vida que brota do trono de Deus (cf. Ap 22.1).

A quarta seção se detém no campo da hermenêutica. Contextualiza o episódio da samaritana como prática evangelizadora de Jesus, inclusivista e centrada na conversão. A samaritana é típica representante do processo de semeadura e colheita espiritual: a mulher evangelizada posteriormente evangeliza.

A última seção lança alguns desafios atuais para a missão evangelizadora, que deve alcançar a todos sem distinção. Para que os desafios possam ter resultados positivos se faz necessário que os cristãos tenham os seguintes pressupostos:

1. Ir ao encontro dos excluídos;
2. Ter a sensibilidade da escuta;
3. Tirar o pecado do mundo;

---

<sup>2</sup> Todas as citações que aparecem termos relacionados a Deus como por exemplo: Javé, Jeová, Yavé, foram substituídos pelo tetragrama “YHWH”.

4. Abandonar o cântaro e sair da zona de conforto;
5. Envolver-se socialmente: dar pão e água.

Em considerações finais, a pesquisa foca o exemplo de Jesus como doador do dom do Espírito que capacita o indivíduo com amor e iniciativas para a missão evangelizadora.

## 2 ABORDAGEM HISTÓRICA

A explicação do narrador bíblico diante da expressão: “porque os judeus não se dão com os samaritanos” e a perplexidade da mulher que exclama: “como é que tu sendo judeu, pedes de beber a uma mulher samaritana?” (Jo 4.9) são os fios condutores dessa primeira seção. Secundariamente buscaremos delinear a origem histórica dos samaritanos, sua religiosidade, o porquê das animosidades existentes entre eles e os judeus, o início dos conflitos e se esses perduraram no período da igreja primitiva.

A discórdia existente entre judeus e samaritanos é o pano de fundo da narrativa joanina. Quando os judeus precisavam viajar da Galiléia para a Judéia, preferiam contornar o Jordão a atravessar pelas regiões de Samaria, assim eles evitavam serem tratados com hostilidade pelos samaritanos. Este fato se corrobora na passagem escrita pelo evangelista Lucas. Quando Jesus precisou ir a Jerusalém, envia seus discípulos a uma aldeia samaritana para preparar-lhes pousada, porém ali não encontra acolhida (cf. Lc 9.51-54). “Devido ao ódio evidente entre os dois povos, sempre que um judeu arriscasse passar pelas terras dos samaritanos ocorriam incidentes, por vezes até mesmo choques sangrentos” (JEREMIAS, 1983, p. 466).

Outra questão que terá destaque nesta seção se refere às condições vulneráveis que as mulheres eram submetidas, nos tempos de Jesus e na comunidade joanina. O evangelista João relata a admiração dos discípulos quando retornam da cidade e encontram Jesus falando com uma mulher, todavia nenhum lhe diz palavra alguma (cf. Jo 4. 27). A atitude dos discípulos reflete o desprezo dos judeus pelos samaritanos. Havia também a atitude machista com relação às mulheres. Quando elas se encontravam em ambientes públicos, passavam despercebidas e as regras do decoro proibiam um homem de se encontrar sozinho com uma mulher. “Devia-se evitar olhar para uma mulher casada e até mesmo cumprimentá-la” (JEREMIAS, 1983, p. 474).

Para concluir essa seção, faremos um breve percurso com a comunidade joanina na tentativa de vivenciar seus conflitos como igreja do primeiro século da era cristã.

## 2.1 SAMARITANOS NO ANTIGO TESTAMENTO

Quem são os judeus? Quem são os samaritanos? São dois povos distintos? Ambos pertencentes a Israel? De acordo com os relatos bíblicos o nome Israel é usado para o povo descendente de Jacó após a estada no Egito, marcado pela passagem do livro de Gênesis para o livro de Êxodo, abrangendo todas as tribos, inclusive a tribo de Judá. Esta designação de Israel para todo o povo passa a ter um novo “*status*” com o surgimento dos reis. Quando configurado como estado, Judá e Israel são diferenciados. Judá concentrou as tribos do Sul, e Israel as tribos do Norte. Isso se evidenciou com as conquistas do segundo rei de Israel, Davi:

de acordo com 2 Sm 2.4, ele é ungido primeiramente pelos “homens de Judá” “como rei sobre a casa de Judá”, e, mais tarde pelos “anciãos de Israel” “como rei sobre Israel” (2 Sm 5.3). Ao mesmo tempo, no mesmo contexto, “Israel” pode designar todo o povo, incluindo Judá, quando os anciãos das tribos do Norte lembram a Davi a promessa divina segundo a qual ele apascentaria Israel (2 Sm 5.2) (KESSLER, 2009, p. 49).

Israel e Judá sempre estiveram em pé de guerra desde o período tribal quando formavam uma confederação de tribos por ocasião das conquistas da terra prometida, passando por lideranças autônomas durante a divisão das confederações das tribos. “Os membros formam um mesmo povo, participam de um mesmo culto, mas não têm um líder comum e a tradição antiga não conhece nessa época nenhuma personalidade comparável a Moisés e Josué” (DE VAUX, 2003, p.119).

Surgiram então juízes salvadores e guardiões do povo nos momentos críticos de ameaça estrangeira. Os diversos juízes que o redator bíblico conseguiu ligar referem-se mais ou menos cada juiz com uma tribo diferente:

Otoniel com Judá, Aod com Benjamim, Barac com Neftali, Gideão com Manassés, Tola com Issacar, Jair com Galaad (Maquir), Jefté com Gallad (Gad), Abesã com Aser (de fato Belém em Zebulon, Js19.15), Elon com Zebulon, Abdon, filho de Illel com Efraim, e Sansão com Dã (CAZELLES, 1986, p.109).

Um líder proeminente foi Gideão, da tribo de Manassés, que após seus feitos heróicos, tinha, segundo o povo, o perfil para ser o rei de todas as tribos. No entanto, esta escolha do povo foi totalmente recusada por ele (cf. Jz 8.22,23). Também, concernente “a realeza de Abimeleque (cf. Jz 9), foi um episódio sem continuidade, que só afetou a cidade cananéia de Siquém e alguns clãs israelitas” (DE VAUX, 2003, p.119).

À medida que o povo conquistava a terra prometida, e nela se instalava, continuava sofrendo represálias das nações vizinhas e com elas sempre tinham de

lutar para garantir a posse da terra. Num momento de crise, diante de ameaças, surgiu o primeiro rei de Israel que precisou manter o povo coeso num mesmo propósito - clãs ou tribos. “Com Saul mantém-se embrionária a instituição monárquica nascida da confederação das tribos” (DE VAUX, 2003, p.121). Os conflitos, outrora instalados entre as tribos, se perpetuaram durante as monarquias. Apesar de existirem conflitos durante o reinado de Saul, as discórdias entre as tribos do Norte e as do Sul, oriundas nos tempos dos juízes, ficam mais acirradas durante o trono de Davi, na segunda monarquia, e os confrontos tribais se intensificaram. O seu reinado foi dual sobre Judá e Israel. Teve de ser ratificado pelos anciãos de ambas as regiões (cf. 2Sm 2.8-11).

Os conflitos perpassaram os reinados de Saul e Davi, mas seu estopim foi durante a divisão do reino salomônico, a terceira monarquia, através de Jeroboão e Roboão. Salomão, filho de Davi, foi detentor de um poderoso reinado sobre todas as tribos de um a outro extremo territorial. Mas após sua morte se deu o rompimento da unidade política entre Israel e Judá e aconteceu a recusa de Israel, os pertencentes às tribos do Norte, em aceitar Roboão, o filho de Salomão, como rei. Na saga da divisão do reino, relata-se o levante do efraimita Jeroboão, chefe da corvêia (cf. 1Rs 11.16-28,40). “Segundo 1 Rs 12, as tribos do Norte se separam dos davididas liderados por Roboão, sucessor de Salomão” (KESSLER, 2009, p.99 ). Jeroboão é constituído rei das dez tribos do Norte, o então reino de Israel, e instalou seu centro político em Siquém (cf. 1 Rs 12.15). Roboão, descendente da dinastia davídica, passou a reinar sobre as duas tribos, a de Judá e Benjamim, cuja capital do reino é Jerusalém (cf. 1 Rs 12.26-28).

Surgem dois reinos, originários da mesma comunidade e de um mesmo pai, “Jacó”, e desenvolveram a partir da ruptura do trono de Salomão uma duradoura disputa por domínio territorial, político e religioso que se perpetuará pela história desse povo.

Para um povo em que os aspectos religiosos sobrepujavam os culturais e políticos, fez-se necessário patentear sua autonomia como reino fixando seus próprios lugares de adoração ao seu deus. O reino de Judá já tinha seu templo instalado em Jerusalém, que era o templo de Salomão. Agora Israel, como reino independente, precisava agregar para si valores religiosos. Para isso precisava estabelecer seu culto, seu templo, “seus lugares de adoração”. O povo então

levantou altares em vários lugares de todo o território, mas o de maior destaque foram os altares que o novo rei mandou erigir.

Jeroboão mandou construir dois santuários para adoração, um em Betel e outro em Dã, que foram expressamente dedicados ao Deus do Êxodo (cf. 1Rs 12.26-33). Esses dois lugares sagrados, segundo a tradição, eram mais importantes para o povo do que a própria cidade de Jerusalém. Dã fora um santuário da época dos juízes, servido pelos descendentes de Moisés. E Betel fora o lugar sagrado onde Deus se encontrara com o patriarca Jacó. Fora neste local que Abraão havia erigido um altar de adoração. Também em Betel, o neto de Arão guardara a arca da aliança.

Com essa bagagem histórica acerca de sua religiosidade, os samaritanos acreditavam serem Dã e Betel, os locais que Deus deveria ser adorado e reverenciado. “O Deus do novo reino é o Deus que libertou Israel do trabalho forçado do Egito e Jeroboão aparece como um novo Moisés que conduz seu povo a liberdade” (KESSLER, 2009, p.120):

mas o que Jeroboão quis fazer, foi simplesmente erigir dois santuários rivais a Jerusalém. A escolha de Dã e Betel foi astuta. Estes dois pontos abarcam o novo reino: Dã perto de uma das fontes do Jordão devia servir as tribos mais setentrionais, sempre tentadas a viver a parte; Betel perto da fronteira meridional deteria os peregrinos a caminho de Jerusalém (DE VAUX, 2003, p.373).

Caminhando com esse povo, vamos nos deparar com a origem dos samaritanos situada no Reino do Norte durante o reinado do sexto rei, Onri, que reinou entre “876- 869 a.C” (BRIGHT, 2003, p.294). Esse comprou a terra de Semer, num outeiro, por dois talentos de prata. Essa terra passou a ser chamada de Samaria devido ao seu antigo proprietário, “e chamou o nome da cidade que edificou do nome de Semer, senhor do monte de Samaria” (cf. 1Rs 16.24). O relato bíblico sobre a dinastia de Onri é breve. Contrasta com seus grandes feitos e seu prestígio diante de outras nações. Muitos anos depois de sua queda, o Reino do Norte era chamado pelos assírios de “a Casa de Onri”.

A magnitude do fato de Onri estabelecer a nova capital do reino em Samaria se compara com a escolha de Jerusalém por Davi. “O local estava estrategicamente situado, facilmente defensável, e não tinha laços tribais” (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, p.367). O sucessor de Onri, seu filho Acabe, o sétimo na dinastia real, para consolidar aliança com Tiro e Sidom, casou-se com Jezabel, a princesa fenícia cujos deuses são Melcarte e Baal. “Para agradá-la, Acabe erigiu na grande

capital de Samaria um templo a Baal (cf. 1Rs 16.30-33)” (SCHULTZ, 1977, p.170). Dessa forma foi delineado estreito entendimento com Tiro, desenvolvendo em Israel a influência fenícia, tanto religiosa quanto comercial (CAZELLES, 1986, p.164).

Samaria, a capital do reino do Norte, com seu centro religioso e político, foi comparada como “a capital inexpurgável de Israel por mais de um século e meio, até que foi conquistada pelos assírios em 722 a.C” (SCHULTZ, 1977, p.168). Quando Samaria foi organizada capital, passou a ser sobressalente e próspera. Esse foi um dos motivos que fomentou a rivalidade entre os reinos do Sul e do Norte, tornando o conflito cada vez mais intenso. “Israel foi a parte mais desenvolvida e mais forte, se tornou uma potência de médio porte e desempenhou um papel significativo no jogo de forças dos estados do Levante” (KESSLER, 2009, p. 86).

Apesar da prosperidade, durante dois séculos, desde o reinado de Jeroboão, filho de Nebate, até o último rei de Israel, profetas apontavam para os pecados do povo, sobretudo da elite governamental e classe sacerdotal. A idolatria, e opressão que os ricos impunham aos pobres seria a causa de sua destruição e sujeição ao cativeiro. “Assim, andaram os filhos de Israel em todos os pecados que Jeroboão tinha cometido, nunca se apartaram deles, até que o Senhor afastou a Israel da sua presença, como falara pelo ministério de todos os seus servos os profetas” (cf. 2 Rs.17.22,23). O profeta Amós se destaca como pregador desesperado pela conversão de seu povo, “prediz-lhe a ruína temporal, sob os golpes do invasor – talvez a Assíria -, como castigo de sua infidelidade” (GARELLI E NIKIPROWETZKY, 1982, p. 168).

Oséias foi o último rei sobre Israel, reinou na ímpia Samaria, seu governo foi imponente e se destacou interna e externamente (cf. Os 13.10; 10.7). Em seu interior, os comerciantes defraudam (cf. Am 8.4-6), os juízes prevaricam (cf. Am 4.1), suas mulheres os levam a isso (cf. Am 4.1); os sacerdotes se vendem (cf. Os 4.4-10), “e aqueles que deveriam praticar a justiça e a equidade transformam o direito em veneno e a justiça em absinto” (cf. Am 6.12 cf. Os 10,12) (CAZELLES, 1986, p. 169).

Na perspectiva profética, Samaria se tornou alvo da ira de Deus e recebeu como castigo a permissão divina para que os assírios a invadissem e deportassem seus habitantes. Salmaneser V marchou com seus exércitos até Israel e assediou a cidade de Samaria, em 725 a.C. “Durante três anos Oséias foi capaz de resistir ao assalto do poderoso exército assírio, mas finalmente teve de render-se em 722 a.C” (SCHULTZ, 1977, p.190). Assim Israel foi transportado da sua terra para a Assíria.

Era o fim do reino do Norte. De conformidade com os anais assírios, Sargão, sucessor de Salmaneser, afirmou ter feito perto de 28 mil vítimas. Por sua vez colonos vindos da Babilônia foram estabelecidos em Samaria, “o reino do Norte foi reduzido ao estado de uma província assíria” (SCHULTZ, 1977, p.191). “O rei da Assíria trouxe gente de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Hamate e Sefarvaim, e a fez habitar nas cidades de Samaria, em lugar dos filhos de Israel; tomaram posse de Samaria e habitaram nas suas cidades” (cf. 2Rs 17.24).

Os israelitas remanescentes do reino do Norte, cuja capital era Samaria, e os colonos que os conquistadores importaram para povoar o território devastado, compõem uma mistura de povos denominada de samaritanos. A situação dessa localidade era caótica. A terra estava devastada e suas fazendas abandonadas. Isto propiciou a invasão de animais selvagens e seus habitantes eram ameaçados, inclusive, por leões. Diante das dificuldades, a nova população atribuiu sua má sorte ao deus local, pois pelo fato de não saberem o costume da terra, não estavam sabendo agradá-lo. Pediram então ao rei da Assíria que enviasse alguém para instruí-los na religião de Israel. O rei da Assíria enviou um dos sacerdotes exilados à Betel. Este estabeleceu um centro para instruir os imigrantes na adoração a “YHWH”. “O resultado foi um sincretismo religioso, cuja adoração aos deuses pagãos foi mantida simultaneamente com a adoração a “YHWH”. ‘E assim eles adoravam o Senhor, mas também adoravam os seus próprios deuses’, diz a narrativa em 2Rs 17.24-33” (TENNEY, 2010, p. 99):

os costumes e a cultura trazidos pelos colonos assírios (cf. 2Rs 17) com o passar do tempo, fundiram-se com a população hebraica restante, resultando em uma raça mista, que naturalmente, mesclou também suas crenças (Ed. 4.2-3) [e a religiosidade] (MATEOS E BARRETO, 1999, p.219).

## 2.2 ISRAEL NO PERÍODO DAS INVASÕES

É pertinente traçar um paralelo com eventos que ocorreram no reino do Sul durante o período de invasões e opressão assíria no reino do Norte.

Enquanto o reino do Norte estava sob o poder da Assíria, “o rei Ezequias de Judá, e posteriormente o rei Josias empreenderam esforços para que o reino extinto fosse novamente agregado ao reino do Sul, na esperança de que todos pudessem novamente participar da adoração a “YHWH” em Jerusalém (cf. 2 Cr 30)” (BRIGHT, 2003). O empenho desses reis foi demonstrado nas uniões com tribos do Norte,

concretizados através de enlaces matrimoniais. Manassés, o filho de Ezequias, casou-se com uma mulher de uma família galiléia. Posteriormente o próprio rei Josias repetiu este feito, sendo que uma de suas esposas era oriunda do reino do Norte (BRIGHT, 2003, p.343). O sonho do rei Ezequias era unir Israel do Norte ao Sul sob a dinastia descendente de Davi. Esse rei tinha a intenção de uma unificação religiosa e política do reino centrada em Jerusalém:

[no entanto] o esforço não foi bem sucedido. Sabemos que as propostas de Ezequias embora conseguissem alguma reação no extremo norte, foram recusadas em Efraim – em parte, sem dúvida, por causa da rivalidade regional, mas em parte também porque os assírios, que certamente olhavam todas essas coisas com interesse crescente, tinham reorganizado o santuário de Betel (cf. 2Rs 17.27,28) justamente para contrabalançar essa propaganda (BRIGHT, 2003, p.343,344).

De acordo com o relato bíblico, durante o período que compreendeu o reinado dos oito últimos reis de Judá, foi evidente a influência pagã. O povo aderiu a práticas de idolatria que resultaram em abandono à religião monoteísta de Israel. A exceção foram os reis Ezequias e Josias que não mediram esforços com a finalidade de congregar o povo em torno da Lei. Sob a liderança do rei Josias, inclusive os habitantes das tribos do Norte eram convocados a cultuarem a Deus no templo em Jerusalém. Essa iniciativa não obteve sucesso, pois o povo e os demais reis do período subsequente, incluindo a classe sacerdotal, passaram a viver desleixadamente os preceitos do Senhor. Seguindo o exemplo do reino do Norte, o reino do Sul também cometeu pecados, dentre os quais, os de idolatria e de opressão aos pobres, transgressões que violavam a moralidade de Deus, motivo pelos quais também foram alvos da ira divina anunciada pelos profetas.

Jerusalém foi totalmente tomada após várias investidas dos invasores. Zedequias, seu último rei, mesmo fugindo, foi capturado e depois de presenciar a execução de seus filhos, foi cegado e levado pelos inimigos à Babilônia, onde ficou cativo até sua morte em 587 a.C. Jerusalém foi tomada e incendiada por Nabuzardã, comandante babilônico. “Oficiais *eclesiásticos*, militares, civis e alguns cidadãos eminentes foram levados diante de Nabucodonosor, em Rebla, sendo ali executados (cf. 2 Rs 25.18-21; Jr 52.24-27), enquanto outro grupo da população era deportado para a Babilônia” (BRIGHT, 2003, p.397). Era o fim do reino de Judá, do mesmo modo como aconteceu ao reino de Israel, cerca de cem anos antes.

Quanto às invasões, existem peculiaridades pertinentes aos reinos do Norte e Sul, que os distinguiram em relação às reações verificadas posteriormente.

Quando Samaria é invadida pelos assírios, muitos de seus moradores são levados cativos e outros são deixados em suas terras. Estes tiveram que se acostumar com os colonos trazidos pelos invasores, e, ajuntando-se a eles formaram um novo povo. Com Jerusalém aconteceu o inverso: ela é totalmente desolada e destruída. Muitos de seus habitantes são deportados e somente os que são deixados conseguem preservar sua identidade, pois não são trazidos elementos externos para se misturar ao povo. Acerca de Judá, naturalmente ela perdeu sua identidade, o território ao norte de Bet-Sur foi anexado à província de Samaria, enquanto a região montanhosa ao sul (a futura Iduméia) era gradualmente ocupada pelos edomitas (cf. 1 Esd 4.50) (BRIGHT, 2003, p.412).

Temporariamente o centro religioso do povo judeu foi transferido de lugar. A invasão babilônica no reino de Judá não mexeu com os estados do Norte, que preservaram uma população israelita que incluía Samaria, Galiléia e regiões da Transjordânia. Este povo passou a ter uma religiosidade dividida. Sob a influência do rei Josias, de Judá, muitos tinham se tornado adeptos da adoração exclusiva a “YHWH” em Jerusalém. Entretanto, outros mantinham uma forma de adoração sincretista por conta da herança pagã assíria e veneravam múltiplos deuses, incluindo “YHWH” em sua própria terra - Samaria.

Os habitantes de Samaria, que ficaram em suas terras, são influenciados pela aculturação assíria e o desafio deles é recriar sua forma de adoração. Já os habitantes de Judá que foram deportados, ao retornarem se encontraram com os pouquíssimos que tinham sido deixados em sua terra e se depararam com uma situação deplorável de miséria e humilhação. Jerusalém estava em ruínas, seus muros derribados e o templo fora incendiado. Era necessário restaurar a cidade santa e reconstruir o templo, símbolo de sua religiosidade e adoração.

Diante deste quadro de desolação após o exílio, retornaremos ao tema das controvérsias existentes entre judeus e samaritanos, visto que os exilados de Judá, que retornaram à sua terra seriam os responsáveis por dar um futuro a Israel. “Estes iriam dar à sua religião nova direção, como também impulsionar a definitiva restauração da comunidade judaica na Palestina” (BRIGHT, 2003, p.414)

Observamos que os reinos do Norte e Sul sempre estiveram em conflito pelo poder religioso e político. O auge desses conflitos foi durante os reinados de Jeroboão e Roboão. Houve um breve momento de trégua, ainda que parcial, quando o reino do Norte havia sucumbido sob o poder assírio, enquanto o reino do Sul

lutava por sua independência nos reinados de Ezequias e Josias. Após o exílio de Judá, as animosidades entre Sul e Norte se tornaram mais contundentes.

No livro do profeta Isaías, encontramos o perfil das comunidades judaicas dessa época. Jerusalém se encontra deserta e o templo em ruínas. Muitos exilados já voltaram e estão esperando por outros que retornarão. “Durante 17 anos a comunidade judaica vegeta na Judéia, ainda que outros comecem a prosperar sob o regime persa” (CAZELLES, 1986, p.214). A maioria dos habitantes continua empobrecida, sendo ameaçada pelo Egito ao sul e pela Assíria ou Babilônia ao norte. “Sentiam-se certamente enciumados pela prosperidade superior dos vizinhos do norte, isentos dessa tensão política, e capazes de desfrutar de uma vida confortável por causa da riqueza do seu território” (TENNEY, 2010, p. 100).

Quase cinquenta anos depois que a Babilônia tinha destruído Jerusalém e derrotado por completo o reino de Judá levando seus moradores cativos, morreu Nabucodonosor. Em 539 a.C o prodigioso Império Babilônico é conquistado pela Pérsia. Importante destacar que tanto os babilônios como os persas tinham uma política amistosa com relação aos seus cativos, permitindo-lhes que comprassem e fizessem uso de suas terras. Por esse motivo muitos judeus prosperaram em territórios estrangeiros. O governo persa agiu estrategicamente para expandir, fortalecer e proteger seu território, permitindo e incentivando que os exilados voltassem à sua pátria. O governante desse período é Ciro, um grande estrategista, que unifica a Pérsia e a Média num só grande Império Medo Persa, e assim declara: “O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra, e ele me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá” (cf. Ed 1.2). Sua declaração advém das informações proféticas a seu respeito: “Deus lhe tinha feito saber que constituiria a Ciro rei sobre várias nações e inspirar-lhe-ia a resolução de fazer voltar a Jerusalém para reconstruir o Templo” (JOSEFO, 2004, p. 499).

Convencido de seu papel na história como instrumento de Deus para restauração, Ciro enviou cartas aos responsáveis pelas terras de Judá, juntamente com alguns tesouros que haviam sido tirados do templo durante o reinado de Nabucodonosor. Despachou importâncias para a reconstrução e pessoas interessadas em voltar à sua terra. Nessa ocasião foi organizada uma comitiva de reconstrução sob os cuidados de Zorobabel com a recomendação: “Concedemos ainda aos judeus as mesmas rendas de que seus predecessores desfrutaram e lhes damos como compensação animais, vinho e óleo, duzentas e cinco mil e quinhentas

medidas de trigo que queremos que sejam tomadas nas terras de Samaria” (JOSEFO, 2004, p. 500).

Os judeus migrantes estavam trabalhando arduamente para a reconstrução do templo e da cidade. Enquanto isso, as nações vizinhas, compostas pelos colonos que Salmaneser fizera ocupar a Samaria, pediram aos governadores e aos que tinham o encargo da direção dessa obra que ordenassem aos israelitas cessar os trabalhos e suspender a reconstrução da cidade. O pedido foi ignorado por Ciro que estava empenhado na guerra contra os massagetas, na qual veio a morrer (JOSEFO, 2004, p.501).

Quando Ciro foi sucedido por Artaxerxes ou Cambises, seu filho, este recebeu uma carta de todos aqueles que se opunham a reconstrução de Jerusalém. Faziam parte destes opositores: os sírios, os fenícios, os amonitas, os moabitas e os samaritanos. Esses últimos afirmavam que tão logo os judeus retornassem da Babilônia, reconstruíssem a cidade, o templo e erguessem novamente as muralhas, certamente se revoltariam contra o Império Persa. Deixariam de pagar os tributos e de obedecer ao que “vossa majestade lhes determinasse”, porque eles, os judeus, segundo Josefo, sempre estavam prontos a opor-se aos reis, pela sua inclinação a querer mandar e nunca obedecer (Josefo, 2004, p. 502). Diante dessa oposição, os judeus, que retornaram, foram imediatamente impedidos por Artaxerxes de continuarem na reconstrução, retomando-a somente mais de dez anos depois.

Mesmo diante das oposições, vários grupos de expatriados retornaram e começaram a reconstrução de Jerusalém. Nesse período as animosidades entre judeus e samaritanos se intensificam. Conflitos religiosos e políticos fundamentados em tese na observância da lei. Surge como peça chave nesse conflito, o copeiro da corte real de Artaxerxes, Neemias, que foi enviado a Jerusalém para reconstruir a cidade e reorganizar sua vida religiosa nos anos 445-433 a.C. Ele decretou um perdão geral das dívidas (cf. Ne 5), promoveu o povoamento de Jerusalém com habitantes do interior (Ne 7), estabeleceu a observância do sábado e proibiu os matrimônios mistos (cf. Ne 13). Exigiu que homens casados com mulheres pagãs jurassem que desistiriam das suas mulheres.

Surgiu uma figura importante em meio a esses episódios. É o neto de Eliasibe, o sumo sacerdote. Neemias tomou medidas drásticas contra ele. Eliasibe se unira por matrimônio à filha de Sambalate, governador de Samaria, que causara a Neemias muitas dificuldades durante o primeiro ano em que os judeus reparavam

as muralhas de Jerusalém. Imediatamente Neemias o expulsou de Judá (SCHULTZ, 1977, p. 262). A expulsão do genro de Sambalate pode ter sido a causa do início da adoração em Samaria. Ao se afastarem do judaísmo pós exílio, os samaritanos estabeleceram o seu próprio templo no Monte Gerizim, e formaram uma próspera comunidade perto de Siquém no início do século IV a.C. Sob a liderança de Neemias, Judá tornou-se uma província autônoma, subtraindo-se, por conseguinte, à autoridade de Samaria. “Ambas as províncias faziam parte da *satrapia*<sup>3</sup> Abar Nah<sup>a</sup> Ra (‘além do rio [Eufrates]’), ou seja, Transeufratênia” (ROSEL, 2009, p.190).

O afastamento dos samaritanos da adoração ao Senhor praticada em Jerusalém, associada à sua conhecida ancestralidade pagã, levou os habitantes da Judéia a repudiarem completamente os samaritanos. Segundo os judeus, os samaritanos estavam comprometidos com o paganismo desde Antíoco Epifânio IV, quando dedicaram seu templo ao deus grego Zeus. Mais tarde voltaram a adorar “YHWH” e, no primeiro século, ainda mantinham uma forma dos rituais do AT, semelhantes aos de Jerusalém (TENNEY, 2010, p. 100).

É questionável se o cisma samaritano refere-se à adoração e o templo. Há boas razões para supor que o sacerdócio do *Gerizim*<sup>4</sup> provenha de Jerusalém, com sua origem no templo desta cidade, por conta de discussões internas no caso “Eliasibe”. Outro fato relevante é sobre o culto no monte Gerizim que era dirigido ao Deus de Israel que se situa no período da história social helenista.

Consta que ao lado do templo em Jerusalém e no monte Gerizim havia outros templos dedicados a “YHWH”, a saber: o templo de Elefantina, do século V; o templo construído pelo oníada Hircano em torno do ano 200 na Transjordânia, e o templo construído por Onias IV, na metade do século II, na cidade egípcia de Leontópolis. “Todos eles são entendidos como santuários do Deus de Israel” (KESSLER, 2009, p. 232).

Outro motivo causador do rompimento das relações entre judeus e samaritanos é que os samaritanos possuíam a lei, mas não os escritos proféticos (DOUGLAS, 2006, p. 1222). Aceitavam o Pentateuco como lei de Moisés e como orgulhosos israelitas do norte, os samaritanos dificilmente concordariam com a idéia, classicamente expressa pelo cronista, de que o verdadeiro Israel era o

---

<sup>3</sup> Uma das províncias do Império Persa ou satrapia – divisão do Império

<sup>4</sup> Vários autores referem-se ao “Garisim”, mas a Bíblia ARA - versão utilizada nesta pesquisa faz uso da grafia Gerizim que também será a opção para este trabalho.

remanescente restaurado de Judá (BRIGHT, 2003, p.488). Rejeitaram todas as escrituras sagradas, porque nelas encontravam a glorificação de Jerusalém e da linhagem davídica e até a esperança de um Messias pertencente à casa de Davi, deixando de lado a tribo de José (FOHRER, 2006, p.478). O Pentateuco Samaritano, a despeito de modificações teológicas, é um testemunho importantíssimo acerca do texto original. “Para os samaritanos esse motivo era considerado como orgulho” (DOUGLAS, 2006, p.1223).

Outro fato histórico relevante foi a revolta dos Macabeus. O sucesso deles ocorreu sob a liderança de Judas Macabeu, o terceiro filho de Matatias, chefe das guerrilhas, que adentrou Jerusalém e purificou o templo que tinha sido abominado por Antíoco. A restauração do templo e a adoração a “YHWH” é comemorada com festas. Consequentemente, esses eventos serviram de estímulo para que as revoltas tivessem continuidade, sempre no intento de purificar a raça judaica como menciona o livro dos Macabeus (cf. 1 Mc 5.24-54). Nesse período aconteceu uma furiosa perseguição as minorias judaicas existentes de população mista. Judas elevou o grito: “Combatei hoje por vossos irmãos” (cf. 1 Mc 5.32), e com seu irmão Jônatas levou a efeito expedições bem sucedidas na Transjordânia (DOUGLAS, 2006, p. 810). Nessa ocasião, provavelmente, ocorreu a destruição do templo samaritano do Gerizim em 128 a.C. Como retaliação, nos tempos do procurador Copônio (6-9 d.C), alguns samaritanos profanaram o templo de Jerusalém, durante as festas da Páscoa, espalhando ossos humanos nos átrios. Por isso foi-lhes proibido o acesso ao templo (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 218).

Houve períodos em que os samaritanos foram aceitos como sendo também israelitas, mas considerados “geração tola que habita em Siquém” de acordo com Jesus bem Sirac (Eccl 50.25). Mas segundo Kessler (2009), tudo vai depender como judeus e samaritanos se entendiam e aceitavam um ao outro:

a partir da perspectiva de Judá, um conceito mais amplo de Israel é mais facilmente defensável; segundo este conceito, retornantes da deportação e remanescentes na terra que se agregam àqueles e remanescentes na Babilônia pertencem a Israel. Isso é o conceito do livro de Esdras e Neemias como um todo. A população de Samaria crente em “YHWH” não faz parte deste conceito se não se agregar à exigência de liderança dos retornantes da deportação. Os samaritanos, contudo, mesmo após a separação de Judá, ocorrida de forma oficial somente no período grego, continuam se considerando parte de “Israel” (KESSLER, 2009, p.213).

Conclui-se que as desavenças entre judeus e samaritanos remonta períodos anteriores a divisão do reino. Os samaritanos reivindicaram para si a exclusividade

de “YHWH”. Afirmavam que eram descendentes dos israelitas por permanecerem leais ao Deus de Israel quando a arca do concerto foi depositada em Siló (Jz 18.1) em vez de no Monte Gerizim, que defendiam ser o seu verdadeiro local:

o livro de Josué (8.30 e versículos seguintes) registra que depois da queda de Ai, Josué edificou um santuário no Monte Ebal, e em sua consagração a metade do povo se reuniu perto do santuário enquanto a outra metade do povo se reuniu no Monte Gerizim, que ficava do outro lado de uma passagem estreita. É importante perceber que o santuário que Josué edificou no Monte Ebal foi o único erigido de acordo com as instruções específicas de Moisés (Dt 27.4) (HARRISON, 2010, p.305).

A justificativa supra, fundamentava a afirmação dos samaritanos de que Moisés determinara o local de adoração dos hebreus. Esse lugar com certeza era o Monte Ebal ou o Monte Gerizim e não em Jerusalém. “Esta nunca fora mencionada pelo nome no Pentateuco, mas sim deveria ser lembrada como um território pagão, pois era a fortaleza dos jebuzeus na época de Josué” (HARRISON, 2010, p.305). Estes fatos, após as conquistas realizadas por Josué, faziam o povo samaritano sustentar que o monte Gerizim e o monte Ebal eram os locais designados à adoração de “YHWH”. Para eles a construção de santuários e de templos em Jerusalém representava desobediência e uma perversão aos mandamentos de Moisés. Portanto, “a causa do cisma não foi a oposição samaritana à Lei ou ao Templo de Jerusalém, mas a oposição à reivindicação do Sul de exercer liderança política e religiosa e a Davi como um herói nacional e religioso” (FOHRER, 2006, p. 478).

## 2.3 SAMARITANOS E JUDEUS NOS TEMPOS DE JESUS

O evangelista João relata que Jesus ao sair da Judéia em direção à Galiléia, “tinha que passar por Samaria” (cf. Jo 4.4,5). Poderia ter passado por outro caminho, por exemplo, o vale do Jordão como costume habitual, e, assim, evitar esses “heréticos” denominação dada aos *shomronim* (samaritanos) pelos *iehudim* (judeus) (LELOUP, 2000, p. 223). Contudo, “o itinerário do Cristo não é geográfico, mas teológico. Ele ‘deve’ atravessar a Samaria, pois vai à procura daqueles para os quais não é possível o acesso ao Deus do Templo” (MAGGI, 2013, p. 47)

Chegou a uma aldeia chamada Sicar, que significa bebedeira, mas outrora teria sido a tão conhecida Siquém (ROPS, 2008, p.54). A banal indicação geográfica se carrega de novo sentido. “Na Samaria começa quase o paganismo. Samaria foi vista com hostilidade e desprezo pelos judeus; e ela correspondeu com sua hostilidade”

(BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2556). É assim que viviam estes dois povos nos tempos de Jesus. Hostilidade que remonta (no mais tardar ao longo do século IV antes de nossa era):

do começo do século II antes de nossa era, temos o testemunho das palavras cheias de ódio de Eclo 50, 25-26: “Há duas nações que minha alma detesta e uma terceira que nem sequer é nação [cf. Dt 32,21] : os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo estúpido [cf. Dt 32,31] que mora em Siquém” (*ou seja, os samaritanos*) (JEREMIAS, 1983, p. 465).

O ódio começou nos períodos de conflito pela posse da terra prometida, perpassou os períodos de reinado e invadiu as relações sociais e raciais nos tempos de Jesus como é comprovado pela fala da mulher samaritana: “Como sendo tu judeu, pedes de beber a uma mulher samaritana?” (cf. Jo 4.9). “Palavras que expressam despeito num tom a confirmar que “caridade tem fronteira” (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2556).

O rancor, iniciado nos tempos de Esdras por parte dos judeus que voltavam do exílio, era agora retaliado no Novo Testamento, quando Jesus envia discípulos para lhes preparar pousada numa aldeia de samaritanos a caminho de Jerusalém. Estes reagem com falta de hospitalidade (cf. Lc 9.51-53). “Sua atitude é justificada pelo fato de que Jesus e seus discípulos se dirigiam ao detestado Templo de Jerusalém” (JEREMIAS, 1983).

O templo, lugar de adoração, era o ponto central da discórdia. A profanação do templo de Jerusalém pelos samaritanos e o santuário do Gerizim outrora destruído fazia reacender a aversão continuamente. Os judeus chegaram a chamar os samaritanos de “*cutianos*”<sup>5</sup>, e “samaritanos” tornou-se uma grave injúria na boca de um judeu (JEREMIAS, 1983, p. 467). Eram considerados como “raça de sangue impuro”.

Joaquim Jeremias, em seu estudo sobre a sociedade nos tempos de Cristo, divide as classes sociais principiando pelo clero, depois israelitas de origem pura, seguida pelas “profissões desprezíveis”, como escravos judeus, israelitas ilegítimos, escravos pagãos. Finalmente, diz ele: descendo ao último degrau, chegamos aos samaritanos (JEREMIAS, 1983, p. 464).

---

<sup>5</sup> Povo do país de Cuta (cf. 2 Rs17.30) que foram integrados aos habitantes de Samaria após a deportação para a Babilônia.

Os judeus não se dão com os samaritanos explica o evangelista, expressão que bem poderia ser entendida como sendo: “os judeus não usam nada em comum com os samaritanos”, porque achavam os samaritanos relaxados em sua maneira de entender e viver os rituais de purificação da lei. Eram os impuros cuja lei proibia a convivência da comida e bebida. E como poderia Jesus sendo judeu pedir água a uma mulher samaritana? A surpresa da mulher e a conseqüente elucidação do narrador é sobre o fato de “Jesus pedir para beber água num recipiente samaritano” (BÍBLIA DE GENEVRA – Comentário, 1999, p. 1235). Um provérbio registrado no Talmude, diz o seguinte: “um pedaço de pão dado por um samaritano é mais impuro do que carne de porco” (ROPS, 2008, p. 54).

Falar com alguém em público, sentar-se a mesa, beber, estar junto, eram situações em que um judeu tomava o cuidado para não dar o que falar. “Não se come com qualquer um; cada um come com os seus. Compartilhar a mesma mesa, quer dizer que se pertence ao mesmo grupo. E menos ainda quando se quer observar a santidade própria do verdadeiro Israel” (PAGOLA, 2010, p. 244). Jesus pediu água a samaritana e beberia no recipiente trazido por ela, considerada raça impura que “não estão a par das precisões dos mandamentos” (JEREMIAS, 1983, p. 469).

Os judeus consideravam os samaritanos como povo pagão “desde o berço”, portanto, “sempre impuros em mais alto grau e portadores de impurezas” (JEREMIAS, 1983, p.470). Segundo comentário desse mesmo autor, no entendimento dos judeus, os samaritanos eram considerados desprezíveis e pervertidos, pois não possuíam os mandamentos, nem mesmo vestígios de possuí-lo. “Ben Sirac (cf. Eclo 50.25,26) considerou os samaritanos desprezíveis, colocando-os desdenhosa e escarnecedoramente em nível mais baixo que os edomitas e filisteus, como um povo especialmente execrado de Deus” (BRIGHT, 2003, p. 529).

Esse conceito é revertido através dos escritos do Novo Testamento quando o evangelista Lucas traduziu o modo como Jesus exaltou os samaritanos. Chocou seus ouvintes judeus que foram colocados em nível de comparação com os considerados pagãos, os samaritanos, sendo estes considerados em grau mais elevado. “Deve ter sido humilhante para eles, o exemplo da gratidão (cf. Lc 17.17-19) e do amor ao próximo que vence o ódio nacional há tanto tempo enraizado (cf. Lc 10.30-37)” (JEREMIAS, 1983, p. 472).

Diante de todo esse contexto, não é de se estranhar que para os judeus, ver Jesus dialogando com a samaritana junto ao poço de Jacó, bem próximo a Sicar, no mínimo, é cena degradante.

## 2.4 A CONDIÇÃO DAS MULHERES NOS TEMPOS DE JESUS

Quando o evangelista João apresenta a mulher, simplesmente a insere na narrativa como sendo a mulher samaritana – talvez com o intuito de torná-la representante de toda a Samaria, pois ela permanece sem nome até o final da narrativa. Seu anonimato e a admiração dos discípulos ao retornarem da cidade e virem Jesus conversando com uma mulher (cf. Jo 4.27), denota todo o preconceito e discriminação que sofria a mulher nos tempos de Jesus. Esse preconceito estava fundamentado no Antigo Testamento que tinha percepções distintas para com o gênero feminino e masculino como é o exemplo da “lei que condena a mulher adúltera a ser apedrejada. A poligamia é tolerada para os homens e até bem vista: Salomão tinha ‘setecentas esposas de estirpe *princepesca* e trezentas concubinas” (GANGE, 2007, p.24).

As mulheres, além de serem submissas aos homens, eram consideradas muito inferiores a eles. Tinham sido criadas por Deus com o propósito tão somente de procriar e servir ao homem. Este era um forte motivo que levava o homem a agradecer diariamente a Deus por não ter nascido mulher, nem pagão, nem operário (ROPS, 2008, p.147).

Elas tinham seus lugares separados no templo, nas sinagogas, e em suas próprias casas não podiam se sentar a mesa durante as refeições. Enquanto os homens comiam, elas deveriam servir a mesa. Passavam a maior parte de suas vidas nos ambientes domésticos e quando saiam de casa, nunca saiam sem véu para não se exporem (BÍBLIA DA MULHER – Comentário, 2004, p. 1310). Isto se confirma no Antigo Testamento nos escritos de Ben Sirac e através das narrações de Tobias que apresentam a estrutura da família patriarcal como ideal, projetando a posição do homem como atuante no espaço público e confinando a mulher ao espaço doméstico (KESSLER, 2009, p. 218).

Segundo ensinamentos transmitidos de geração em geração, a mulher era vista como fonte sempre perigosa de tentação e pecado – foi ela que deu do fruto proibido ao homem causando-lhes a expulsão do paraíso. Os homens deviam

aproximar-se dela com muita cautela. A isto se acrescentava toda regra de pureza sexual que via na mulher um ser totalmente impuro durante o período da menstruação e nos períodos pós parto. Pessoas e objetos por ela tocados ficavam consequentemente contaminados e impuros, razão pela qual as mulheres eram excluídas do sacerdócio, da participação plena no culto e do acesso às áreas mais sagradas do templo (PAGOLA, 2010, p.257). Eram confinadas porque os homens as consideravam como seres mais vulneráveis que deviam ser protegidas de agressão sexual de outros varões e defendidas publicamente para que a honra e reputação da família fosse mantida. No tocante as mulheres, era mais seguro encerrá-las em casa para que guardassem melhor sua honra sexual. Assim todos podiam viver mais tranquilos nas aldeias (PAGOLA, 2010, p. 257).

No Judaísmo, a mulher vivia numa posição de marginalidade que não dizia respeito somente a questão social e moral, mas atingia também o aspecto religioso. Alguns rabinos chegavam aos extremos de afirmar que as mulheres não tinham alma. Não era permitido que as mulheres estudassem a lei. Não tinham permissão de tomar parte ativa nos cultos religiosos dos judeus:

no templo, ela só podia entrar até o átrio das mulheres. Em suas obrigações religiosas ela é equiparada ao escravo; ela não precisa, por exemplo, orar o *Shema* 'pela manhã e à noite, porque, como o escravo, ela não era dona do seu tempo' (JEREMIAS, 2008, p. 330).

Elas não tinham posição oficial na religião, portanto não precisavam aprender a Lei. “Seria melhor ver a *Torah* queimada,” afirmou um doutor exaltado, “do que ouvir suas palavras dos lábios das mulheres” (ROPS, 2008, p.130).

Entretanto, o mesmo tratado do *Talmude* que impedia a entrada de meninas na escola, continha esta máxima sábia: “Todo o homem deve ensinar a Torá a sua filha” (ROPS, 2008, p.130). Essa premissa dá-nos uma breve noção sobre o entendimento de Maria quando em seu cântico de exaltação após o anúncio que seria a mãe do Cristo mencionou vários textos dos Salmos e da Lei. Com certeza, ela tinha aprendido com seus pais acerca da Lei e dos profetas. Foi na escola do lar em que Maria foi ensinada que a tornou capaz de instruir o filho Jesus nas Santas Escrituras, pois somente aquelas mulheres que conheciam muito bem a Lei é que poderiam instruir seus filhos e instar os maridos a cumprirem suas obrigações religiosas (ROPS, 2008, p. 149).

A mulher também era concebida como propriedade do marido juntamente com suas demais posses. Isto ocorreu pelo entendimento exagerado dos preceitos

do decálogo quando Deus proibiu a cobiça em relação a casa, o servo e a serva, o boi, o jumento ou qualquer outra coisa de seu próximo inclusive a “mulher do próximo”. Em virtude de uma maneira de interpretar esse mandamento, o homem entendeu que a mulher também era um bem que lhe pertencia. A esposa era uma possessão excessivamente valiosa e ninguém mais tinha o direito de tocá-la (ROPS, 2008, p. 147).

Além de ser considerada propriedade do marido, também era do pai antes de se casar. Sempre pertencia a alguém. Ao pai, um irmão, marido ou filho ela sempre devia sujeição. Quando jovem passava do controle do pai ao do esposo. Seu pai podia vendê-la como escrava para pagar as dívidas, mas não podia fazer o mesmo com o filho, que estava destinado a assegurar a continuidade da família (PAGOLA, 2010, p. 67). No entanto, salvo se não tivessem meninas na família, os filhos seriam entregues como pagamento das dívidas. Essa é a situação vivida pela viúva que vem reclamar ao profeta Elizeu sua condição de desgraça em que teria de pagar as dívidas do marido entregando seus dois filhos aos credores (cf. 2 Rs 4.1-7).

As regras no tocante a propriedade, ao casamento e ao adultério continuavam valendo nos dias de Cristo, fato demonstrado no discurso de Jesus sobre o adultério e a dureza do coração do homem. O homem podia repudiar a esposa quando bem quisesse. Vale lembrar que no ambiente judaico o direito de desfazer um casamento repousava unilateralmente nas mãos do marido (JEREMIAS, 2008, p.328) Nos dias de Cristo havia duas escolas que se posicionavam diferentemente com relação ao divórcio: uma era a escola do rabi Shammai que ao interpretar o texto de Deuteronômio, permitia ao homem se divorciar de sua esposa somente em caso de adultério.

Outra escola era do rabi Hilel que defendia a tese de que o marido poderia repudiar sua esposa por qualquer motivo, ensinando que o homem poderia mandá-la embora até se ela deixasse queimar a sopa, ou se encontrasse outra *mulher*<sup>6</sup> que lhe agradasse mais (COLEMAN, 1991, p.109). Segundo este mesmo rabi, o homem nem precisava citar o motivo pelo qual queria se divorciar da esposa, atitude que muitas vezes era prontamente aceita pela sociedade patriarcal e “machista” da época, uma vez que os homens não se importavam com a dignidade das mulheres. Neste contexto de desprezo e abandono, as mulheres repudiadas e as viúvas

---

<sup>6</sup> Grifo do autor

ficavam sem honra, sem bens e sem proteção, ao menos até encontrar um varão que se encarregasse delas (PAGOLA, 2010, p. 67).

A sociedade nos tempos de Jesus continuava sendo de estrutura patriarcal destinando as mulheres à inferioridade e à submissão. Jesus, porém, foi diferente dos homens de sua época. Ele reagiu contra a marginalização das mulheres. “A atitude de Jesus diante das mulheres e do feminino não reflete em nada a misoginia dos redatores do Antigo Testamento”, também “não partilhava os horrores impostos a elas” (GANGE, 2007, p. 23).

As mulheres eram atraídas por Jesus e o seguiam juntamente com a multidão de discípulos. “Este fato excepcional da presença das mulheres ao lado de Jesus só podia aparecer como revolucionário, insólito, tanto para os romanos e, sobretudo para os judeus patriarcais” (GANGE, 2007, p. 24).

Jesus se mostrava amigo e complacente com as mulheres e se opunha totalmente aos costumes machistas de seu tempo. Machismo fundamentado na Lei que tinha a mulher como alvo de toda a repressão. Exemplo disso é o caso de adultério (mencionado acima como no caso da poligamia de Salomão) que em relação às mulheres, “era considerado um verdadeiro crime, punido de morte. Jesus opõe uma lógica de justiça e uma retidão tranquila: Quem pode fazer-se o juiz do outro? Quem nunca cometeu atos repreensíveis?” (GANGE, 2007, p. 24).

Quando uma mulher adúltera é levada até Jesus para ser apedrejada, Ele reage de forma que os acusadores saem da sua presença se sentindo condenados por seus próprios pecados. Quanto à mulher, ele a libera e perdoa: “Vai e não peques mais” (cf. Jo 8.11). Em outro episódio Jesus é tocado por uma mulher que sofria de hemorragias menstruais severas há doze anos, provavelmente ela estava excluída por todo esse tempo de qualquer convívio social e familiar. Sua enfermidade a tornava impura diante das leis cerimoniais. Jesus questiona a multidão que o aperta com a intenção de incluir a mulher marginalizada, ele a cura e ainda lhe dirige algumas palavras de consolo. (cf. Lc 8.43-48 e Lv 15.25).

Houve circunstâncias em que Jesus foi hospedado por mulheres. Ele não se sentiu incomodado com a presença delas quando ficavam aos seus pés ouvindo seus ensinamentos. Isso ocorreu na casa de Marta e Maria (cf. Lc 10.39). Permitiu que mulheres o acompanhassem em suas viagens apostólicas e o ajudassem com seus bens (cf. Lc 8.1-3). Jesus agiu com as mulheres, introduzindo algumas mudanças significativas em seu comportamento pessoal com elas. Mas como fazia

parte de uma sociedade patriarcal, nada pode fazer com relação a mudanças jurídicas (FERNANDEZ, 2008, p.58).

Jesus rompeu preconceitos impostos pela lei no que diz respeito à pureza ou impureza com relação às mulheres da mesma forma como procedia com outros grupos sociais como publicanos, leprosos, enfermos e até mortos – quando os tocou. Jesus tem compaixão de quem se aproxima. Jesus, o enviado do Pai, veio para evangelizar os pobres, curar os quebrantados de coração, pregar liberdade aos cativos, restaurar a vista dos cegos, pôr em liberdade os oprimidos (cf. Lc 4.18,19). Entre os marginalizados se encontravam as mulheres, que Jesus acolheu e incluiu:

Jesus não usa de reserva para falar em público com a samaritana (Jo 4.27); [...] cura uma mulher encurvada em dia de sábado, chamando-a de “filha de Abraão” (Lc 13.10-16); [...] deixa-se beijar os pés e ungi-los com perfume por uma mulher pública, para grande escândalo do fariseu que o convidou e dos demais comensais (Lc 7.36-50); cura a sogra de Pedro e a toma pela mão (Mc 1.29-31); deixa que seja ungida sua cabeça em Betânia, na casa de Simão, com um perfume caríssimo, e defende a mulher que realizou essa ação (Mc 14.3-9) (FERNANDEZ, 2008, p. 60).

A atitude de Jesus tira as mulheres da marginalidade, incluindo-as como participantes do Reino de Deus. Ele lhes deu a missão de serem anunciadoras das boas novas de paz e salvação:

Jesus levou a mulher muito a sério. Ele a considerou como pessoa, como um interlocutor válido, digno das confidências mais íntimas. [...] A atitude de Jesus em relação à mulher é absolutamente única. [...] Jesus mostra-se livre de qualquer preconceito, fala às mulheres como fala aos homens, com o mesmo respeito, a mesma confiança, as mesmas exigências e as mesmas promessas (TOURNIER, 2005, p. 144).

O modo como Jesus tratou as mulheres e os excluídos o fez cumpridor por excelência do grande amor do Pai, cujo lema é não fazer acepção de pessoas, mas amar a todos sem distinção. Segundo Tournier, Jesus manifestou com clareza que sentia a injustiça dos homens contra as mulheres naquela sociedade (2007, p. 144). “Jesus cerca-se de mulheres, conversa com elas, considera-as como pessoas inteiras, sobretudo quando são desprezadas” (JEAN DELUMEAU, 1978, APUD TOURNIER, 2007, p. 144).

A condição da mulher durante o ministério de Jesus começou ter uma nova dimensão. Ela passou a fazer parte da comunidade dos bem amados. Tornou-se participante da identificação com Cristo, de seu ministério, vida, morte, ressurreição, até poderem ser chamadas de corpo de Cristo. Todos são identificados com o ato redentor, do Cristo histórico e ressuscitado, as mulheres e os homens juntos

constituem um só corpo que vive através de, em, e com Cristo (JOHNSON, 1995, p. 113):

mulheres vivenciaram gestos, palavras e ações libertadoras com Jesus. Podemos falar da construção de uma teologia relacional, visto que experiências de cura, perdão, de ensino aprendizagem, de restauração da dignidade de viver colocavam Jesus em relação com mulheres e outras pessoas, e igualmente colocavam mulheres e outras pessoas em relação a Jesus. [...] Essa relação se estabelecia por meio da fé e da graça. A gratuidade da relação é característica marcante na práxis libertadora de Jesus e na práxis libertadora da mulheres (REIMER, 2013, p. 73)

O relacionamento de Jesus com as mulheres, retratado pelo evangelista João dará uma visão ainda que tênue sobre a comunidade joanina e como era a participação dela nessa comunidade.

Encontramos o narrador fazendo menção de Marta servindo à mesa (*diakonein*)<sup>7</sup> (cf. Jo 12.2), fato que nos tempos de Jesus pode parecer pouco expressivo, no entanto, sua simples citação no período em que o escrito joanino está sendo concebido é uma mostra de uma perspectiva com relação a valorização do gênero feminino. É final do primeiro século, aproximadamente o ano 90 d.C, quando o serviço diaconal já existia nas igrejas de acordo com as cartas paulinas. A função dos diáconos (*diakonos*) era específica e necessitava que os líderes da comunidade impusessem as mãos sobre aqueles que exerceriam tal função. Portanto, “na comunidade joanina a mulher poderia exercer uma função que em outras igrejas era função de pessoa ‘ordenada’” (BROWN, 1999, p.197).

João destaca papel importante confiado às mulheres referindo-se a “*apóstola*” que se revela na história da samaritana. Jesus, explicando sobre a semeadura e colheita dos campos, diz: “Um é o que semeia, outro é o que ceifa” (cf. Jo 4.37). Jesus explica isso a seus discípulos (homens): “Eu vos enviei (*apostellein*)<sup>8</sup> a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes nos seus trabalhos” (cf. Jo 4.38). A própria narrativa de Jo 4 leva-nos a entender que a mulher semeou a semente preparando assim a colheita apostólica (BROWN, 1999, p. 199):

---

<sup>7</sup> Termo derivado de diakoneo. Ser um atendente, i.e., esperar algo (de forma servil, ou como um anfitrião, amigo ou [de modo figurado] mestre); em sentido técnico, atuar como um diácono cristão: - (ad.) ministrar, servir, utilizar o ofício de diácono. Servir uma mesa, Ministrar as necessidades (Bíblia de Estudo: Palavras Chave, Dicionário do Novo Testamento, 2009, p. 2141),

<sup>8</sup> Termo derivado de apostole, pessoa enviada, enviado, apóstolo, embaixador, Vem de apostellô que significa colocar à parte, i.e., (por implicação) enviar para fora (mais especificamente, em missão) (Bíblia de Estudo: Palavras Chave, Dicionário do Novo Testamento, 2009, p. 2087).

à samaritana, desprezada por ser mulher, estrangeira, impura e de má conduta, Jesus se revela como Messias, afirmação que havia negado aos homens. Essa revelação é acolhida pela samaritana, por causa dela (cf. Jo 4.39). Mais uma vez, o evangelho mostra uma mulher anunciando a Boa Nova de Jesus. Tanto a samaritana como Maria Madalena são enviadas como missionárias em igualdade de condições com os homens (CNBB, 1990, p. 86).

O próprio Jesus comissiona Maria Madalena como anunciadora da ressurreição: “Vi o Senhor”. É um exemplo sublime de apostolado! Verdadeiramente, não se trata de uma missão a todo o mundo, mas, Maria Madalena aproxima-se dos requisitos paulinos básicos de um apóstolo. Segundo João é ela, e não Pedro, que vê primeiro Jesus ressuscitado (BROWN, 1999, p. 200).

As comunidades cristãs do primeiro século davam a Pedro a devida importância por ter sido o primeiro a ver Jesus ressuscitado, e também a ele e aos demais discípulos, a honra por terem confessado Jesus como o Cristo Filho do Deus Vivo. No entanto, para a comunidade joanina essas confissões e o privilégio do encontro com o ressuscitado se associavam com heroínas como Marta e Maria Madalena (BROWN, 1999, p. 201). Marta no encontro com Jesus por ocasião da morte de Lázaro - fazia quatro dias que este fora sepultado -, quando ouve as palavras consoladoras do mestre que seu irmão haveria de ressuscitar: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?” (cf. Jo. 11.25,26), faz uma confissão de elevada importância: “Tu és o Cristo Filho de Deus” (cf. Jo 11.27). Sua confissão revela função eclesial e ministerial na comunidade atribuída a homens e mulheres simultaneamente como discípulos e discípulas, alvos do amor do mestre.

O amor de Jesus é envolvente e se manifesta num movimento de renovação em relação às mulheres:

elas eram acolhidas apesar dos gestos e palavras exclusivos aí existentes, eram libertas de vários males, doenças e opressões, eram tidas por discípulas agraciadas pelo amor de Deus e que largavam suas antigas formas de vida para se colocar no seguimento de Jesus (REIMER, 2013, p. 74).

Passavam a participar do rebanho do bom Pastor. Eram chamadas pelo nome e reconheciam quem as chamava. É o que acontece com Maria no Horto da Ressurreição: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre) (cf. Jo 20.16). O mesmo acontece com Pedro. Atento reconhece a voz do Senhor e se lança ao mar quando Jesus vai ao encontro deles no mar de Tiberíades (cf. Mt 14.28,29). Segundo Brown (1999), são as ovelhas que ouvem a voz do bom Pastor.

No evangelho de João, as ovelhas ouvem a voz de Jesus e obedecem para a missão. Essa missão inclui a todos na comunidade joanina. Segundo Brown as ovelhas são identificadas como sendo de Jesus. E Jesus “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (cf. Jo 13.1). É claro que João não hesitava em absoluto colocar uma mulher na mesma categoria de relacionamento com o Jesus dos doze, todos são incluídos entre “os seus” (BROWN, 1999, p.202):

pelo seu ministério, Jesus libera uma esperança, uma visão e uma experiência de libertação do relacionamento que a mulher, que é a menor em qualquer classe, bem como o homem, possam provocar como antítese do patriarcado. A mulher interage com Jesus no respeito mútuo, no apoio, no conforto e no desafio, e ela mesma é dotada de atos de compaixão, de ação de graças e de coragem [...] Novas possibilidades de relacionamento modelado segundo o serviço mútuo da amizade, em lugar do domínio e da subordinação que imperam entre homem e mulher que agora respondem e passam a fazer parte do grupo de amigos de Jesus. Agora forma uma comunidade de discípulos onde todos se consideram iguais entre si (JOHNSON, 1995, p. 232).

Para a mulher, estar incluída entre os seus, significa estar no mesmo nível de igualdade para desfrutar de seu amor. Ser de Jesus é participar de sua missão concedida a homens e mulheres sem distinção.

## 2.5 A COMUNIDADE JOANINA E SEUS CONFLITOS

A comunidade joanina se inicia como uma comunidade judaica, originária dos judeus seguidores de Jesus, com perspectivas messiânicas, proveniente dos doze apóstolos. Para o evangelista João, “são os discípulos de João Batista (cf.1.35-51) que constituem os principais seguidores de Jesus até Jo 4.4-42 quando se converte um grande grupo de samaritanos” (BROWN, 1999, p. 38). De acordo com a própria narrativa joanina, Brown aponta as discussões em torno de quem é Jesus, se veio de Deus ou se tem demônio, porque o apontam como sendo um dos samaritanos (cf. Jo 8.48). Nessa comunidade, o conflito entre os chefes religiosos era acentuado:

manifestava o alarme para a periculosidade de Jesus, que devia ser combatido e eliminado como inimigo de Deus (endemoninhado) e do (povo). Somente um louco, um endemoninhado, podia, com efeito, denunciar os chefes religiosos como filhos do diabo e assassinos (Jo 8.44) e desejar o fim da instituição religiosa que se acreditava fosse desejada pelo próprio Deus. Os adversários de Jesus, filho de Deus, serão justamente os chefes religiosos, aqueles que fizeram da religião o sistema para satisfazer as próprias ambições frustradas, tornando Deus o pedestal para o próprio desejo de prestígio (MAGGI, 2013, p. 13).

As hostilidades por parte dos chefes da sinagoga e questões sobre o lugar da adoração, se em Jerusalém ou no Gerizim, dão indícios de que a comunidade joanina foi composta por judeus com opiniões formadas sobre o templo e

samaritanos convertidos ao cristianismo. E a igreja joanina incorporou membros judeus e samaritanos que tinham uma elevada piedade mosaica (BROWN, 1999, p.39).

Justificando a origem judaica, percebe-se uma comunidade enraizada no judaísmo onde o Pai de Jesus é o Deus dos judeus e a *cristologia*<sup>9</sup> do evangelho é fundamentalmente judaica. Os títulos messiânicos aplicados a Jesus: Filho de Deus, Messias, aquele sobre quem escreveu Moisés, o que foi visto por Abraão, por Isaías (TUÑI, 2007, p. 129), são referências ao judaísmo palestino que não se identifica com o judaísmo oficial farisaico surgindo também polêmicas em torno dos temas centrais como a Lei, o culto e as sinagogas.

A perspectiva de que a comunidade joanina é aberta a outros grupos, como o de samaritanos, se dá pelas menções de títulos messiânicos: Salvador do mundo, Messias que há de vir (o Taheb ou Messias segundo a tradição samaritana, cf. “o profeta” das tradições do Pentateuco, preferencialmente do Deuterônomo), Verdade (em relação com o Espírito da verdade). E também pelo fato de que João se utiliza de um esquema dualista para apresentar grandes temas fugindo da tradição mais antiga onde podemos afirmar que ele tenha utilizado este esquema dualista como esquema de fundo de sua apresentação cristológica e que o *dualismo*<sup>10</sup> é também chave para compreender Qumrán e sua significação (TUÑI, 2007, p. 130).

Esta comunidade, portanto viveu dois momentos distintos de seu desenvolvimento. O primeiro denominado de “*baixa cristologia*”<sup>11</sup> que envolve a

---

<sup>9</sup> Ramo da Teologia que trata sobre Cristo. Seus dois temas tradicionais têm sido a pessoa de Cristo (quem Ele é) e sua obra (como nos salva - *soteriologia*) (González, 2009, p.78). No entanto, uma vez que sua principal obra foi seu sacrifício na cruz, a *soteriologia* normalmente é estudada separada da *cristologia* (Ryrie, 2004, p.274).

<sup>10</sup> Noção que há duas fontes do ser. Nos casos mais extremos, o dualismo vê esses dois princípios como eternamente opostos entre si. A forma mais clássica é o maniqueísmo que sustenta a idéia do nosso mundo presente ser uma mistura dos princípios luz e trevas. A luta pela salvação é o processo pelo qual estão sendo separados, até cada um ser confinado no próprio espaço (cf. González, 2009, p. 98). Segundo Konings, o quarto Evangelho apresenta um dualismo ou simbolismo bipolar representado como: em cima/embaixo, carne/espírito, luz/trevas, verdade/mentira, vida/morte (2005, p.21).

<sup>11</sup> Baixa e Alta ou Elevada Cristologia – “*Baixa Cristologia*” envolve a interpretação referente aos títulos designados a Jesus oriundos do antigo Testamento ou expectativas intertestamentárias (por exemplo, Messias, profeta, servo, senhor, Filho de Deus) – títulos que em si não implicam divindade. (“filho de Deus” significando representante divino, era uma designação do rei; veja 2 Sm 7.14; “senhor” não precisa significar mais que “chefe”). “*Alta ou Elevada Cristologia*” envolve uma apreciação de Jesus que o coloca na esfera da divindade expressa, por exemplo, num emprego mais exaltado de Senhor e Filho de Deus, assim como designação “Deus” (Brown, 1999, p. 25). Segundo

aplicação a Jesus de títulos derivados do Antigo Testamento ou expectativas intertestamentárias (por exemplo, Messias, profeta, servo, senhor, filho de Deus), títulos em si que não implicam divindade (BROWN, 1999, p.25). Filho de Deus no Antigo Testamento é perfeitamente entendido como uma alusão ao rei, ou, ao profeta, o homem que fala em nome de Deus. Nessa primeira fase da “*baixa cristologia*”, temos o exemplo de André, após seu encontro com Jesus, sai a anunciar ao irmão Simão que encontrou o Messias, o Cristo (cf. Jo 1.41).

Para o segundo momento ou fase temos o exemplo de Natanael quando exclama diante da admiração por Jesus tê-lo visto debaixo da figueira: “Mestre, Tu é o filho de Deus, Tu és o Rei de Israel” (Jo 1.49). Essa afirmação aponta para a “*alta cristologia*”<sup>12</sup> da comunidade em que o evangelista descreve com satisfação (cf. Jo 20.31):

“estes (sinais), porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”. Para o evangelista joanino, a “*elevada cristologia*” de sua comunidade, põe em relevo a significação verdadeira, mais profunda das confissões originais (BROWN, 1999, p.29).

A cristologia joanina pode ser chamada de a mais elevada do Novo Testamento. Nela, Jesus se identifica como Deus quando se autodenomina “Eu sou” aquele que existia antes de Abraão, o Verbo preexistente, encarnado:

Jesus utiliza a expressão “Eu Sou” para indicar em primeiro lugar a identidade de sua pessoa com diversos símbolos ou imagens veterotestamentários que indicam a época messiânica como a época da plenitude: Jesus diz que ele é o maná, a luz, o pastor, a vida, a porta, o caminho, etc.; [...] *indicando* estar se apropriando do predicado divino (8.21,24,28,etc) (TUÑÍ, 2007, p. 76).

Neste aspecto, segundo o autor supra, o leitor tem a impressão que o narrador e a comunidade são igualmente Jesus. “Às vezes não sabemos se quem fala é ‘Jesus’ ou o narrador; (cf Jo 3.11-12; 31-36)” (TUÑÍ, 2007, p. 76). O Jesus ressuscitado concede vida eterna, luz e verdade. “Através das observações do narrador ficamos sabendo que quando Jesus se refere ao templo, Ele realiza em sua morte a ‘profecia’ sobre o cordeiro pascal” (TUÑÍ, 2007, p. 76). São estas questões que apontam para os conflitos da comunidade composta por judeus. Estes aceitam com relutância a existência de um Jesus, chamado de Messias. Mas não podiam tolerar a pretensão destes cristãos ao afirmarem ser Jesus igual a Deus. Para os judeus ortodoxos era como se esta nova comunidade de judeus convertidos ao cristianismo

---

Brown, a comunidade joanina viveu dois momentos específicos: o primeiro denominado de “Baixa Cristologia” e o segundo de “Alta Cristologia”

<sup>12</sup> Vide nota anterior sobre baixa e alta cristologia.

estivesse apresentando um novo Deus. “Essa comunidade era muito mais ‘intragável’ para o judaísmo dominante que o grupo do Batista, que não põe em xeque seus conceitos nem confessa Jesus como ‘filho de Deus’ (cf.5.18; 10.30)” (KONINGS, 2005, p.124). É uma nova religião separada do judaísmo. Esse era motivo suficiente para que fossem expulsos da sinagoga.

Segundo Brown (1999), a comunidade do cristianismo joanino, mesmo sendo expulsa e perseguida não ficou órfã porque João os adverte com as palavras consoladoras de Jesus: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Jo 14.16). Fundamentados nessa esperança deveriam confiar e não ter corações perturbados.

Por sua vez, quando cristãos judeus foram rejeitados e expulsos de sua comunidade judaica formaram a comunidade joanina. A expulsão dos cristãos das sinagogas foi uma medida disciplinar que os judeus empreenderam contra os cristãos. A partir da famosa reunião de Jamnia (aproximadamente no ano 85), no final do século I os cristãos estavam impedidos de frequentar as reuniões dos judeus (TUÑI, 2007, p. 49). A comunidade recebeu um grande número de gentios. Esses fatos são comprovados quando o autor se detém em explicar termos que somente eram conhecidos pelos judeus, como por exemplo: “Messias” e “Rabi”.

A preocupação joanina consistia em mostrar aos novos crentes que a participação no Reino se concretizava através do novo nascimento e não através da descendência de sangue israelita. É o que revela o diálogo com Nicodemos: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho único para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha vida eterna” (Jo 3.16). “Todo aquele” são os gentios espalhados pelo mundo como afirma João no versículo 17 do mesmo capítulo. Os crentes da comunidade joanina, são todos gerados por Deus. João desvincula a existência dos crentes de todas as condições históricas de sangue e propaga uma família dei universal (SCHNELLE, 2010, p.864).

Verifica-se que quando o evangelho foi escrito, a comunidade joanina estava empenhada numa disputa com os seguidores de João Batista. Esses rejeitavam Jesus e afirmavam que seu mestre era o Messias ou pelo menos o enviado de Deus (BROWN, 1999, p.30). Neste período, a comunidade joanina sofria perseguições por parte dos judeus. Muitos eram expulsos das sinagogas e outros tinham dificuldades com os gentios, chamados pagãos ou deste mundo. Por estas razões é uma comunidade estranha no mundo, o amor interno vivido por ela é suficiente para dar

alegria e paz. A comunidade da comunhão entre irmãos e irmãs causava o furor dos pagãos.

Outra peculiaridade desta comunidade é a infiltração do “*docetismo*”<sup>13</sup>, caracterizado como uma cristologia monofisita. Essa doutrina negava a corporeidade do Filho de Deus e foi discutida na escola joanina. Sua abordagem era sobre a humanidade e deidade de Jesus, cujo reflexo era da própria comunidade que sofria os embates de adversários. Estes negavam a identidade soteriológica entre o Jesus terreno e o Cristo celeste (SCHNELLE, 2010, p.888).

A comunidade joanina situa-se no final do primeiro século. A questão relevante era entender Jesus através dos eventos de seu ministério, morte e ressurreição. As atividades de Jesus na terra, seus milagres e discursos, seguido por sua morte e ressurreição eram temas que impulsionaram os cristãos a viverem em Cristo e por Cristo proclamando sua mensagem. “O Reino de Deus fora manifesto e se fazia presente”. Cristo surge no primitivo pensamento cristão não apenas como o portador do reino, mas também como aquele em quem os fiéis descobrem sua verdadeira identidade (WALKER, 2006, p.49). Sendo a primícia dos que dormem, o Cristo ressuscitado também é entendido e proclamado como a Sabedoria detentora do governo universal de Deus desde o principio da criação. É a lógica deste tema que delineia a cristologia do quarto evangelho:

a Sabedoria divina é determinante da compreensão de Jesus. A Sabedoria agora surge como o *logos*, a “Palavra” de Deus. O Logos préexistente à própria criação, estando “no principio... com Deus”. Como a própria auto expressão de Deus, o Logos é tanto divino como criador: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Este mesmo Logos, entretanto, que é o poder criador de Deus também é o portador da vida divina e a “verdadeira luz” – em uma palavra, o poder de Deus para redenção. O poder salvífico de Jesus, então, o fato de que nele a “graça e verdade” de Deus são concretizados e tornadas disponíveis para aqueles que o amam e guardam suas palavras [...] “A palavra se fez carne e habitou entre nós.” (WALKER, 2006, p.50)

Habitou entre os homens um Jesus concreto, um judeu (cf. Jo 4.9), que segundo Tuñi (2007), reage violentamente diante dos abusos no templo, se afadiga, foge, esconde-se, vive como um perseguido, tem amigos, chora, angustia-se, tem sede. O homem Jesus apresentado pelo narrador joanino preocupado com a

---

<sup>13</sup> No final do primeiro século, Marcião e os gnósticos ensinaram que Cristo apenas parecia ser homem (no grego *dokeo*, parecer ou aparentar). O apóstolo João referiu-se a esse falso ensinamento em I João 4:1-3. Essa heresia desafia não apenas a realidade da encarnação, mas também a validade do sacrifício e da ressurreição corpórea (Ryrie, 2004, p. 288).

sociedade de seu tempo na Palestina do primeiro século, cujas características são as seguintes:

1. Ostensiva hostilidade entre judeus e samaritanos (4.9);
2. Galiléia menosprezada (7.52), com seu rei Herodes Antipas (4.46);
3. Multidões preparadas para aventuras messiânicas (6.14,15);
4. Mundo judaico com seus costumes religiosos, suas purificações, seus costumes funerários, suas proibições (2.6;3.25;11.38-55; 12.7;13.4-5;19.31,40);
5. Vida judaica centralizada em Jerusalém por ocasião das festas de peregrinação (2.13;5.1;7.2,10;10.22;11.55);
6. Jerusalém cheia de peregrinos (12.20);
7. Fariseus que desprezavam o povo simples (7.49);
8. Templo em reconstrução (2.20) cheio de traficantes e vendedores (2.13-15);
9. A Jerusalém sob o jugo dos romanos (19.18-31) (cf. TUÑI, 2007, p.77)

A comunidade joanina tem familiaridade com o Antigo Testamento e os costumes judaicos, mas procura sua própria identidade. Vive seus questionamentos e dúvidas: ora está sendo perseguida e odiada pelos do mundo, os pagãos; ora em conflito com o mundo judaico que a oprime e persegue. Vive em meio a estes dois mundos, mas separada deles, não por questões de observância, mas pela fé em Jesus Cristo (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2544), que já se manifestou através da experiência mística e ação do Espírito e nunca a deixará só.

### 3. ABORDAGEM LITERÁRIA

O quarto evangelista tem seu estilo próprio de narração e formulação (HARRINGTON, 1985). Enquanto os sinóticos apresentam Jesus com linguagem simples e viva através de imagens e parábolas representando o cotidiano, a narrativa joanina se apresenta “com discursos profundamente teológicos” (HARRINGTON, 1985, p. 593) e “símbolos de perspectiva profunda” (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2555), cujo enfoque é a pessoa de Jesus Cristo. O principal interesse de João é delinear ousadamente a majestosa figura do portador escatológico da revelação e da salvação (HARRINGTON, 1985, p. 595).

Jesus é o grande tema de João 4, que segundo Schokel:

a principio Jesus aparece sobre o pano de fundo patriarcal, doador de um dom tão precioso para os patriarcas como a água. Segundo: Jesus é um profeta (v.18): porque advinha uns fatos ou porque denuncia uma conduta? Terceiro: Jesus é o Messias que também os samaritanos esperam (v.26). Quarto: é o Salvador do mundo na confissão dos samaritanos (v.42) (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2555).

Água, alimento e espírito são os outros temas entrelaçados com o Logos que se fez carne e caminhou entre os homens. Logos que dispensou à mulher a “água viva”, saciou-lhe a sede e a fez precursora da salvação a todos de sua aldeia. “O Jesus terrestre é entendido como o Cristo e continua a estar presente em sua comunidade; na pregação, no culto e nos sacramentos ele é o *“Cristus praesens”* (HARRINGTON, 1985, p. 595). Depois de morto foi ressuscitado e mesmo após assunto ao céu, se faz presente através das pessoas que levam seu nome e se identificam com Ele. Sua presença na comunidade mantém a união através da comunhão.

#### 3.1 DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE E SUA ESTRUTURA

O capítulo 4 do evangelho de São João é um texto extenso que abrange quarenta e dois versículos. Tem seu início com a disposição de Jesus em ir para a Galiléia (v. 1-3), iniciativa que ele conclui no versículo 45 quando chega ao seu destino. Induzido por forças circunstanciais, Jesus passa por Samaria, e se detém junto à fonte de Jacó para descansar.

A narrativa é um complexo desenrolar de algumas perícopes entrelaçadas harmoniosamente. Essas perícopes formam uma narrativa bem ordenada como se

fosse um quadro emoldurado. O diálogo entre Jesus e a mulher samaritana é a pintura dos personagens principais junto ao poço de Jacó. Sua moldura são os movimentos de ir e vir dos atores coadjuvantes: os discípulos saem para comprar alimento e voltam; a harmonia de movimento se completa com chegada de Jesus e a mulher junto ao poço. A delimitação da perícopes principal é o principio em torno da água que sacia a sede. A conclusão da perícopes dialogal acontece com a saída esfuziante da mulher que correu a sua aldeia para proclamar a mensagem aos seus compatriotas. A unidade da perícopes é marcada pela chegada a Samaria e a saída para a Galiléia (cf. Jo 4.3 e 4.43) (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 217):

depois da evocação da novidade cristã no contexto do judaísmo rabínico farisaico (Nicodemos) e no contexto do *“judaísmo joanita”* (de João Batista), a apresentação do dom de Deus em Jesus se desloca para o contexto das comunidades samaritanas (KONINGS, 2005, p. 124).

A perícopes descreve a acolhida feita a Jesus na Samaria, por oposição à rejeição dos ambientes da Judéia (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 217). O anuncio da mulher aos moradores de sua aldeia é uma perícopes de interlúdio que logo será seguida por outra de movimento em que os moradores da aldeia correm ao encontro de Jesus. Outro diálogo se inicia, entre os discípulos e Jesus. Agora são os discípulos que tomam a iniciativa, pois estão preocupados com a questão da comida que sacia a fome. É o diálogo da sementeira e colheita coroando a missão de Jesus. No Antigo Testamento, “os profetas semearam a seu modo, e Jesus está semeando. Aí já existe uma messe espigada, os samaritanos maduros para a fé” (BÍBLIA DO PEREGRINO - Comentário, 2011, p. 2558). Conclui-se então esta última perícopes com o movimento de Jesus que dirigiu-se para a Galiléia, seu destino inicial (cf. Jo 4.3). No entanto antes de sua partida para a Galiléia atendeu ao convite dos samaritanos. Permaneceu com eles em suas terras. A iniciativa de Jesus aponta para a multiplicidade de sua missão. Iniciou com uma só mulher junto ao poço e através dela se estendeu a toda uma aldeia:

este episódio não reflete a tradição sinótica. Possivelmente revela o interesse específico do evangelho joanino pelo samaritanos, talvez por causa das primeiras comunidades cristãs fundadas ali, sobretudo se existir alguma relação entre o Quarto Evangelho e o apóstolo João, filho de Zebedeu, que em At 8.14-25, é mencionado como visitador apostólico dessas comunidades (KONINGS, 2005, p. 124).

A estrutura do texto é delineada pelos movimentos de seus personagens, principais e coadjuvantes, tendo como núcleo a permanência dos personagens principais, Jesus e a mulher junto ao poço de Jacó. Estrutura dinâmica e

ascendente: começa com um diálogo entre dois personagens, permeia um grupo de discípulos para finalmente se estender a toda uma aldeia. Vejamos a dinâmica deste movimento:

1. Movimento inicial: Jesus sai da Judéia e vai para a Galiléia a fim de não ser confundido com João Batista (v. 1-3); passa por Samaria e chega a Sicar (v. 4,5);
2. Pára para descansar junto a uma fonte (v.6);
3. Movimento secundário: Vem uma mulher tirar água (v.7);
4. O encontro: Jesus pede a ela que lhe dê água e ela reage, pois não era comum, judeus falarem com samaritanos (v.7e 9);
5. O entrosamento: O diálogo começa - Jesus oferece água à mulher – rompe-se a frieza e as variações do diálogo se dão em torno da água e da adoração (v. 10-24);
6. A revelação é o clímax do encontro: Jesus revela-se a mulher como o Messias que haveria de vir “Sou eu que falo contigo”(v.25,26);
7. Movimento terciário: Chegam os discípulos, sai a mulher que vai à cidade testemunhar junto aos samaritanos: “Vinde comigo e vede” (v. 27-29); os samaritanos vêm ter com Jesus (v.30);
8. Resultado do encontro é a missão evangelizadora: A refeição forma díptico com a bebida (v.31-34) (BÍBLIA DO PEREGRINO - Comentário, 2011, p. 2558), Jesus é a água que sacia a sede, é a comida que mata a fome. O verdadeiro alimento é fazer a vontade do Pai (v.34) e nesta exposição transcendental, Jesus cumpre, revela e delega sua missão à mulher.
9. Momento da instrução: Da refeição se passa suavemente ao tema agrário; semeadura, ceifa e colheita (BÍBLIA DO PEREGRINO - Comentário, 2011, p. 2558). Os samaritanos estão prontos para a colheita.
10. Fruto do encontro: Muitos dos samaritanos creram em Jesus e lhe pediram que ficassem com eles, pois o reconheceram como “o Salvador do mundo” (v.39-42);
11. Movimento Final: Por fim Jesus se dirige ao seu destino inicial – a Galiléia (v.43-45).

Delimitada a perícope se apresenta a tradução literal do texto em sua versão grega.

Sequencialmente faz-se uma análise do estilo literário e análise do conteúdo cuja pretensão é abordar sobre temas que aparecem no texto como sede espiritual, questões existenciais, adoração, culto, missão, sementeira, vida eterna, salvação sob o enfoque da narrativa joanina.

Para uma melhor compreensão desta seção foram extraídos alguns vocábulos da obra “Chave Linguística do Novo Testamento” (RIENECKER, 1985). Uma sequência de expressões relevantes, também, é listada na sua forma grega com significado em língua portuguesa (cf. anexos C e D).

### 3.1.1 Tradução literal do texto grego

Optou-se pela elaboração de um quadro (cf. quadro 1) com o texto grego na primeira coluna e sua tradução literal na segunda. A versão grega é do Novum Testamentum Graece Nestle-Aland, “o texto grego mais aceito e recomendado nos círculos acadêmicos” (Bíblia, N.T., Novo Testamento Trilingue, 1998, ‘introdução’). A tradução literal se fundamenta numa busca apurada em dicionários do Novo Testamento grego – português, léxicos do Novo Testamento, e livros instrumentais de Gramática grego-português (cf. referências).

Quadro 1 – Texto Grego e tradução literal

| KATA ΙΩΑΝΝΗΝ 4                                                                                           | Tradução literal                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 Ὡς οὖν ἔγνω ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἤκουσαν οἱ Φαρισαῖοι ὅτι Ἰησοῦς πλείονας μαθητὰς ποιεῖ καὶ βαπτίζει ἢ Ἰωάννης | Quando, pois veio a conhecer Jesus que os fariseus ouviram que Jesus fazia mais discípulos e batizava mais que João, |
| 2- καίτοιγε Ἰησοῦς αὐτὸς οὐκ ἐβάπτιζεν ἀλλ’ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ                                             | ainda que Jesus ele não batizasse, mas os discípulos dele, ,                                                         |
| 3 ἀφῆκεν τὴν Ἰουδαίαν καὶ ἀπῆλθεν πάλιν εἰς τὴν Γαλιλαίαν.                                               | deixou a Judéia e partiu outra vez para a “Galiléia”.                                                                |
| 4 Ἔδει δὲ αὐτὸν διέρχεσθαι διὰ τῆς Σαμαρείας.                                                            | Ele devia pois passar através da Samaria.                                                                            |
| 5 Ἐρχεται οὖν εἰς πόλιν τῆς Σαμαρείας λεγομένην Συχάρ πλησίον τοῦ χωρίου ὃ                               | “Vem” então para a cidade da “Samaria” chamada “Sicar” vizinha do                                                    |

|                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ἔδωκεν Ἰακώβ [τῷ] Ἰωσήφ τῷ υἱῷ αὐτοῦ·                                                                                                                   | campo que Jacó deu a José filho dele                                                                                                                                          |
| 6 ἦν δὲ ἐκεῖ πηγή τοῦ Ἰακώβ. ὁ οὖν Ἰησοῦς κεκοπιακῶς ἐκ τῆς ὁδοιπορίας ἐκαθέζετο οὕτως ἐπὶ τῇ πηγῇ· ὥρα ἦν ὡς ἕκτη.                                     | Estava pois lá o poço de Jacó. Então Jesus cansado da caminhada sentou deste modo sobre o poço; era como a hora sexta.                                                        |
| 7 Ἔρχεται γυνή ἐκ τῆς Σαμαρείας ἀντλήσαι ὕδωρ. λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· δός μοι πεῖν·                                                                       | Veio uma mulher da “Samaría” tirar água. Jesus diz a ela: Dá me (de) beber                                                                                                    |
| 8 οἱ γὰρ μαθηταὶ αὐτοῦ ἀπεληλύθεισαν εἰς τὴν πόλιν ἵνα τροφὰς ἀγοράσωσιν.                                                                               | Visto que os discípulos dele tinham ido para a cidade a fim comprar alimentos(mudança na posição)                                                                             |
| 9 λέγει οὖν αὐτῷ ἡ γυνή ἡ Σαμαρίτις· πῶς σὺ Ἰουδαῖος ὦν παρ’ ἐμοῦ πεῖν αἰτεῖς γυναικὸς Σαμαρίτιδος οὔσης; οὐ γὰρ συγχρῶνται Ἰουδαῖοι Σαμαρίταις.        | Diz então a ele a mulher “samaritana”: Como tu sendo Judeu pedes de mim (para) beber sendo uma mulher samaritana? De fato os judeus não têm boas relações com os samaritanos. |
| 10 ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῇ· εἰ ἤδεις τὴν δωρεὰν τοῦ θεοῦ καὶ τίς ἐστὶν ὁ λέγων σοι· δός μοι πεῖν, σὺ ἂν ᾔτησας αὐτὸν καὶ ἔδωκεν ἅν σοι ὕδωρ ζῶν. | Respondeu Jesus e disse a ela Se conhecêsseis o dom de Deus e quem é o que está dizendo a ti, dá-me (de) beber, lhe pedirias e daria a ti água viva.                          |
| 11 Λέγει αὐτῷ [ἡ γυνή]· κύριε, οὔτε ἄντλημα ἔχεις καὶ τὸ φρέαρ ἐστὶν βαθύ· πόθεν οὖν ἔχεις τὸ ὕδωρ τὸ ζῶν;                                              | Diz ele a mulher: “Ó Senhor” nem balde tens e o poço é profundo. De onde então tens a água viva?                                                                              |
| 12 μὴ σὺ μείζων εἶ τοῦ πατρὸς ἡμῶν Ἰακώβ, ὃς ἔδωκεν ἡμῖν τὸ φρέαρ καὶ αὐτὸς ἐξ αὐτοῦ ἔπιεν καὶ οἱ υἱοὶ αὐτοῦ καὶ τὰ θρέμματα αὐτοῦ;                     | Não és Tu maior do que nosso pai Jacó, que deu a nós o poço e ele e os dele bebeu e os filhos dele e os rebanhos dele?                                                        |
| 13 ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῇ· πᾶς ὁ πίνων ἐκ τοῦ ὕδατος τούτου διψήσει πάλιν·                                                                      | Respondeu o Jesus e disse a ela Todo o que bebe desta água terá sede novamente                                                                                                |
| 14 ὃς δ’ ἂν πίῃ ἐκ τοῦ ὕδατος οὗ ἐγὼ                                                                                                                    | Quem quer que beber da água que eu                                                                                                                                            |

|                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| δώσω αὐτῷ, οὐ μὴ διψήσει εἰς τὸν αἰῶνα, ἀλλὰ τὸ ὕδωρ ὃ δώσω αὐτῷ γενήσεται ἐν αὐτῷ πηγὴ ὕδατος ἀλλομένου εἰς ζωὴν αἰώνιον.                           | der a ele não sofrerá sede para sempre, mas a água que eu darei a ele se tornará nele um manancial de água jorrando para “vida” eterna.         |
| 15 Λέγει πρὸς αὐτὸν ἡ γυνή· κύριε, δός μοι τοῦτο τὸ ὕδωρ, ἵνα μὴ διψῶ μηδὲ διέρχωμαι ἐνθάδε ἀντλεῖν.                                                 | Diz para ele a mulher: Senhor,dá me esta água para que não sofra sede nem venha aqui tirar água                                                 |
| 16 λέγει αὐτῇ· ὕπαγε φώνησον τὸν ἄνδρα σου καὶ ἐλθὲ ἐνθάδε.                                                                                          | Diz a ela (Jesus) Vai chama o teu marido e vem aqui                                                                                             |
| 17 ἀπεκρίθη ἡ γυνὴ καὶ εἶπεν αὐτῷ· οὐκ ἔχω ἄνδρα. λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· καλῶς εἶπας ὅτι ἄνδρα οὐκ ἔχω·                                                | Respondeu a mulher e disse a ele Não tenho marido Diz a ela Jesus: Bem disseste que marido (eu) não tenho.                                      |
| 18 πέντε γὰρ ἄνδρας ἔσχες καὶ νῦν ὃν ἔχεις οὐκ ἔστιν σου ἀνὴρ· τοῦτο ἀληθὲς εἶρηκας.                                                                 | De fato cinco maridos tiveste e agora o que tens não é teu marido. Falaste a verdade.                                                           |
| 19Λέγει αὐτῷ ἡ γυνή· κύριε, θεωρῶ ὅτι προφήτης εἶ σύ.                                                                                                | Diz a ele a mulher: Senhor vejo que tu é profeta.                                                                                               |
| 20 οἱ πατέρες ἡμῶν ἐν τῷ ὄρει τούτῳ προσεκύνησαν· καὶ ὑμεῖς λέγετε ὅτι ἐν Ἱεροσολύμοις ἐστὶν ὁ τόπος ὅπου προσκυνεῖν δεῖ.                            | Os nossos pais neste monte adoraram, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.                                               |
| 21 λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· πίστευέ μοι, γύναι, ὅτι ἔρχεται ὥρα ὅτε οὔτε ἐν τῷ ὄρει τούτῳ οὔτε ἐν Ἱεροσολύμοις προσκυνήσετε τῷ πατρί.                    | Diz a ela Jesus. Creia me mulher que vem uma hora quando nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai                                       |
| 22 ὑμεῖς προσκυνεῖτε ὃ οὐκ οἴδατε· ἡμεῖς προσκυνοῦμεν ὃ οἶδαμεν, ὅτι ἡ σωτηρία ἐκ τῶν Ἰουδαίων ἐστίν.                                                | Vós adorais o que não sabeis nós adoramos o que sabemos que a salvação é dos judeus.                                                            |
| 23 ἀλλ' ἔρχεται ὥρα καὶ νῦν ἐστίν, ὅτε οἱ ἀληθινοὶ προσκυνηταὶ προσκυνήσουσιν τῷ πατρὶ ἐν πνεύματι καὶ ἀληθείᾳ· καὶ γὰρ ὁ πατὴρ τοιούτους ζητεῖ τοὺς | Mas vem uma hora e é agora quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Pois de fato, tais como eles o Pai procura os |

|                                                                                                                                        |                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| προσκυνοῦντας αὐτόν.                                                                                                                   | que o estão adorando.                                                                                                                          |
| 24 πνεῦμα ὁ θεός, καὶ τοὺς προσκυνοῦντας αὐτόν ἐν πνεύματι καὶ ἀληθείᾳ δεῖ προσκυνεῖν.                                                 | Deus é espírito, e os que o estão adorando, em espírito e verdade devem adorar.                                                                |
| 25 Λέγει αὐτῷ ἡ γυνή· οἶδα ὅτι Μεσσίας ἔρχεται ὁ λεγόμενος χριστός· ὅταν ἔλθῃ ἐκεῖνος, ἀναγγελεῖ ἡμῖν ἅπαντα.                          | Diz a Ele a mulher: Sei que o Messias vem, o chamado Cristo quando vier aquele anunciará tudo para nós.                                        |
| 26 λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· ἐγώ εἰμι, ὁ λαλῶν σοι.                                                                                         | Diz a ela Jesus: Eu Sou o que está falando a ti.                                                                                               |
| 27 Καὶ ἐπὶ τούτῳ ἦλθαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ἐθαύμαζον ὅτι μετὰ γυναικὸς ἐλάλει· οὐδεὶς μέντοι εἶπεν· τί ζητεῖς ἢ τί λαλεῖς μετ' αὐτῆς; | Então nisto vieram os discípulos dele e se admiravam porque falava com uma mulher. Nenhum no entanto disse: que procuras ou que falas com ela? |
| 28 ἀφῆκεν οὖν τὴν ὑδρίαν αὐτῆς ἡ γυνή καὶ ἀπῆλθεν εἰς τὴν πόλιν καὶ λέγει τοῖς ἀνθρώποις·                                              | A mulher deixou então o pote de água dela e partiu para a cidade e diz aos homens:                                                             |
| 29 δεῦτε ἴδετε ἄνθρωπον ὃς εἶπέν μοι πάντα ὅσα ἐποίησα, μήτι οὗτός ἐστιν ὁ χριστός;                                                    | Venham! Vejam um homem que disse a mim tudo quanto fiz. Não é este o Cristo?                                                                   |
| 30 ἐξῆλθον ἐκ τῆς πόλεως καὶ ἦρχοντο πρὸς αὐτόν.                                                                                       | Eles saíram da cidade e vieram a ele.                                                                                                          |
| 31 Ἐν τῷ μεταξύ ἡρώτων αὐτόν οἱ μαθηταὶ λέγοντες· ῥαββί, φάγε.                                                                         | Entretanto os discípulos falaram-lhe dizendo: Rabi, come!                                                                                      |
| 32 ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· ἐγὼ βρῶσιν ἔχω φαγεῖν ἣν ὑμεῖς οὐκ οἴδατε.                                                                       | O Senhor disse a eles: eu tenho um alimento (para) comer que vós não conheceis.                                                                |
| 33 ἔλεγον οὖν οἱ μαθηταὶ πρὸς ἀλλήλους· μή τις ἦνεγκεν αὐτῷ φαγεῖν;                                                                    | Diziam pois os discípulos uns aos outros. Alguém não trouxe a ele (de) comer?                                                                  |
| 34 λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἐμὸν βρῶμά ἐστιν ἵνα ποιήσω τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με καὶ τελειώσω αὐτοῦ τὸ                                 | Diz a eles Jesus: Meu alimento é para fazer a vontade daquele que me envia e realizar a obra dele.                                             |

|                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                               |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ἔργον.                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                               |
| 35 οὐχ ὑμεῖς λέγετε ὅτι ἔτι τετράμηνός ἐστιν καὶ ὁ θερισμὸς ἔρχεται; ἰδοὺ λέγω ὑμῖν, ἐπάρατε τοὺς ὀφθαλμοὺς ὑμῶν καὶ θεάσασθε τὰς χώρας ὅτι λευκαὶ εἰσιν πρὸς θερισμόν. ἤδη | Vós não dizeis que ainda quatro meses e a colheita chega? Eis que vos digo: levantai os vossos olhos e olhai os campos que estão brancos para a colheita, Já. |
| 36 ὁ θερίζων μισθὸν λαμβάνει καὶ συνάγει καρπὸν εἰς ζωὴν αἰώνιον, ἵνα ὁ σπείρων ὁμοῦ χαίρῃ καὶ ὁ θερίζων.                                                                   | O que está colhendo, recebe um salário e recolhe fruto para a vida eterna, a fim de que o que está semeando se alegre como o que está colhendo.               |
| 37 ἐν γὰρ τούτῳ ὁ λόγος ἐστὶν ἀληθινὸς ὅτι ἄλλος ἐστὶν ὁ σπείρων καὶ ἄλλος ὁ θερίζων.                                                                                       | Nisto de fato a palavra é verdadeira que um é o que está semeando e outro o que está colhendo.                                                                |
| 38 ἐγὼ ἀπέστειλα ὑμᾶς θερίζειν ὃ οὐχ ὑμεῖς κεκοπιάκατε· ἄλλοι κεκοπιάκασιν καὶ ὑμεῖς εἰς τὸν κόπον αὐτῶν εἰσεληλύθατε.                                                      | Eu vos enviei a ceifar o que vós não vos fatigastes. Outros se fatigaram e vós entrastes para o trabalho deles.                                               |
| 39 Ἐκ δὲ τῆς πόλεως ἐκείνης πολλοὶ ἐπίστευσαν εἰς αὐτὸν τῶν Σαμαριτῶν διὰ τὸν λόγον τῆς γυναικὸς μαρτυροῦσης ὅτι εἶπέν μοι πάντα ἃ ἐποίησα.                                 | Daquela cidade muitos dos samaritanos acreditaram nele por causa da palavra da mulher testemunhante: “Ele disse a mim tudo o que fiz.                         |
| 40 ὥς οὖν ἦλθον πρὸς αὐτὸν οἱ Σαμαρίται, ἡρώτων αὐτὸν μέναι παρ’ αὐτοῖς· καὶ ἔμεινεν ἐκεῖ δύο ἡμέρας.                                                                       | Como pois viessem a ele os samaritanos, dizendo-lhe (para) permanecer com eles; então permaneceu lá dois dias.                                                |
| 41 καὶ πολλῶ πλείους ἐπίστευσαν διὰ τὸν λόγον αὐτοῦ,                                                                                                                        | E (foram) mais numerosos os que acreditaram por causa da palavra dele.                                                                                        |
| 42 τῇ τε γυναικὶ ἔλεγον ὅτι οὐκέτι διὰ τὴν σὴν λαλιὰν πιστεύομεν, αὐτοὶ γὰρ ἀκηκόαμεν καὶ οἶδαμεν ὅτι οὗτός ἐστιν                                                           | Diziam pois para a mulher: não mais por causa da tua fala acreditamos. Nós de fato ouvimos e sabemos que                                                      |

|                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ἀληθῶς ὁ σωτὴρ τοῦ κόσμου.                                                                                                                                    | este é verdadeiramente o salvador do mundo.                                                                                                             |
| 43 Μετὰ δὲ τὰς δύο ἡμέρας ἐξῆλθεν ἐκεῖθεν εἰς τὴν Γαλιλαίαν.                                                                                                  | Depois de dois dias saiu de lá para a Galiléia.                                                                                                         |
| 44 αὐτὸς γὰρ Ἰησοῦς ἐμαρτύρησεν ὅτι προφήτης ἐν τῇ ἰδίᾳ πατρίδι τιμὴν οὐκ ἔχει.                                                                               | De fato ele, Jesus testemunhou que um profeta na própria pátria não tem honra.                                                                          |
| 45 ὅτε οὖν ἦλθεν εἰς τὴν Γαλιλαίαν, ἐδέξαντο αὐτὸν οἱ Γαλιλαῖοι πάντα ἑωρακότες ὅσα ἐποίησεν ἐν Ἱεροσολύμοις ἐν τῇ ἑορτῇ, καὶ αὐτοὶ γὰρ ἦλθον εἰς τὴν ἑορτήν. | Quando pois veio para a Galiléia, os galileus o receberam, Tendo visto tudo quanto fez em Jerusalém na festa. E eles de fato tinham vindo para a festa. |

Fonte: a autora, 2013

### 3.1.2 Comparação entre as versões

Faz-se uma comparação entre algumas versões amplamente utilizadas nas comunidades cristãs brasileiras com a finalidade de destacar pontos divergentes e convergentes. As versões em destaque são: Almeida Revista Atualizada (ARA), Almeida Revista e Corrigida (ARC), Edição Contemporânea (EC), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), Bíblia de Jerusalém e Bíblia do Peregrino.

A comparação será feita pela análise das perícopes apresentadas no capítulo quatro do evangelho de João. Diz-se “perícopes” pelo fato de cada versão apresentar uma divisão peculiar do mesmo texto. Então cada uma será enumerada conforme as seis versões analisadas.

Como primeiro exemplo, podemos citar a Versão Almeida Revista e Atualizada - ARA, 2ª edição de 1993, da obra Novo Testamento Trilingue: Grego, Português, Inglês da Vida Nova que faz distinção entre as perícopes da seguinte forma:

1. A mulher samaritana, primeira perícopa que se inicia no versículo 1 indo até o versículo 18;
2. A verdadeira adoração do versículo 19-30;
3. A ceifa e os ceifeiros, do versículo 31-38;
4. Muitos samaritanos crêem em Jesus, do versículo 39-42;
5. Jesus volta à Galiléia, do versículo 43-45;

6. A cura do filho de um oficial do rei, que se inicia no versículo 46, indo até o final do capítulo.

Essa versão distingue seis perícopes. Porém o objeto deste estudo são as quatro primeiras que compreende do versículo 1 ao 42.

O segundo exemplo são as versões Edição Contemporânea da editora Vida, sétima impressão, de 1997 (Bíblia de Estudo Thompson), e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje cuja edição é de 2006. Essas duas versões subdividem o capítulo em apenas duas perícopes acompanhadas da Bíblia do Peregrino que apenas apresenta uma pequena diferenciação no final da primeira perícope para a segunda:

1. Jesus e a samaritana que se inicia no versículo 1 até o versículo 42 – (a Bíblia do Peregrino vai até o versículo 45);
2. A cura do filho de um oficial do rei, que começa no versículo 43 – ou Cura o filho do funcionário segundo a Bíblia do Peregrino que começa no versículo 46 indo até o final do capítulo.

Essas versões são as que mais se identificam com o objetivo desta pesquisa. Abarcam todo o conteúdo do encontro de Jesus com a mulher samaritana, o diálogo entre eles, o clímax da revelação de Jesus como “*Ego eimi*”, o fruto deste encontro que é a conversão dos samaritanos. A permanência de Jesus entre os samaritanos, num período de dois dias, conclui toda a perícope. Quando Jesus se encaminha para a Galiléia inicia-se uma nova perícope que vai relatar a cura do filho de um oficial do rei.

A versão Bíblia de Jerusalém subdivide o texto em três perícopes, que também coaduna com o objetivo desta pesquisa:

1. Jesus entre os samaritanos compreendendo dos versículos 1 ao 42;
2. Jesus na Galiléia do 43 ao 45;
3. Segundo sinal em Caná: cura do filho de funcionário real do versículo 46 até o final do capítulo.

Conforme comentário da Bíblia de Jerusalém, a última perícope do texto sobre a cura do filho de um funcionário real seria uma continuidade dos milagres operados por Jesus quando esteve em Caná da Galiléia por ocasião de uma festa de casamento, onde Ele transformou a água em vinho. “O evangelista teria acrescentado versículos, e feito alguns retoques no texto para adaptá-lo à nova situação que criava” (BÍBLIA DE JERUSALÉM – Comentário, 2010, p.1852).

A última versão em destaque é a Revista e Corrigida de 1995 que subdivide o capítulo da seguinte maneira:

1. A mulher samaritana do versículo 1 ao 30;
2. A ceifa e os ceifeiros do versículo 31 ao 42;
3. A cura do filho de um oficial do rei, do versículo 44 até o final do capítulo.

Segundo esta versão, seriam as duas primeiras perícopes material deste estudo compreendendo do versículo 1 ao 42, sendo que no versículo 43 começa uma nova perícope marcada pelo movimento de Jesus se dirigindo à Galiléia.

Os primeiros versículos apontam para a ação de movimento de Jesus ao sair da Judéia para ir a Galiléia. Todas as versões concordam sobre os motivos pelos quais Jesus tomou esta iniciativa: “Os fariseus ouviram que Jesus fazia *“ποιει”* e batizava mais discípulos do que João”. “De maneira típica, acentuando o conhecimento e domínio que Jesus tem de seu destino, o autor anota que Jesus sabe da preocupação dos fariseus a respeito de seu sucesso, que supera o do Batista” (KONINGS, 2005, p.124). Exceto a versão da Bíblia do Peregrino que diz: “Jesus ganhava mais discípulos...”. Observa-se que as traduções que se utilizam do verbo fazer, são as que traduzem *“ποιει”* como oriundas deste verbo que em alguns casos, como exemplifica o dicionário de Taylor, podem ser traduzidas como cometo, produzo, ganho, provejo, uso, declaro, pratico, preparo, celebro, causo, ajo, etc. (TAYLOR, 1991, p 178). Também todas concordam que Jesus teve que deixar, abandonou ou saiu da Judéia e voltou, retornou ou se dirigiu novamente para a Galiléia, subentendendo em todas as versões que Jesus outrora estivera na Galiléia e que para lá novamente se dirigia. Segundo Konings Jesus conhecia o zelo dos fariseus e achava muito cedo para se envolver em alguma situação que pudesse provocar um conflito, motivo pelo qual se retirou para a Galiléia (2005, p.124).

“Era necessário”, “era preciso passar” ou “atravessar a província” ou “cidade de Samaria”, são as expressões que todas as versões apresentam ao leitor indicando a urgência e propósito de Jesus em passar pelas terras dos samaritanos, poderia “ter ido para a Galiléia passando pela Transjordânia; a necessidade que expressa João é de outra ordem: era necessário para a missão messiânica de Jesus” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.218). Segundo Konings (2005), indicava o plano do Pai na atuação de Jesus.

“Chegou então a uma cidade de Samaria chamada Sicar” é o que concordam cinco das seis versões comparadas, sendo fiel a tradução literal para “πολιν”. A versão Bíblia do Peregrino traduz como “aldeia”. Quanto à ação de movimento, a versão Revista e Corrigida traduz como “foi” em vez de “chegou”. No entanto todas as versões apresentam o lugar localizado nas proximidades das terras que Jacó deu a seu filho José. Uma herança de família que serviu de cemitério para os patriarcas localizada perto de Siquém (cf. Gn 33.99; 48.22; Js 24.32).

Dos versículos 6 ao 15, o tema é a água, “ligada a vida eterna como benção suprema proporcionada por Deus” (DOUGLAS, 2006, p. 23). Todas as versões concordam que a herdade de Jacó tinha a oferecer o bem terreno que a mulher sedenta viera buscar. Por volta da hora sexta, isto é, mais ou menos meio dia com o sol a pino, como menciona a NTLH e a Bíblia do Peregrino.

As particularidades de cada versão e pontos nos quais elas convergem, estão representadas (cf. quadro 2).

Quadro 2 – Comparação entre as versões

| ARA                                                                                | RC                                                                                 | EC                                                                                 | NTLH                                                                          | Bíblia de Jerusalém                                                               | Bíblia do Peregrino                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| Fonte de Jacó/<br>Jesus assentara-se<br>junto à fonte                              | Fonte de Jacó/<br>Jesus assentou-se<br>junto à fonte                               | Fonte de Jacó/<br>Jesus assentou-se<br>junto à fonte                               | Poço de Jacó/<br>Jesus sentou-se<br>perto do poço                             | Fonte de Jacó/<br>Jesus sentou-se<br>junto à fonte                                | Poço de Jacó/<br>Sentou-se<br>(tranquilamente)<br>junto ao poço                  |
|                                                                                    |                                                                                    |                                                                                    | Mulher veio tirar água<br>E Jesus diz:<br>Dá-me de beber                      |                                                                                   |                                                                                  |
| Então lhe disse a <b>mulher samaritana</b>                                         | Diz-lhe a <b>mulher samaritana</b>                                                 | Disse-lhe a <b>mulher samaritana</b>                                               | A <b>mulher</b> respondeu: O senhor é <b>judeu</b> e eu sou <b>samaritana</b> | Diz-lhe então a <b>samaritana</b>                                                 | A <b>samaritana</b> lhe respondeu                                                |
| Como sendo tu <b>judeu</b> , pedes de beber a mim que sou <b>mulher samaritana</b> | Como sendo tu <b>judeu</b> , pedes de beber a mim que sou <b>mulher samaritana</b> | Como sendo tu <b>judeu</b> , pedes de beber a mim que sou <b>mulher samaritana</b> | Então como é que o Senhor me pede água?                                       | Como sendo tu <b>judeu</b> , tu me pedes de beber a mim que sou <b>samaritana</b> | Como é que tu sendo <b>judeu</b> , pedes de beber a uma <b>mulher samaritana</b> |
| Replicou Jesus: Se conheceras o dom de Deus [...] tu                               | Jesus respondeu: Se conheceras o dom de Deus                                       | Respondeu-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus [...] tu lhe pedirias             | Então Jesus disse: Se você soubesse o que Deus                                | Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus [...] tu é                      | Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus. tu pedirias a ele             |

|                                                                                                              |                                                                                                              |                                                                                                              |                                                                                                                 |                                                                                                                      |                                                                                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| lhe pedirias                                                                                                 | [...] tu lhe pedirias                                                                                        |                                                                                                              | pode dar [...] você pediria                                                                                     | que pedirias                                                                                                         |                                                                                                                       |
|                                                                                                              |                                                                                                              | Ele te daria <b>água viva</b><br>ou<br><b>água da vida</b> (NTLH)                                            |                                                                                                                 |                                                                                                                      |                                                                                                                       |
| Respondeu-lhe ela: Senhor tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo. Onde, pois tens...                  | Disse-lhe a mulher: Senhor tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo. Onde, pois tens...                 | Disse-lhe a mulher: Senhor tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo. Onde tens...                       | Ela respondeu: O senhor não tem balde para tirar água e o poço é fundo. Como é que vai conseguir essa...        | Ela lhe disse: Senhor, nem sequer tem vasilha e o poço é profundo. De onde, pois tiras essa...                       | A mulher lhe disse: Senhor não tens balde e o poço é profundo; de onde tiras...                                       |
|                                                                                                              |                                                                                                              | <b>água viva</b><br>ou<br><b>água da vida</b> (NTLH)                                                         |                                                                                                                 |                                                                                                                      |                                                                                                                       |
| Aquele que beber da <b>água</b> que eu lhe der [...] será nele uma <b>fonte a jorrar para a vida eterna.</b> | Aquele que beber da <b>água</b> que eu lhe der [...] será nele uma <b>fonte a jorrar para a vida eterna.</b> | Aquele que beber da <b>água</b> que eu lhe der [...] será nele uma <b>fonte a jorrar para a vida eterna.</b> | A pessoa que beber da <b>água</b> que eu lhe der[...] se tornará uma <b>fonte de água que dará vida eterna.</b> | Mas quem beber da <b>água</b> que lhe darei [...] tornar-se-á nele <b>fonte de água jorrando para a vida eterna.</b> | Quem beber a <b>água</b> que eu lhe darei se <b>transformará dentro dele em manancial que brota dando vida eterna</b> |

Fonte: a autora, 2013

### 3.2 ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO

Iniciando este tópico, pode-se dizer que a narrativa joanina é uma obra de estilo literário simples sem ser considerada uma “obra literária de cunho teológico incomum” (TUÑI, 2007, p.18). Segundo este autor, a escritura joanina foi toda produzida através do grego “*koiné*”<sup>14</sup> – “pois é um fato que o evangelho de João foi escrito em grego – a linguagem única e comum, que na época do Novo Testamento era a herdeira da grande diversidade dos dialetos gregos anteriores (TUÑI, 2007, p.18).

O escrito joanino apresenta unidade e coesão, que devido o seu esmero, pode ser comparado “à túnica sem costura de Jesus (cf.Jo 19.23)” (KONINGS, 2005,

<sup>14</sup> Vem de koinós comum (grego koinê é a linguagem comum a todo o povo grego – não “do povo comum”) (TAYLOR, 1991, p. 119)

p. 16). Apesar do esmero, esse mesmo autor comprova a simplicidade da narrativa como segue:

a narrativa é aparentemente contínua, o estilo, homogêneo, as mesmas expressões se repetem até a monotonia. Com 80% do tamanho de Lucas, João usa apenas a metade do vocabulário. É até mais pobre em vocabulário que o curto e singelo evangelho de Marcos. Essa monotonia, porém, é a de uma bela liturgia oriental: hierática, expressiva, envolvente e, se necessário, vigorosa (como as profecias de Ezequiel). Os mesmos temas se repetem, com leves modificações, como as colunas num templo antigo; e numerosas referências, implícitas ou expressas, ligam entre si as diversas partes. As frequentes frases parentéticas (observações entre parênteses), os comentários do próprio texto (cf. 2.15), as meditações que o autor acrescenta, não chegam a romper a unidade; antes, a realçam (sobretudo 3.16-21,31;12.37-50). Somente o cap. 21 tem caráter diferente (KONINGS, 2005,p. 16).

O estilo literário joanino apresenta um tom dramático permeado pela narrativa. O drama pode ser observado com maior ênfase “nos episódios individuais mais longos, tais como o da samaritana, o da cura do cego de nascença, a ressurreição de Lázaro” (HARRINGTON, 1985, p. 597). Isto ocorre, segundo Konings, pelo fato que o teatro era um elemento muito forte no ambiente cultural do quarto evangelho e quando a narrativa tem a forma do drama, como nos episódios já mencionados e na história da Paixão e Ressurreição, encontramos diálogos cheios de vida, indicações de tempo e lugar, mudanças de cena (2005, p. 19).

A narrativa joanina se apresenta através de estágios dinâmicos com mudanças de espaço, tempo e ações, como a seguir:

a primeira parte (capítulos 1-12) é progressiva e movimentada, a segunda (13-20), mais solene e situada num único lugar. Os capítulos 13-17 evocam os discípulos reunidos em torno do Mestre, enquanto os capítulos 18-20 focalizam o ato supremo da entrega da vida de Jesus e sua subida ao Pai, acompanhada do dom do Espírito (KONINGS, 2005, p.17).

O episódio da samaritana ocorre sob a forma de vários estágios que começa pelo pedido de água feito por Jesus que é um homem judeu, e ascende até o pleno conhecimento da mulher em reconhecer Jesus como “Profeta e Messias”. Como coroação do encontro, os moradores de Samaria reconhecem que Jesus é o “Salvador do mundo”. O propósito da estratégia discursiva de João é “conduzir o leitor à plena auto revelação de Jesus e a uma crescente certeza de sua fé” (HARRINGTON, 1985, p. 597).

O cerne da perícopes, (Jo 4.1-42), é a iniciativa do encontro e do diálogo revelador de Jesus junto a fonte de Jacó delimitado pela chegada dos personagens: Jesus chegou, assentou-se junto ao poço para descansar. Logo em seguida vem a mulher buscar água. Quando o diálogo se inicia é Jesus quem toma a iniciativa. Em principio não foi correspondido favoravelmente. Ao invés a mulher retribui com um

tom de recusa, pois o seu entendimento fundamentava-se nas barreiras culturais – “os judeus não se dão com samaritanos”. Essa barreira e distanciamento se rompem à medida que os personagens se aproximam numa coesão dialogal observada através de um quiasmo (cf. quadro 3):

**A:** Jesus pede água: “Dá-me de beber” (v.7)

**B:** A mulher argumenta: Como sendo tu judeu pedes água a mim? (v. 9)

**C:** Jesus contra argumenta: Se tu conheceras o dom... você pediria (v.10)

**C<sup>1</sup>:** Diz a mulher: Senhor, tu não tens com que tirar... o poço é fundo (v.11),

**B<sup>1</sup>:** Jesus responde: Qualquer que beber ...Mas aquele que beber...(v.14)

**A<sup>1</sup>:** A mulher pede água: Dá-me desta água (v.15) (cf. quadro 3).

Quadro 3 - Quiasmo

|                      |                                                |                                                           |
|----------------------|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| <b>A</b>             | Jesus pede água                                | Porque a mulher tem água do poço para lhe dar             |
| <b>B</b>             | A mulher questiona                             | Porque está atrelada ao preconceito racial                |
| <b>C</b>             | Jesus se apresenta como o doador de água viva  | Porque Ele sabe que é vindo do Pai                        |
| <b>C<sup>1</sup></b> | A mulher questiona                             | Porque duvida que tenha alguém superior a Jacó            |
| <b>B<sup>1</sup></b> | Jesus responde a ela dando garantia de seu dom | Porque a água que ele concede é fonte de vida eterna      |
| <b>A<sup>1</sup></b> | A mulher pede água                             | Porque é convencida de que Jesus tem a água para saciá-la |

Fonte: a autora, 2013

Quiasmo também se observa quando Jesus diz a mulher para chamar seu marido e ela lhe responde que não tem marido (cf. quadro 4):

Quadro 4 - Quiasmo

|                                                          |
|----------------------------------------------------------|
| <b>A</b> - Tens razão                                    |
| <b>B</b> - Em dizer que não tem marido                   |
| <b>X</b> – pois já tiveste cinco maridos                 |
| <b>B<sup>1</sup></b> – o que agora tens não é teu marido |
| <b>A<sup>1</sup></b> – Isto disseste com verdade         |

Fonte: a autora, 2013

Além dos quiasmos acima representados, a narrativa joanina apresenta paralelos com o Antigo Testamento. Jesus como o representante de Deus que vai ao encontro da mulher para abençoá-la e saciar sua sede, é o profeta que segundo os moldes do Antigo Testamento vai ao encontro de uma pobre viúva, pede comida a ela, para depois lhe oferecer abundância de alimento segundo a provisão divina. Jo 4. 1-42 faz referência ao episódio de 1Rs 17.8-24. O profeta Elias está em Querite e vai para Sidom, em obediência a *YHWH* vai cumprir uma missão. Quando chega à Sarepta encontra uma mulher viúva apanhando lenha. Elias pediu água e pão à viúva, ela se surpreende, pois tinha apenas um bocado de farinha para fazer um bolo para ela e seu filho. Depois aguardariam até morrer de fome. Atendendo, porém a insistência do profeta, ela faz um bolo e primeiramente oferece a ele, fato que lhe garante a fartura em sua casa em tempos de crise.

No paralelismo entre Antigo e Novo Testamento: Jo 4.5-26 e 1 Reis 17.8-24, aplica-se o refrão supracitado: “A refeição forma díptico com a bebida” (BÍBLIA DO PEREGRINO - Comentário, 2011, p.2558) (cf. quadro 5).

Quadro 5 – Paralelismo Antigo e Novo testamento

| Jo 4. 1-16                                                                             | 1 Rs 17.8-24                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Jesus deixa a Judéia, vai para a Galiléia, e chega em Sicar, junto a fonte.            | Elias sai de Querite e vai para Sarepta de Sidom.                                   |
| Jesus pede água.                                                                       | Elias pede água e alimento.                                                         |
| A mulher samaritana nega água, questionando a questão racial.                          | A mulher fenícia nega alimento, questionado a escassez de alimento.                 |
| Jesus apresenta a fonte de água viva.                                                  | Elias apresenta o milagre da farinha.                                               |
| A mulher bebe da água da vida.                                                         | A mulher se alimenta do pão.                                                        |
| A mulher é confrontada em sua religiosidade e fé quando Jesus manda chamar seu marido. | A mulher é confrontada em sua fé quando seu filho adoece e morre.                   |
| Para a mulher as palavras de Jesus são um prenuncio da vinda do Messias.               | Para a mulher o milagre da ressurreição é o prenuncio da presença do homem de Deus. |
| Jesus (o Verbo) se revela como o Messias.                                              | A verdade se revela através da boca do profeta.                                     |

Fonte: a autora, 2013

Segundo Harrington, outro traço característico do discurso joanino é o “uso frequente de expressões duplas ou ambíguas” (HARRINGTON, 1985, p. 599). Muitas vezes Jesus se utiliza de expressões que num primeiro momento são

entendidas pelos ouvintes como tendo um sentido óbvio e lógico. No diálogo com a samaritana, quando Jesus lhe oferece a água, a mulher entende que é a água natural, brotando do poço de Jacó, mas Jesus aponta para um sentido mais profundo e elevado em nível espiritual<sup>15</sup>. Segundo Konings (2005), o caráter simbólico comunica a narrativa, os símbolos representam aquilo que Jesus em pessoa veio fazer. Jesus é o que providencia. O doador e o dom coincidem. Essa ambiguidade tem uma justificativa.

[Quando Jesus age desta forma], não é porque deseje ser obscuro ou esconder alguma coisa. O que ele quer é justamente o contrário, porque o que faz é lançar o olhar para além do sentido superficial de uma expressão e alcançar o sentido espiritual e mais profundo (HARRINGTON, 1985, p. 599).

Para mostrar o sentido espiritual e mais profundo ao interlocutor, João se utiliza de um gênero literário muito utilizado como “meio de ensinamento, de apresentação e aprofundamento de um ou de vários pontos doutrinários” (TUÑI, 2007, p.40). O diálogo, segundo Tuñi “tem por função averiguar uma visão estritamente teológica” (2007, p.37), ora esclarecendo sobre temas centrais do judaísmo, ora instruindo sobre temas cristãos como é o tema do batismo no diálogo com Nicodemos, o do culto com a mulher samaritana, ou sobre a ressurreição como no diálogo com Marta, irmã de Lázaro.

Os diálogos, sobretudo com a mulher samaritana têm um tom ascendente a partir de um mal entendido que vai se esclarecendo à medida que se aprofunda. A perspicácia de Jesus em despertar o interesse da mulher culminará na manifestação reveladora sobre Sua pessoa:

começamos pela afirmação de que Jesus é um judeu (4.9), mas depois a mulher perguntará se Jesus é maior do que Jacó (4.12), logo em seguida, confessará Jesus como profeta (4.19) e finalmente perguntará se Jesus é o Messias aquele que deve vir (4.25). A esta trajetória Jesus responderá com uma manifestação direta “Sou eu, o que fala contigo” (4.26); por isso os samaritanos poderão confessar no final que Jesus é o Salvador do mundo (4.42) (TUÑI, 2007, p.46,47).

Segundo Tuñi (2007, p.48), o diálogo de Jesus com a mulher samaritana está na categoria de textos de instrução e catequese – “a pedagogia da fé em Jesus”, que diante das dificuldades e conflitos se mostra confortadora e cheia de esperança.

O diálogo começa com a iniciativa de Jesus, provocante através do seu pedido à mulher: “Dá-me água”; instigante: “Vai chama teu marido”; conclusivo: “Disseste bem, não tenho marido”; sutilmente exigindo respostas que a mulher vai

---

<sup>15</sup> A simbologia da água é objeto de estudo na seção Abordagem Teológica

construindo através de seus questionamento e oposições: “Como sendo judeu pedes de beber a mim?” ou “Não tenho marido”; e também conclusivo por parte da mulher: “Vejo que é profeta” que culminará no clímax do diálogo que é a revelação de Jesus como Messias. Conforme Konings (2005, p.17), “parece uma catequese tanto de iniciação como de perseverança. No início, o interlocutor parece um candidato a fé (Nicodemos e a Samaritana). No fim, é o fiel adulto das primeiras gerações apostólicas.

Os diálogos na narrativa joanina se reforçam por meio do uso de paralelismos, recurso muito utilizado na poesia hebraica. “Jesus, como judeu e filho de sua época usou alternadamente os diversos tipos de paralelismos” (WEGNER, 1998, p. 91) Um exemplo é o paralelismo antitético do versículo 14. Apresenta conceitos opostos (cf. quadro 6):

“Quem beber desta água **tornará a ter sede**”

“Aquele, porém que beber da água que eu lhe der **nunca mais terá sede**”

Quadro 6 – paralelismo antitético

|                           |                             |
|---------------------------|-----------------------------|
| <b>Tornará a ter sede</b> | <b>Nunca mais terá sede</b> |
|---------------------------|-----------------------------|

Fonte: a autora, 2013

Há também o paralelismo de cunho culminativo em que gradualmente as expressões se reforçam (cf. quadro 7):

Quadro 7 – paralelismo culminativo

|                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>“Nunca mais terá sede”;</b></p> <p>“Pelo contrário, a água que eu lhe der será nele <b>uma fonte para a vida eterna</b>”</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: a autora, 2013

A água que Jesus apresenta a mulher tem um poder ascendente, gradual. Durante o desenvolvimento do diálogo adquire proporções maiores. Não é estagnada ao ponto de saciar a sede momentaneamente. Tem poder de saciedade para a vida toda e adentra a eternidade.

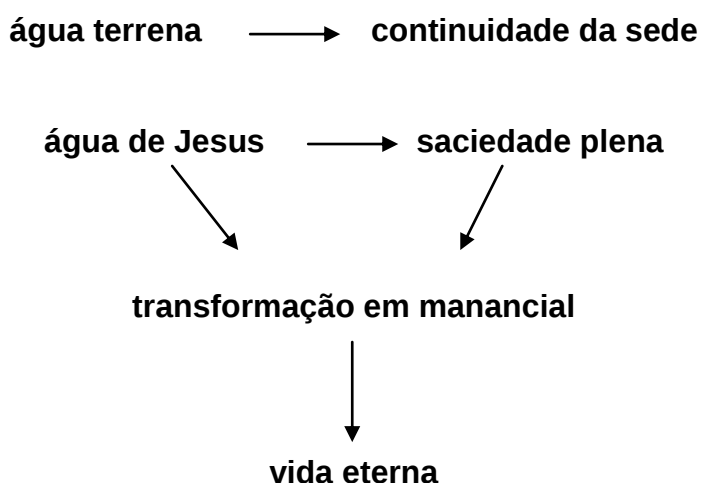
A versão Bíblia do Peregrino representa este paralelismo com termos superlativos. Isto denota maior ênfase ao dom de Deus concedido por Jesus (cf. quadro 8 e diagrama 1).

Quadro 8 – Paralelismo de cunho superlativo

|                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>- Aquele que beber esta água voltará a ter sede;<br/>         Quem beber a água que eu lhe darei<br/> <b>“Jamais terá sede”</b><br/> <b>Pois a água que eu lhe darei, se transformará dentro dele em manancial que brota dando vida eterna” (Jo. 4.13,14)</b></p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: a autora, 2013

Diagrama 1 – Paralelismo superlativo



Fonte: a autora, 2014

É da água para um manancial, uma nascente incessante, uma fonte para a vida eterna como traduz a versão Bíblia de Jerusalém.

### 3.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO

O tema inicial do diálogo é a água que Jesus pede a mulher para saciar-lhe a sede *terreal*, sendo que, no entanto é a mulher que está sedenta por “água viva”:

“água viva” era uma referência à água clara, corrente e fresca preferida para a purificação. Trata-se claramente de algo espiritual aqui. [...] Em outros pontos deste evangelho o Espírito é descrito como sendo semelhante a “rios de água viva” (7.37-39) Jesus tem para dar a água da vida, água que será uma fonte a jorrar para a vida eterna (PACK, 1983, p. 71).

A água é o conteúdo central que permeia e entrelaça as perícopes e harmoniosamente forma toda a narrativa. Começa pelo brotar na fonte de Jacó e se estende até o saciar da fome através do alimento plantado e colhido a seu tempo. É “o fio condutor que ‘amarra’ as diferentes partes de um todo” (WEGNER, 1998, p.93) Impulsiona os semeadores e ceifeiros ávidos por ajuntarem frutos para a Vida Eterna. A água é o símbolo do Espírito oferecido por Jesus infundindo no homem nova vitalidade (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 218).

Mateos esboça o conteúdo sequencialmente do versículo 4 até 45 (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 218):

- 4.4-6 Chegada a Samaria. Dados descritivos.
- 4.7-15 A mulher samaritana: o poço de Jacó e a água do Espírito.
- 4.16-26 Os cultos do passado e o novo culto. O Messias.
- 4.27-30 Os discípulos. Anúncio da mulher aos de sua aldeia.
- 4.31-38 A colheita em perspectiva.
- 4.39-42 A realidade da colheita: a fé dos samaritanos.
- 4.43-44 A saída da Samaria e ida para Galiléia

O conteúdo se desdobra em tempos como no desenrolar de uma peça. Seus primeiros atos envolvem a sede espiritual, a questão existencial e a questão do culto. Ocorre então o clímax da revelação: “Eu o sou, eu que falo contigo”. É o deslumbramento de todo o diálogo que provocará reações nos atos subseqüentes. A saída da mulher e o anúncio a sua aldeia, a chegada dos discípulos e a comida que sacia, o fruto da sementeira: reconhecimento por parte dos samaritanos que Jesus verdadeiramente é o “Salvador” do mundo. O conteúdo é representado em seus atos (cf. diagrama 2):

Diagrama 2 – Conteúdo da Perícope

### **1º TEMPO: “A sede espiritual”**

E estava ali a **fonte** de Jacó.

**JESUS**, pois, cansado do caminho,

assentou-se assim junto da **fonte**.

Era isto quase à hora sexta.

Veio uma **mulher de Samaria**

tirar **água**.

Disse-lhe Jesus: **Dá-me de beber**.

Disse-lhe, pois, a **mulher samaritana**:

Como, sendo tu judeu,

me **pedes de beber** a mim,  
que sou **mulher samaritana**?

**JESUS** respondeu, e disse-lhe:

Se tu conheceras o dom de Deus,  
e quem é o que te diz:

**Dá-me de beber**, tu lhe pedirias,  
e ele te daria **água viva**.

Disse-lhe a **mulher**:

**SENHOR**, tu não tens com que a tirar,  
e o **poço é fundo**;

onde, pois, tens a **água viva**?

És tu maior do que o nosso pai Jacó,  
que nos deu o **poço**,

**bebendo** ele próprio dele,  
e os seus filhos, e o seu gado?

**JESUS** respondeu, e disse-lhe:

Qualquer que **beber**

desta **água**

tornará a ter **sede**;

Mas aquele que **beber**

da **água** que eu lhe der

nunca terá **sede**,

porque a **água** que eu lhe der  
se fará nele uma **fonte de água**  
que salte para a **Vida Eterna**.

Disse-lhe a **mulher**:

**SENHOR**,

dá-me dessa **água**,

para que não mais tenha **sede**,

e não venha aqui **tirá-la (a água)**.

## **2º TEMPO: “Questão existencial”**

Disse-lhe **JESUS**:

Vai, chama o teu **marido**, e vem cá.

A **mulher** respondeu, e disse:

Não tenho **marido**.  
 Disse-lhe **JESUS**: Disseste bem:  
 Não tenho **marido**;  
 Porque tiveste cinco **maridos**,  
 e o que agora tens não é teu **marido**;  
 isto disseste com **VERDADE**.

Disse-lhe a **mulher**:

**SENHOR**, vejo que és profeta.

### **3º TEMPO: “Questão do Culto”**

Nossos pais **adoraram** neste monte,  
 e vós dizeis que é em Jerusalém  
 o lugar onde se deve **adorar**.

Disse-lhe **JESUS**:

**Mulher**,

crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém  
**adorareis** o Pai.  
 Vós **adorais** o que não sabeis;  
 nós **adoramos** o que sabemos porque a salvação vem dos judeus.  
 Mas a hora vem, e agora é, em que os  
 verdadeiros **adoradores**  
**adorarão** o Pai em  
**ESPÍRITO E EM VERDADE**;  
 porque o Pai procura a tais que assim o **adorem**.  
 Deus é **ESPÍRITO**,  
 e importa que os que o **adoram**  
 o **adorem** em  
**ESPÍRITO E EM VERDADE**.

A **mulher** disse-lhe:

Eu sei que o **Messias**  
 (que se chama o **Cristo**) vem;  
 quando ele vier, nos anunciará tudo.

**Jesus** disse-lhe:

**EU O SOU**, eu que falo contigo.

### **4º TEMPO: “Anúncio da mulher”**

Deixou, pois, a **mulher** o seu cântaro,

e foi à cidade, e disse àqueles **homens** (de Samaria):

**Vinde,**  
**Vede**  
um **homem** (**Jesus**)  
que me **disse**  
tudo quanto **tenho feito**.

Porventura (diz a mulher)

Não é este o **CRISTO**?

### **5 ° TEMPO “A comida que sacia a fome”**

E entretanto os seus discípulos  
lhe rogaram, dizendo:

**RABI,**  
**come.**  
**ELE**, porém, lhes disse:  
Uma **comida** tenho  
para **comer**,

que vós não conheceis.

Então os discípulos diziam uns aos outros:  
Trouxe-lhe, porventura,

alguém algo de **comer**?

**JESUS** disse-lhes:  
A minha **comida** é fazer a vontade  
daquele que me enviou, e realizar a sua obra.

### **6ºTEMPO: “O fruto da sementeira: Vida eterna - Salvação”**

Não dizeis vós que ainda há  
quatro meses até que venha a **ceifa**?

Eis que eu vos digo:  
Levantai os vossos olhos, e vede as terras,  
que já estão brancas para a **ceifa**.

E o que **ceifa** recebe galardão,  
e ajunta **fruto**

para a **VIDA ETERNA**;  
para que, assim o que **semeia**  
como o que **ceifa**,  
ambos se regozijem.

Porque nisto é verdadeiro o ditado,  
que um é o que **semeia**,  
e outro o que **ceifa**.

Eu vos enviei a **ceifar**  
onde vós não **trabalhastes**;  
outros **trabalharam**,

e vós entrastes no seu **trabalho**.

E muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele,  
pela palavra da mulher, que testemunhou:  
Disse-me tudo quanto tenho feito.

Indo, pois, ter com ele os samaritanos,  
rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias.

**E MUITOS MAIS CRERAM NELE,  
POR CAUSA DA SUA PALAVRA.**

E diziam à **mulher**:

Já não é pelo teu dito que nós **cremos**;  
porque nós mesmos o temos **ouvido**,  
e **sabemos** que este é

**VERDADEIRAMENTE O CRISTO, O SALVADOR** do mundo.

Fonte: A autora, 2013

Conclui-se que o conteúdo da perícopa tem como elemento principal a água, que é o motivo do encontro, do diálogo, do desejo, da necessidade, da saciedade. Permeia toda a narrativa. Primeiramente aponta para um nível terreno para depois ascender ao nível espiritual.

## 4 ABORDAGEM TEOLÓGICA

Esta seção tem por finalidade abordar questões teológicas e doutrinárias relacionadas à fé cristã. A situação da samaritana, e de seus maridos, remete o leitor à reflexão de alguns aspectos relevantes no que diz respeito à verdade, situação matrimonial, identificação da representante de Samaria com a idolatria estampada no Antigo Testamento. Deter-se no significado da água que permeia grande parte da narrativa e relacioná-la com questões espirituais e seus simbolismos na Escritura Sagrada, é um dos tópicos desta seção. A sede espiritual da mulher e o desejo do povo samaritano de um novo encontro com “YHWH” representa o desejo de toda humanidade.

O culto aceitável por Deus, que é Espírito e Verdade, não se conforma com os padrões humanos de adoração, mas requer de seus adoradores postura de fé, conhecimento e reverência. Conhecer a Jesus é entrar em comunhão espiritual com ele, receber dele comunicação de Espírito. Esse conhecer é um ato, uma atenção, uma obediência ao real, uma abertura da mente para a revelação que Jesus faz de si mesmo (COMBLIN, 2009, p.83).

Perceber através da experiência da samaritana que o conhecimento de Jesus transforma e capacita o homem e a mulher para uma missão. Entender que toda missão é instrumento a serviço da missão do Filho (COMBLIN, 2009, 85) que transpõe qualquer tipo de barreira.

A conclusão desta seção será um breve estudo sobre o significado da verdadeira adoração, proposta por Jesus, e qual sua implicação para a vida cristã.

### 4.1 A MULHER SAMARITANA E SUA SEDE DA ÁGUA VIVA

Com intuito de preparar o leitor para o recebimento da água viva oferecida por Jesus, João apresenta aquele que tem o maior dom, o espiritual, num nível acessível a todos os seres humanos. Primeiro ele mostra que Jesus na sua humanidade sente-se cansado e tem sede como qualquer um de nós. Mas além do fato de mostrar a humanidade de Jesus, João conduz o leitor a perceber que Jesus se identifica com seu povo, o Israel do Antigo Testamento. Jesus pede à mulher: “Dá-me de beber” usando a mesma forma linguística do povo no deserto quando murmurou ao sentir sede: “Dá-nos água para beber” (cf. Ex 17.2). Jesus se assume

como homem que precisa suprir suas necessidades vitais e se identifica com o novo Israel. Ele “sente a sede do povo, uma sede não apenas material, mas que adquire um valor metafórico, como aquele a que se referiam os profetas” (DUFOR, 1996, p. 269). Nesse sentido Dufour faz referência aos profetas e a literatura sapiencial. A sede de água que inspira reis, profetas e poetas (cf. Am 8.11; Sl 42.1,2).

“Eis que vêm dias, diz o Senhor DEUS, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR.

Assim como o cervo brama pelas correntes das águas,

Assim suspira a minha alma por ti, ó Deus!

A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo;

Quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?”

É a sede da água que permeia o entrosamento do diálogo: ora do judeu cansado e peregrino, ora da mulher samaritana que ali viera buscar este bem precioso para saciar sua sede.

Quando os personagens se tornam conhecidos, o diálogo entre eles é fluente. O narrador aponta para a mulher como alguém carente da água viva que Jesus oferece. A mudança de assunto tão abrupta revela que “além de não captar quem é Jesus, ela também não conseguiu interpretar corretamente a natureza da água que Ele lhe oferecia”. Jesus indica que ela entendeu mal as verdadeiras dimensões de sua própria necessidade, a real natureza de sua sede auto confessada (CARSON, 2007, p.221).

a mulher, porém, ainda não sabe nada de si mesma e de seu verdadeiro anseio. Ainda está totalmente entregue às necessidades e carências do cotidiano, como acontece por natureza com pessoas simples em sua dura existência. Está cética em relação a todas as palavras grandiosas e encara a realidade com sobriedade. “Ela lhe diz: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo, onde, pois tens a água viva?” Ao mesmo tempo ela se irrita com a presunção desse “judeu” estranho. “És tu porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos cavou o poço?” Enfaticamente, ela chama o patriarca Jacó de o “nosso pai” (BOOR, 2002, p.107).

Jesus precisa de uma mensagem poderosa e convincente, que seja capaz de fazer uma ligação entre a “água que brota da fonte” e a “água espiritual”. A água fresca e viva – a que brota da fonte e tão importante para os habitantes daquela região, “é uma metáfora comparada com a salvação borbulhante e vivificante que Deus concede desde o Antigo Testamento (cf. Sl 23.2; 42.2; 65.10; Is 12.3; 44.3; 55.1; Jr 17.13; Zc 14.8)” (Boor, p.107). O evangelista João vai tecendo o tema da água que começa pelas talhas das Bodas de Caná (cf. Jo 2.7), tem o significado do novo nascimento para Nicodemos (cf. Jo 3.5), sacia a sede da mulher (cf. Jo 4. 14),

“passando pela festa do templo (cf. Jo 7.37-39) até chegar ao momento da crucificação. Na cruz, Jesus oferece salvação à humanidade através da água que correrá do seu lado transpassado’ (cf. Jo 19.22)” (DUFOR, 1996, p.272).

Para essa mulher apegada ao seu pensamento cotidiano, Jesus passa a mostrar a futilidade de seu pensar e labutar (BOOR, 2002, p.108). “Jesus procura despertar nela o desejo por uma água que não há de se esgotar. Não se trata da água das satisfações materiais” (LELOUP, 2000, p.228) ou humanas. Ela está atrelada ao terreal e não entende como Jesus vai tirar água do poço, pois este é fundo e ele não tem utensílios para retirar. Dufour menciona a lenda rabínica sobre o milagre das águas que sobem e transbordam, operado por Jacó no poço (DUFOR, 1996, p.272). Certamente a mulher está insinuando a necessidade de Jesus fazer um milagre junto ao poço quando lhe ofereceu água viva.

Diante da mulher, Jesus não se coloca como o suplantador de Jacó como pensa a mulher: “és maior que o nosso pai Jacó?” (cf. Jo 4.12). “A samaritana achava o poço de Jacó o máximo; o ‘Pai Jacó’ era muito importante para os samaritanos, que costumavam indicar-se a si mesmos com o nome de Jacó-Israel” (KONINGS, 2005, p. 126), por isso ela não entende o verdadeiro significado da água que Jesus oferece.

Jesus é doador de uma água que sacia a sede para sempre. Nessa mesma perspectiva, da água, o narrador joanino compara Jesus ao maná que os pais comeram no deserto, porém num nível mais elevado. O maná do deserto sustentou o povo durante quarenta anos de peregrinação. Jesus agrega os dois valores espirituais. Ele é o maná e a água que sacia a fome e a sede para todo o sempre, não temporariamente.

segundo uma profecia de Ezequiel, depois da reunião dos judeus dispersos, seria vertida por Deus uma água, significando a purificação e a renovação dos corações (Ez 36.25-27). Aqui há ainda mais: a água dada por Jesus transforma-se em fonte naquele que a recebe, uma fonte “que jorra em vida eterna” (DUFOR, 1996, p. 273)

O que Jesus tem para dar, não procede de si mesmo como Ele próprio afirma:

O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, a não ser o que vê fazer o Pai; tudo o que ele fizer, o filho também fará (Jo. 5.19) ‘Eu, por mim mesmo, nada posso fazer. Julgo segundo o que ouço’ (Jo 5.30) Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, que lhe dá o Espírito sem medida (Jo. 3.34). ao contrário da pessoa egocêntrica que nada admite que não seja seu, que não proceda de si mesma, Jesus nada sabe por si mesmo e nada aceita que proceda de si mesmo: Ele vive em referência a uma fonte exterior, o Pai (COMBLIN, 2009, p.14).

Convencida do que Jesus pode fazer em nome do Pai, a mulher passa a pedir “Senhor, dá-me desta água para que eu não tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la”. Ela pensa que Jesus fala da água do poço (KONINGS, 1975, p.32). Na verdade, a mulher tinha um desejo de água que nem mesmo ela sabia. Ela poderia perfeitamente dialogar com o salmista e fazer esta petição: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno. (cf. Sl 139. 23,24).

A mulher precisava ser conduzida pelo caminho eterno, reencontrando-se com a fonte da vida eterna, isto ela desejava no íntimo de seu ser, de uma forma insaciável e somente de maneira sobrenatural poderia ser suprida.

o que apazigua o desejo durante um momento torna-se a si mesmo o começo de outro desejo. Nada pode matar a sede humana. No homem, existe um desejo infinito que somente o infinito pode satisfazer plenamente. Além disso, como seres finitos, ignoramos o que possa ser infinito (LELOUP, 2000, p.228).

Como menciona Konings, a samaritana, assim como Nicodemos não sabiam que estavam sendo instruídos por Jesus (2005, p. 126). Jesus insiste: “Aquele que bebe desta água, terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se nele fonte de água jorrando para a vida eterna” (cf. Jo 4. 13,14).

#### 4.2 O POÇO DE JACÓ E A FONTE DE ÁGUA NO INTERIOR DO SER

Ali se achava a fonte de Jacó, nas terras de Sicar, próximo a Samaria. Não existem evidências no Antigo Testamento que Jacó perfurou poços naquelas terras.

o Gênesis não menciona poço, mas se Jacó comprou um terreno (Gn 33.19;48.22; Js 24.32) podemos deduzir que estava provido de um manancial. Os dois dados, poço e patriarca, são funcionais no relato. [...] v.11,12 Tão rico é o manancial do lugar, que desde os tempos do patriarca Jacó está manando e matando a sede de gerações (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2556).

No entanto, os habitantes de Samaria estavam convictos que fora Jacó o construtor e doador daquele poço como é evidenciado no v. 12: “És tu maior do que o nosso ‘pai Jacó, que nos deu o poço’, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?” (cf. Jo 4.12).

No início da narração, João indica ‘poço’ pela palavra “fonte” só depois no v.12 que vai designá-lo com a expressão exata de “poço”. “Consequentemente, não é uma cisterna que recolhe tão somente água das chuvas. As águas desse poço brotam da terra. Esse olho d’água, porém foi encontrado somente por escavação, de

sorte que o poço é profundo (BOOR, 2002, p. 105). Segundo os dados arqueológicos, esteve em uso desde o ano 1000 a.C. até 500 d.C (MATEOS E BARRETO, 1999, p.219):

o Poço de Jacó está a 800 metros ao sul de Sicar, na estrada alta de Jerusalém, onde o caminho faz uma curva para entrar no vale situado entre o monte Gerizim e o monte Ebal. Está situado perto da tumba de José, no terreno adquirido por Jacó e é um dos lugares mais autênticos de todas as terras bíblicas. [...] Em 1881, o doutor C. A. Barclay realizou escavações em redor do poço. [...] O poço mede 2,3 metros de circunferência. Sua parte superior está revestida com obra de alvenaria, mas sua parte inferior foi cavada na pedra calcária. A água é fria e refrescante, já que “o poço é profundo”, e é não só uma cisterna, mas um manancial, ou seja, alimenta-se tanto da superfície como de uma fonte subterrânea (BÍBLIA THOMPSON – Suplemento Arqueológico, 1997, p. 4460,4461).

De acordo com as características acima sobre o poço de Jacó, percebe-se então que “água viva” era uma expressão oriental aplicada adequadamente para a água desta fonte. “Porém a água “viva”, cheia de vida num sentido bem diferente é dada por Jesus ao ser humano cuja vida atesta tantos anseios não cumpridos e tanta busca fracassada por vida” (BOOR, 2002, p.107). A água viva que Jesus oferece não vem de um poço comum, e Jesus na realidade, é muito maior que o patriarca Jacó (CARSON, 2007, p.220).

Em momento algum Jesus reivindica ser maior que Jacó, mas sua resposta dada a mulher: “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”, (cf. Jo 4:13,14) distingue sua superioridade, mas de forma alguma acirra rivalidades:

a medida da grandeza relativa de Jacó e de si mesmo pode ser achada no fato de que a água provida pelo venerável patriarca, tão valiosa como era, matava a sede somente por um período; a água viva que Jesus dá acaba para sempre com a sede daqueles que a bebem. Essa sede não é de água natural, mas de Deus, da vida eterna na presença de Deus; e sacia-se a sede não pela remoção desse doloroso desejo, mas pelo derramamento do Espírito (CARSON, 2007, p.221).

A existência de fontes era de suma importância para pastores seminômades e para aqueles que por ocasião das conquistas da terra prometida vinculavam a existência das fontes com a manutenção das famílias. Fato relevante quando por ocasião das conquistas da Terra, Calebe oferece sua filha Acsa àquele que conquistasse as terras de Quiriate Sefer e como dote de casamento deu-lhes “terras secas” – é a expressão que Acsa se utiliza diante de seu pai para pedir terras com fontes (cf. Js 15.15-19; Jz 1.11-15). Atendendo a reivindicação da filha e devido à importância que fontes teriam para a manutenção de uma família ou clã, Calebe deu terras com fontes superiores e inferiores à Acsa.

Outras narrativas de maior relevância citadas no Antigo Testamento que indicam um uso simbólico para as fontes e mananciais são os encontros de Eliezer e Rebeca, a esposa de Isaque, junto à fonte (cf. Gn 24), o de Jacó e Raquel (cf. Gn 29). Esses fatos tem um sentido metafórico do casamento entre Deus e seu povo.

Para os Judeus o poço tem um significado praticamente como o das demais instituições judaicas: o templo, a lei, a sinagoga e o centro em Jerusalém:

do poço da Lei brota a água de sabedoria. O poço de Jacó em Harã identifica-se, por uma parte, com o de Moisés no deserto e, por outra, com Sião, o centro do culto judaico. Daí a menção nos profetas da água viva que devia sair de Jerusalém (Zc 14.8) e do templo (Ez 47) (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 220)

Portanto, é pertinente o questionamento feito pela mulher sobre o lugar onde se devia adorar: Se em Jerusalém ou no Gerizim, visto que o tema central do diálogo travado entre ela e Jesus se deu junto ao poço, um lugar simbólico que se refere ao matrimônio, as leis, a adoração dos dois povos.

O assunto é a água que sacia a sede daqueles que dela se apropriam para então poder oferecer o culto e a adoração. Neste sentido:

Jesus expõe a novidade em toda a sua crueza, negando o pressuposto da mulher. Não se trata de escolher entre duas possibilidades históricas (culto samaritano ou culto judaico) também o templo de Jerusalém está prostituído e ele já anunciou o seu fim (Jo 2.13ss). Jesus fala de mudança radical; terminou a era dos templos: o culto a Deus não terá lugar privilegiado. A alternativa é o próprio Jesus, lugar da comunicação com Deus (1.51) e novo santuário (2.19-22; cf 1.14), do qual brota a água do Espírito (7.37-39, 19.34) (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 228,229).

Propositalmente Jesus esperava pela mulher junto ao poço de Jacó. “O evangelista emprega a palavra “pegé” = nascente,” (LELOUP, 2000, p. 225) lugar que segundo Leloup aponta para a origem de nosso ser:

o poço é também símbolo do coração humano. Trata-se de descer em suas profundezas para descobrir aí a nascente. Sentar-se a beira do poço é colocar-se em posição de escuta e ressonância para ouvir a voz ou murmúrio que sobe do fundo das águas “Dá-me de beber” (4.7) (LELOUP, 2000, p. 225).

O poço significa as profundezas do ser. De onde nascem os desejos, as intenções do coração, o ardente propósito de se comunicar com o transcendente. De onde fluem as memórias do passado (nossos pais), as esperanças de dias melhores (o Messias virá) e a certeza da aceitação (disse-me tudo que tenho feito, mas não me recriminou).

Para a mulher samaritana, seu culto começou junto ao poço de Jacó quando se apropriou da água que o Messias, superior a Jacó e anterior a Abraão (cf. Jo 8.58), lhe ofereceu. A verdadeira água da vida que sacia a sede lhe capacitou a cultivar e lhe concedeu vida eterna.

Segundo interpretação de Stam sobre “vida eterna”, é a declaração de Jesus que confere ênfase ao quarto evangelho: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna [tempo presente], não entra em juízo [tempo futuro], mas passou [tempo perfeito] da morte para a vida” (cf. Jo 5.24). “Aquele que tem o Filho tem [tempo presente] a vida” (cf. 1 Jo 5.12). E se expressando de maneira a introduzir esse seu pensamento, o que ele faz é traçar uma conclusão para sua interpretação: “Nós, os redimidos, já temos a vida eterna aqui e agora” (2003, p. 67).

#### 4.3 ÁGUA DA VIDA E SEUS SIMBOLISMOS

“Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” (cf. Jo 4:14). Jesus oferece um dom à mulher que é superior ao dom de Jacó, como supra mencionado. A água que brotava do manancial de Jacó saciava a sede do gado, das pessoas moradoras do lugar, dos viajantes e peregrinos (como no caso de Jesus e seus discípulos). Naturalmente, todos que da fonte bebiam tornavam a ter sede.

A água do poço saciava a sede física. Porém a excelência do dom que Jesus oferece tem significado para a eternidade. “Na imagem poética de Jeremias, o Senhor é fonte de água viva (cf. Jr 17.13), de água que vivifica, numa palavra, é fonte de vida, como reconhece o orante do salmo: “pois em ti se encontra a fonte de vida” (cf. Sl 36.10)” (SICRE, 2007, p. 108). É o próprio Deus na pessoa de seu Filho que oferece o dom. É o verbo encarnado como menciona o evangelista (cf. Jo 1.14) se revelando em amor, e:

oferece a todos a sua água, segundo o texto de Is 55.1: “ah! Todos que tendes sede vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro vinde”. Mas a diferença da outra, bastará beber uma vez que a sede seja apagada para sempre porque o Espírito interiorizar-se-á no homem, como explicará em seguida. Este ato único de beber corresponde ao novo nascimento (3.3,5ss), que dá vida nova. O esforço não consistirá em adquirir sabedoria interior nem lenta perfeição própria segundo a Lei, e sim na tarefa do amor aos outros (MATEOS E BARRETO, 1999, p.224).

Água viva, fresca, corrente borbulhante cujos significados passam a ser delineados.

A água foi muito utilizada no Antigo Testamento em rituais de purificação (cf. Nm 5.24; 19.21; Lv 8.6; 15.7;); Foi citada como símbolo espiritual para salvação,

alegria e cura (cf. Is 12.3; Ez 16.9). Ao ser transferida para o Novo Testamento é preservado o seu significado como na citação do apóstolo Paulo: “Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (cf. Ef 5.26), e outros textos como (cf. Hb 10.22; At 11.16).

A água é concebida num sentido “cosmológico, como protótipo da criação inferior: é o resíduo da *ygra physis* depois que o fogo e o pneuma foram extraídos dela para constituir a esfera celeste” (DODD, 1977, p. 187). A criação superior se refere aos eventos celestes e criação inferior no que tange ao humano e ao terrestre. Nesta perspectiva das duas criações Dodd explica: o “simbolismo da água, é como a representação da vida inferior que contrapõe-se ao vinho que representa a vida superior (cf. Jo 2.1-12) e quanto ao batismo com água é contraposto ao batismo com espírito” (1977, p.187,188).

Quando Dodd explana sobre o uso que João faz da água como símbolo do Espírito Santo, ele aponta para a possibilidade de o evangelista estar se utilizando do recurso judaico em que água vinda do alto tem o significado da Torah, Sabedoria e Vida, sendo que “a água como símbolo da vida é um símbolo muito antigo e muito difundido, ocorrendo frequentemente no Antigo Testamento” (1977, p.188):

o uso do texto de Jr 2.13, onde Deus é descrito como “pege ydatos zontos”. Assim, enquanto a água como um simples fenômeno natural, especialmente a água corrente, que era chamada “ydoor zon”, oferece em si própria uma sugestiva imagem, é o rico acúmulo de significado na figura que dá ao símbolo das águas seu importante sentido no evangelho (DODD, 1977, p. 188).

Ao utilizar essa significação, o evangelista eleva o valor da água que Jesus promete a uma fonte inesgotável, sempre disponível, que brota permanentemente no interior do homem. “É água viva, não uma água estagnada, não uma água engarrafada que refresca durante um momento, mas água viva...” (LELOUP, 2000, p. 227). É uma fonte a jorrar abundantemente, capaz de tirar a sede do homem. Jesus promete desta fonte a mulher se ela quiser experimentar. Apropriando-se dela uma única vez, seus efeitos de saciedade nunca cessarão. Em uma região onde a água é rara, uma nascente, um poço, é símbolo de vida. Falar de água viva é falar de vida superabundante: oásis. É acreditar que o deserto pode tornar-se um jardim (LELOUP, 2000, p.227).

A vida difícil que a mulher samaritana tinha, podia bem ser comparada, analogamente, às secas regiões das terras palestinas. Se algum poço fosse encontrado, seria como cisterna rota, incapaz de reter água da chuva ou fazer brotar

alguma nascente (cf. Jr. 2.13). Uma vida envolta no pecado e idolatria, representada por desertos áridos, entretanto, existia o desejo por mananciais de amor, perdão e reencontro com um único Deus

Esse manancial do espírito, proposto por Jesus, brota do interior do indivíduo e não se faz necessário buscar exteriormente como no manancial de Jacó. Quando se apropria desta água “*espiritual*” o indivíduo a recebe nas profundezas de seu ser. Esse fluxo de água divina é como uma raiz que brota de dentro para fora, não se amoldando a “normas externas”, é superior as inclinações da carne e os preceitos da Lei. O Espírito é a própria palavra que sai da boca de Deus, plantada se enraíza no coração do indivíduo, garantindo vida eterna:

[porque] uma água profunda é a palavra no coração do homem, um rio que brota, uma fonte de vida. A água que Cristo dá é, portanto, sua palavra, seu ensinamento cheio de sabedoria divina (Eclo 15.3; 24.21; Is 55.1-3) Aquele que guarda essa palavra jamais verá a morte (Jo 8.51), mas viverá para sempre (Jo12.50; Dt 30.15-20; Pr 13.14). Em Jo 7.37-39, a água simboliza o Espírito (BÍBLIA DE JERUSALÉM-Comentário, 2010, p.1851).

É um brotar, um beber, um saciar da fonte espiritual, cuja durabilidade é constante. Faz nascer para a vida, como Jesus prometeu no dia da festa: “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. “Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (cf. Jo 7:37,38). Rios que manterão o indivíduo inserido no reino de Deus e participante do espírito e da vida eterna. João explica sobre esta relação do dom oferecido por Jesus, recebido e apropriado pelo indivíduo. É uma fonte que tem poder para fluir do ventre, disse João quando referiu-se ao Espírito que seria outorgado e produziria frutos por onde passasse. Não como as fontes exteriores do Antigo Testamento, mas interior em cada indivíduo:

na tradição judaica dizia-se que a rocha de que brotou água no deserto acompanhara o povo em sua peregrinação, matando sua sede (cf. 1 Co 10.4). Também esta água provida por Moisés, intensifica-se na Lei. Com Jesus não haverá água/Lei exterior a acompanhar o povo, mas fonte interna de vida a guiar o indivíduo. Sendo em todos, a mesma água, a que dá Jesus, cria unidade com ele e entre todos, saltando em cada um como manancial próprio, e fecundando a terra de que está feito, produz fruto diversificado (MATEOS E BARRETO, 1999, p.224).

A água viva é o dom de Jesus, (cf. Jo 4.14) que flui do seu lado aberto, “é o dom do amor comunicado, em correspondência com o sangue, o amor que Jesus demonstra dando vida (cf. Jo 19.34)” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.230). É o símbolo do Espírito do próprio Cristo. É o dom do amor, da vivência partilhada, da comunhão, dos diversos ministérios concedidos aos indivíduos formadores da nova comunidade, a “Igreja Cristã”.

Quando Jesus “comunica este dom aos seus discípulos, diz: “Recebei o Espírito Santo” (cf. Jo 20.22). Como “Espírito”, é a fonte de vida e amor, como “santo”, consagra (cf. Jo 17.17) dando ao homem lealdade e amor” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.230). Segundo este autor existe uma razão para a afirmativa joanina:

Deus é Espírito, explicado como dinamismo de amor, faz compreender os efeitos da água viva que Jesus dá de beber e que sacia a sede do homem (4.14 b; converter-se-á dentro dele em manancial); assim o homem se transformará em espírito (3.6) semelhante ao próprio Deus (1.16) (MATEOS E BARRETO, 1999, p.231).

À mulher samaritana Jesus oferece o Espírito simbolizado pela água que em Caná “tinha sido simbolizado pelo vinho (cf. Jo 2.9) e foi aceito” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 232) da mesma forma talhas e cântaro são expressões usadas com a mesma simbologia: aquelas “representavam a Lei, também cântaro é imagem da Lei que a mulher toma do poço para buscar a vida nela. A mulher estava provida da vasilha, onde bebia a água que não lhe matava a sede” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 233).

Jesus promete “água viva”. Expressão que pode ser entendida sob dois aspectos: o primeiro é a água fresca e corrente da fonte; o segundo pertence a “uma considerável rede de usos metafóricos” (CARSON, 2007, p. 219). Como uso corrente, a água tem alto valor em regiões áridas e secas, é o caso das terras judaicas -, para saciar a sede de homens e animais, e irrigar a plantação. O ambiente em que vive o povo destas regiões favorece o uso metafórico religioso da expressão “água viva”, ou “água da fonte” “simbolizando fundamentalmente a vida, a qual, no caso do homem é sempre compreendida como uma realidade [vinculada] ao próprio Deus e implicando, além do fato de existir, o pleno desabrochar de todo o ser” (DUFOR, 1996, p. 273).

Sob esta perspectiva de relacionamento com Deus, a água é o centro de toda a religiosidade humana. Nessa perspectiva se inspiraram os profetas que dialogaram com eventos naturais e cotidianos. E o Antigo Testamento é o pano de fundo para a simbologia da água, conforme exemplificação de Carson:

lá Deus declara: “O meu povo cometeu dois crimes: eles me abandonaram a mim, a fonte de água viva; e cavaram as suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retém água” (Jr 2.13) – ou seja, eles rejeitaram o suprimento de água fresca e “corrente” de Deus e sua fiel bondade, escolhendo em lugar disso, as águas estagnadas de cisternas que eles mesmo prepararam, descobrindo ainda assim, que suas cisternas estavam rachadas e os deixaram sem nada para sustentar a vida e a benção (CARSON, 2007, p. 219).

O profeta Ezequiel, com maestria poética dialoga com elementos fundamentais da vida: o sopro (cf. Ez 37) e a água (cf. Ez 47). No primeiro exemplo, o Espírito de Deus é o *'ruah'* que proporciona vida ao vale de ossos secos, no segundo, o mesmo Espírito é representado pelas águas que manavam do saguão do templo e foram enchendo toda a casa e pátio, correndo para a região oriental até alcançar o mar. “É um milagre que atesta o poder doador de vida de Deus habitando no santuário (BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R., (Orgs), 2007, p.658). A água ganha proporções, e produz vida a todos que porventura entrarem em contato com ela. É o agente transformador. Sai do templo, cresce, torna-se rio intransponível e desemboca no mar Morto:

“e será que toda a criatura vivente que passar por onde quer que entrarem estes rios viverá; e haverá muitíssimo peixe, porque lá chegarão estas águas, e serão saudáveis, e viverá tudo por onde quer que entrar este rio. Será também que os pescadores estarão em pé junto dele; desde Engedi até En-Eglaim haverá lugar para estender as redes; o seu peixe, segundo a sua espécie, será como o peixe do mar grande, em multidão excessiva. E junto ao rio, à sua margem, de um e de outro lado, nascerá toda a sorte de árvore que dá fruto para se comer; não cairá a sua folha, nem acabará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto servirá de comida e a sua folha de remédio” (BÍBLIA SAGRADA - Ez. 47.9,10,12)

É a água derramada pelo Senhor que transforma o deserto em jardins floridos, cura os enfermos, dá vista aos cegos, faz surdos ouvirem, fortalece os fracos, enche de júbilo os abatidos, “porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo. E a terra seca se tornará em lagos, e a terra sedenta em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos.” (Is 35. 6b,7)

O dia em que o Senhor Deus se manifesta, faz fluir águas correntes de Jerusalém, como predisse o profeta Zacarias: “Naquele dia também acontecerá que sairão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas para o mar ocidental; no verão e no inverno sucederá isto”, (cf. Zc 14:8).

O dia da predição de Zacarias chegou para a samaritana no encontro junto ao poço. A boa nova anunciada por Cristo, através da metáfora da “água viva”, rompe as barreiras como somente as águas têm capacidade para fazer. Rios de água viva proporcionam vida, saúde e abundância, porque são permanentes. O profeta Ezequiel também vivenciou uma experiência que descreveu fazendo alusão ao poder das águas. Ele diz que sentiu no corpo o seu poder vivificante e restaurador (cf. Ez 47):

água de vida: contínua, crescente, invasora, comunicada. Comunica-se às plantas, produzindo um parque maravilhoso; comunica-se aos animais, fazendo com que o Mar Morto pulule de seres vivos: comunica-se aos homens em forma de alimento e remédio (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2122).

A água é o princípio de todos os seres, conforme afirmou Tales de Mileto (APUD. SICRE, 2007, p.97). Diríamos a essência de todo o ser, e, no seu poder se amolda a qualquer forma; aos grandes rios e aos pequenos lagos; aos imensos oceanos, também ao mais simples vaso ou botija.

Quando emana da fonte, é pura e cristalina. Escorre pelas encostas e vales proporcionando vida a vegetação, frescor à terra, saciedade aos seres vivos. Tem poder purificador que segundo outra profecia do profeta Ezequiel, depois da reunião dos judeus dispersos, seria vertida uma água, significando a purificação e a renovação dos corações (SICRE, 2007, p. 97). Falou Deus por intermédio do profeta: “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne”. (cf. Ez 36:25,26):

purificação que não é só ritual, nem só moral. [...] mas, uma purificação radical. A água exibe aqui seu valor simbólico. Através da água pura e cristalina vislumbramos uma realidade profunda e misteriosa que renova totalmente o homem, purificando-o e transformando-o no íntimo (SICRE, 2007, p. 100).

Essa metáfora se refere a Deus e sua imensa graça sendo derramada sobre os homens, tem o poder transformador do Espírito Santo, concedendo vida e conhecimento de Deus. É uma água que promete purificação e regenera todo o ser. Nesse sentido metafórico, João se apropria do termo “água” (cf. Jo 3.5;4.10-15;7.38; 19.34) como os profetas do Antigo Testamento o fizeram:

no evangelho de João, há passagens em que Jesus é a água viva como ele é o pão do céu (6.35), e outras passagens em que ele dá a água viva para os crentes. Neste capítulo, a água é a vida eterna que satisfaz e a qual é mediada pelo Espírito que somente Jesus, o Messias e Salvador do mundo pode prover (CARSON, 2007, p. 219,220).

Da narrativa joanina flui a água que sai dos lábios de Jesus e penetra no mais íntimo do ser. Água vivificante que faz lavagem espiritual, restaura com poder dinâmico e garante vida eterna, no presente para o porvir.

Esta água que Jesus ofereceu a mulher “verdadeiramente sacia a sede da vida. Contudo não se faz de forma a instaurar um mero sossego, mas sim a dádiva de Jesus tornar-se-á na pessoa uma fonte de água a jorrar para a vida eterna que nos remete ao tempo presente (BOOR, 2002, p. 108):

pelo dom de Jesus foi concedida dentro de nós mesmos uma fonte que desde já faz jorrar vida eterna. É um saciar constante da sede por meio da fonte que jorra sem cessar. Uma pessoa assim não permanece sozinha com essa fonte, mas torna-se – ainda que isso não seja aqui abordado tão expressamente como mais tarde em Jo 7.37s – ela mesma portadora de vida “plenificante” para outros. Essa mulher logo experimentará isso pessoalmente (Jo 4.28-30) (BOOR, 2002, p.108).

A água viva que oferece à mulher tem o mesmo sentido da água que haverá de brotar de seu lado aberto pela lança quando pendurado na cruz. Promessa de vida eterna que se concretizará quando Ele tiver entregado o Espírito ao Pai que o enviou (cf. Jo 19.30-34). “Água viva simboliza a revelação de Jesus e, igualmente o Espírito Santo (DUFOR, 1996, p.285). É o espiritual substituindo o terreal. Na ocasião do diálogo com a samaritana, Jesus está sentado junto do manancial ocupando seu lugar, indicando que será ele o ocupante e substituto do antigo manancial:

de fato, ele oferecerá uma água que brotará do manancial aberto em seu lado (19.34). ele próprio é o verdadeiro manancial que toma lugar da Lei, da tradição e do templo. Ezequiel anunciava que do templo futuro correria manancial de água crescente (Ez47). Jesus mesmo identificar-se-á com este templo de que corre a torrente de água (cf. 7.37-39) e agora, com seu gesto adianta a identificação. Daí Ele o novo santuário que substituirá o de Jerusalém (cf. 2.19) anuncia neste episódio o fim dos templos e define as características do novo culto (4.21-24) (MATEOS E BARRETO, 1999, p.221).

Diante do poço, João faz a segunda alusão ao patriarca Jacó. “A primeira é quando Jesus anunciou que a escada vista por Jacó seria realidade em sua pessoa; aqui, o manancial que dera Jacó é substituído por outro que é o próprio Jesus” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.221):

para João é unicamente Jesus que proporciona a água que se torna uma fonte para a vida eterna (Jo 4.14). Do corpo de Jesus jorrarão rios de água viva (Jo 7.38), a saber, o espírito (cf 7.39) que, sendo o princípio divino da vida e vida eterna (SCHNELLE, 2010, p. 946).

A promessa que Jesus faz é que somente uma água perene, constante e crescente pode saciar a sede do homem. Essa água é o Espírito que ele comunica, dinâmico, borbulhante, transformando-se em cada indivíduo num eterno manancial “que brota continuamente e que, portanto continuamente lhe dá vida e fecundidade,” e “a mantém” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.224). “De fato, essa água se tornará nele uma fonte a jorrar para a vida eterna (v.14)” (CARSON, 2007, p. 221).

As promessas do Antigo Testamento estão presentes nas palavras de Jesus: “Quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede”, e dialogam com as promessas de Deus através dos profetas:

no dia da salvação de Deus, o povo de Deus, com alegria, tirará “água das fontes de salvação” (Is 12.3). “Não terão fome nem sede” (Is 49.10); o derramar do Espírito de Deus será o derramar de “água na terra sedenta e torrentes na terra seca” (Is 44.3) [...] “Venham todos vocês que estão com sede, venham às águas [...] para que sua alma viva”. Aqui Deus pode fazer “uma aliança eterna” com todo aquele que vem - não só com Israel, mas com os “povos”, “nações que não o conhecem” (Is 55.4,5) (CARSON, 2007, p. 221).

A água oferecida por Jesus é o manancial que brota no interior do indivíduo e flui para a vida eterna. Ao fazer uma analogia com as águas que em Ez 47 saem do templo e transbordam o pátio, após ter experimentado da água da vida, o crente se torna um “templo do Espírito” (cf. 1 Co 6.19), e faz desaguar sua água no mundo. O livro do Apocalipse também desenvolve o tema sobre a água que provém do “trono de Deus e do Cordeiro” (cf. Ap. 22.1). O rio que sai do trono e inunda o templo, “traz à memória o rio do Éden que depois de regar o jardim, abraçava o mundo com seus quatro braços e o fertilizava” (SICRE, 2007, p.109). “É o rio do primeiro paraíso, e a árvore da vida é reencontrada (cf. Ap. 22.2). Ali, contemplarão os eleitos a face de Deus e do Cordeiro, e reinarão por toda a eternidade” (HARRINGTON, 1985, p. 631).

O profeta Ezequiel, segundo Sicre, é profícuo ao apontar para o simbolismo da água. Em apenas 12 versículos faz referência a água 14 vezes. Isso reflete seu teor no Novo Testamento principalmente no Evangelho de João 4 e no Apocalipse 22.1s:

a água que brota do templo (onde *YHWH* tem seu trono, onde apóia as plantas dos seus pés, v 7), e cujo fluir crescente é princípio de vida plena e interminável, eleva-se sem dúvida a um plano espiritual e revela uma realidade transcendente. A água do misterioso manancial transborda no último livro da Bíblia (SICRE, 2007, p.109).

As águas que nascem no Antigo Testamento, se avolumam, correm tranquilamente e deságuam no último livro da Bíblia. O misterioso manancial que transborda como diz Sicre (2007) e que João descreve muito bem: “O anjo mostrou-me um rio de água viva; era brilhante como cristal; o rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro” (cf. Ap.22.1).

Segundo a visão do escritor de Apocalipse, o rio da água da vida é puro e claro como o cristal, saía do trono de Deus e do Cordeiro. Este Cordeiro é o próprio Cristo que se revela conforme Ap.1.1: “Revelação de Jesus Cristo” que está no meio do trono: “Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes vivas das águas...” (Ap.7.17a).

O Cordeiro é o Noivo que se assentara junto ao poço de Jacó, desejoso por encontrar a amada noiva sedenta por água viva. Seu espírito doado juntamente com a noiva, agora clama pelo encontro definitivo: “Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (cf. Ap. 22.17b).

A água viva, pura e espiritual, possui um significado que encontra correspondência com as fontes de águas cristalinas que corriam no primeiro paraíso. Amarra-se na história bíblica com as águas que fluem dos poços nos escritos mosaicos, inundando os montes e os templos dos profetas. Culmina no derramar soteriológico da água que jorra do lado de Jesus na cruz, correndo ininterruptamente em direção ao trono do próprio Deus descrito na literatura apocalíptica.

O fluir das águas transbordou na alma da mulher, se derramou nas terras de Samaria e inundou todos os povos e nações.

O dom de Jesus é água, do misterioso manancial que brota do templo, onde “YHWH” tem seu trono, e se derrama por toda a terra concedendo a mais sublime experiência à alma humana. É o mistério de Deus, singular que se revela à humanidade. Graça sobre graça; dom sobre dom, que tira o peso do pecado e concede frescor e dulçor. É a revelação de amor como expressa o belo poema cantado em versos em muitas igrejas cristãs (HARPA CRISTÃ: Hino 456):

Oh! Que fonte transbordante!  
 Mais profunda que o mar.  
 É de Deus, o amor imenso,  
 Que Jesus me veio dar.  
 Graça abundantemente  
 Sobre mim já derramou;  
 Onde abundou pecado,  
 Graça superabundou.

#### 4.4 A MULHER SAMARITANA E SEUS MARIDOS

O encontro de Jesus com a mulher samaritana começa com um pedido feito da parte dele mostrando, sua vulnerabilidade e necessidade física. Sua atitude comprova sua identificação com a raça humana, sentia sede como qualquer outro ser humano. Estava fatigado e se sentou a beira do poço ou sobre as pedras na beirada do poço. Era quase a hora sexta, por volta do meio dia, hora que o sol

apresenta seu calor mais intenso. Não havia sequer um lugar com sombra e refrigério. Era momento de cansaço extremo, de sede e talvez desfalecimento. “Santo Agostinho dirá que, em Jesus, é Deus que está fatigado. Esse caminho é o dos séculos, dos milênios” (SANTO AGOSTINHO, APUD LELOUP, 2000, p.225). Deus, cansado de tanto desprezo, idolatria, amor dividido com tantos outros deuses, agora se manifesta ao seu povo através de Jesus, o Deus Filho encarnado em pessoa humana. “O encontro junto ao poço preludia a conclusão de um matrimônio” (BÍBLIA DE JERUSALÉM – Comentário, 2010, p. 1850)

Vem uma mulher tirar água. Jesus pede água. Inicia-se um diálogo permeado de controvérsias por parte da mulher. Ela pergunta: “como sendo tu judeu pedes a mim?” De afirmações contundentes. Ela afirma: “Tu não tens balde” e “o poço é fundo”. Seguido por um despertar de interesse pela água que Jesus acabara de oferecer. Ela pede a Jesus: “Dá-me desta água”.

A posição de quem precisa é invertida: quem estava sedento fisicamente oferece saciedade espiritual que deveria ser comunicada e partilhada por mais pessoas, (apesar de a mulher ainda não ter entendido esse sentido espiritual, ficou desejosa por receber da água). Algo bom estava sendo oferecido! Ninguém melhor para compartilhar das benesses recebidas como os de sua própria casa. Ou ainda, o mais íntimo da família: seu cônjuge.

Jesus convoca o marido daquela mulher anônima para ser participante do dom que acabara de lhe oferecer. Ele lhe diz: “Vai chama teu marido e volta aqui (4.16). Literalmente: Diz-me com quem, com quem estás casada neste momento, com quem sentes a plena satisfação de teu desejo – quem te dá neste momento, alegria e felicidade?” (LELOUP, 2000, p.230). Jesus “lhe oferecia plenitude de vida, a qual ela gostaria muito de receber. Porém, que tem ele a ver com todo o emaranhado de sua vida, com sua miséria concreta e toda sua imundícia?” (BOOR, 2002, p.109).

A mulher era ciente de sua situação miserável; ela sabia que estava sujeita à lei do Pentateuco que condenava o adultério com pena de morte. O texto joanino não revela o cerne da triste situação matrimonial daquela mulher: se seus maridos tinham morrido ou simplesmente se era divorciada de todos eles, visto que com frequência os homens se divorciavam de suas mulheres.

Deve ter sido difícil para aquela mulher revelar sua realidade vergonhosa. Sua felicidade que por muitas vezes foi tão frágil e fútil. Quantas vezes ilusória, decepcionante. Causando dor em sua alma. E tantas vezes foi verdade escondida.

Entretanto, ela precisava obedecer a ordem de Jesus. Antes, porém de compartilhar o dom com alguém que lhe fosse especial, precisou compartilhar sua situação marginalizada de mulher amante. Ela confessa: “Não tenho marido”. Sua finitude vem a tona através da solene convocação de Jesus. Ela não tinha necessidade ou interesse em ocultar a verdade, pois segundo C. Boff, a mulher, “precisava da verdade para libertar-se” (2009, p. 180) de suas mazelas. Os outros, todos sabiam de sua real situação. Era para Jesus que precisava confessar:

ela precisa compreender de uma vez por todas. Precisa ver sua vida em sua realidade total, unicamente então poderá reconhecer também o “dom de Deus”. Jesus não frustra o pedido da mulher. Pretende conceder-lhe o que somente ele tem para dar. Contudo, esse dar começa pela revelação implacável. Para essa mulher vale o mesmo que Jesus disse no final do diálogo com Nicodemos. Ela precisava “praticar a verdade” e “achegar-se a luz” (Jo 3.21) (BOOR, 2002, p.108,109).

Sua confissão, não foi censurada por Jesus. Ao contrário, ele a elogia: “disseste bem!” Ela já tivera cinco maridos, e o que tinha agora, não era seu. “O homem com quem a mulher vivia no momento não era marido dela. Improvável que cinco maridos tivessem morrido de morte natural, cada um deixando-a livre para casar-se novamente (cf. Lc 20.28-32). Talvez ela tivesse se divorciado um após outro e estava então vivendo com um homem com quem não se casara legalmente” (PACK, 1996, p.74). Jesus conhecia sua situação. Sua busca por felicidade e suas decepções. Ele conhecia as várias tentativas daquela mulher em busca do amor, e também seus desacertos, inclusive a situação presente que também era decepcionante.

Neste momento da abordagem teológica tem-se a intenção de ressaltar a ruptura do preconceito partindo de Jesus para com aquela mulher desprestigiada e marginalizada. Diz Konings, que ela era três vezes o oposto do “catecúmeno” Nicodemos. Este era homem, chefe dos judeus, fariseu; ela é mulher, samaritana e de vida pouco exemplar (2005, p. 125). Ambos tiveram o encontro com Jesus em horários que os favoreciam não serem vistos por ninguém. Nicodemos “vai” ao encontro de Jesus na calada da noite. Ela fora buscar água no momento de sol a pino, a “hora sexta” (meio dia), evidentemente para evitar a companhia e a crítica das outras mulheres que ali também iam buscar água. No entanto, é Jesus que a “espera” para o encontro. Segundo Konings, “Jesus rompe duas barreiras, a religiosa e a social sexista” (2005. p. 125). Acrescentaríamos também a barreira racial, era de Samaria.

Essa mulher anônima é representante de seu povo rejeitado pelos judeus. Ela tipifica a região toda de Samaria, que deseja adorar e era carente de misericórdia e amor de *YHWH*. Diante desta premissa, faremos breve apreciação sob a ótica de interpretação alegórica, na perspectiva de Mateos e Barreto. Antes, porém, Carson nos fornece uma explicação bem sucinta sobre esta alegoria:

os cinco maridos representam cinco divindades pagãs, apresentadas aos habitantes de Samaria pelos colonos que foram transportados para lá de cinco cidades da Mesopotâmia e da Síria (2Rs 17.24). A mulher samaritana representa a etnia samaritana mista e religiosamente contaminada; e o sexto homem com quem a mulher não estava legalmente casada, representa ou outro falso deus ou, mais geralmente o verdadeiro Deus, a quem os samaritanos estão ligados somente por meio de uma união ilícita (CARSON, 2007, p. 233)

A mulher anônima vem de Sicar, uma cidade ou aldeia de Samaria, como representante deste lugar sempre vem à fonte de Jacó matar sua sede. Buscar água neste lugar é uma tradição que herdou de seus pais. Jesus, cansado da caminhada se achega ao poço enquanto seus discípulos vão à cidade comprar comida. Como homem está com sede e precisa pedir água para alguém. A mulher aparece com seu cântaro para suprir sua necessidade e de sua família. “O lugar do encontro é o poço, local de namoro no relato de Jacó. Jesus substitui os numerosos “maridos” que a mulher tivera antes (BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R., (Orgs), 2007, p.760).

A samaritana é a esposa infiel representada pelo profeta Oseias, “mulher adúltera (= idólatra, cf. Os 1.2;2.4ss) a quem o Messias fala na solidão e volta ao amor primeiro” (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 200). Amada por Deus que nunca a desamparou e por certo vai ganhá-la novamente para si. Segundo Mateos, “Acontece o encontro do Messias com Samaria, a prostituta, a que tem filhos bastardos” (1989, p. 200). “Disse o Senhor a Oséias: Vai, toma para ti uma mulher que se entregue à prostituição, porque o país se prostituiu constantemente, afastando-se de ‘YHWH’” (cf. Os 1.2).

Nessa perspectiva, a mulher samaritana é comparada com a esposa infiel e adúltera de Oséias. Ao mesmo tempo identificada como representante de toda a Samaria, afastada de Deus através de seu sincretismo religioso – os seus diversos amantes.

Outros autores, também concordam que o texto de João 4 tem um enfoque alegórico plenamente percebido quando estudado paralelamente com o livro de

Oséias. Sobre tudo o capítulo matrimonial, Oséias 2, dá suporte a narrativa joanina e seus detalhes se justificam:

como o texto de Oséias é concentradamente simbólico, ao sobrepor-lhe o de João, este se torna simbólico ao quadrado. A “mulher samaritana” é como a Samaria personificada de Os 2: infiel ao marido “YHWH” (Os 2.4,6), entregue aos ídolos amantes (2.7,9), pervertendo o culto (2.15), ameaçada de morrer de sede (2.5); mas cortejada a sós por “YHWH” (2.16), reconciliada (2.17-18,21), de modo que comece um ciclo agrário (2.23-24) e a fecundidade da mulher (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p.2557).

Segundo Carson, o número de maridos representa a idolatria de Samaria e seu sincretismo religioso, a mulher representa a etnia samaritana mista e religiosamente contaminada (2007, p. 233). “Os samaritanos temiam o SENHOR e serviam a seus deuses, segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados” (cf. 2 Reis 17:33). Os samaritanos, “em cinco ermidas prestavam culto a sete divindades, além de “YHWH”. Mais importante que o número é a alusão aos muitos “amantes” = ídolos (cf. Os 2.7,9,12,14,15,19); é linguagem corrente chamar a idolatria de fornicção ou adultério” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011, p. 2557). Samaria adorava vários deuses, mas “nenhum deles é o esposo verdadeiro, o verdadeiro Deus” (LELOUP, 2000, p. 231). Neste sentido ganha ênfase o livro do profeta Oseias como pano de fundo ao episódio da mulher samaritana – a idolatria é comparada ao pecado de adultério.

O profeta Oseias fala da prostituta (cf. Os 1.2) e da adúltera (cf. Os 3.1), símbolos do Reino de Israel, cuja capital foi Samaria. “Sua prostituição e adultério consistiam em ter abandonado o verdadeiro Deus (cf. Os 2.4,7-9,15; 3.1)” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.226) e ter se dedicado a prática de culto a outros deuses (cf. 2 Rs 17.24-41). Dialogando com o profeta Oséias, João 4 adquire sentido matrimonial.

Samaria, representada pela mulher, está insatisfeita com sua vida de iniquidade. Por seus tantos pecados de adultério, vê-se numa situação sem solução e impossibilitada de se voltar em santidade para YHWH. Jesus lhe aponta um novo horizonte, um recomeço. A mulher precisa reconhecer sua situação pecaminosa, para se desembaraçar de seus deuses e se aproximar de “YHWH”.

A verdadeira sede assume conotação religiosa. Samaria tinha deixado seu marido e fora em busca de seus amantes - “Irei atrás de meus amantes, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas” (cf. Os 2.5). Samaria buscou saciedade em outras fontes, desejou alcançar alegria em outros prazeres. Então YHWH a cercou, impossibilitando que

encontrasse saciedade junto aos seus deuses, fazendo com que sua vida ficasse sequiosa junto de seus maridos, os diversos “baals”. “Portanto, eis que cercarei o teu caminho com espinhos; e levantarei um muro de sebe, para que ela não ache as suas veredas. Ela irá atrás de seus amantes, mas não os alcançará; e buscá-los-á, mas não os achará (cf. Os 2.6,7). A busca de segurança fora dos desígnios de Deus, toda aliança oposta a sua, são pretensões enganosas de encontrar soluções:

Samaria atraíra a Deus, o esposo do povo, buscando outros apoios (Ver Os 2.7; 9.1; 2.8,9;) [...] Jesus a está preparando para o que estava anunciado (Os 2.18: “... naquele dia... me chamarás: ‘Meu marido’, e não mais me chamarás ‘meu baal’ (meu ídolo). Afastarei de seus lábios os nomes dos baals, para que não sejam mais lembrados por seus nomes”) (MATEOS E BARRETO, 1999, p 226,227).

Samaria decide se converter: “Quero voltar ao meu primeiro marido, pois eu era outrora mais feliz do que agora” (cf. Os 2:7b)<sup>16</sup>. Junto ao poço de Jacó, Samaria se encontra novamente com seu Deus, que lhe oferece água e vida abundante representada pela aceitação e desejo da mulher: “Dá-me desta água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui buscá-la” (cf. Jo 4.15). A mulher demonstra sede e desejo por saciedade. Deseja a água que Jesus oferece para que não precise mais procurar outros amantes. Jesus a convida para tomar consciência de que o seu culto está prostituído. Isso explica o fato de ela passar em seguida ao tema dos templos (MATEOS E BARRETO, 1999, p.227).

Impossível esconder algo diante de quem perscruta os corações. Jesus conhecia a vida daquela mulher, conhecia sua vergonha que possivelmente era a causa de seu isolamento. Ele conhecia sua frustração. Sabia de seus diversos maridos e de seu atual amante. Nem por isso a recriminou. Pelo contrário elogiou sua sinceridade: “Falaste bem”. Jesus tem os meios de abraçar e convencer seus escolhidos. Ele foi incisivo com a Samaritana: “Tiveste cinco maridos e o que tem agora não é teu marido”. Sua vida estava exposta diante do profeta:

é clara a alusão a passagem de 2 Rs 17.24-41. Pretendiam prestar culto ao deus dos judeus, na realidade, porém tinham rompido com ele (Os 8.1-3)[...] “eu curarei a sua apostasia, eu os amarei com generosidade”. Por meio de Jesus, Deus lhe oferece o seu dom (4.10) É Jesus, o enviado de Deus, quem abriu o diálogo com Samaria. Ele personifica a atitude de Deus que os busca (4.4: tinha que passar por Samaria). Deus deseja o contato com eles e está disposto a chamá-los de seu povo (Os 2.25: “e direi a Não meu povo: ‘tu é meu povo’, e ele dirá: ‘Meu Deus’”) (MATEOS E BARRETO, 1999, p.227).

---

<sup>16</sup> Versão Bíblia de Jerusalém

O povo samaritano, escolhido de Deus, é novamente chamado e incluído. A Salvação é iniciativa de Deus por meio de Jesus. O instaurador do novo povo, da nova comunidade, sob uma nova aliança que claramente se evidencia:

a comparação entre Jacó e Jesus, feita pela mulher (4.12) e que Jesus já havia insinuado com sua oferta de água, mostra a existência de duas origens: Jacó foi o princípio de um povo, Jesus será princípio da nova comunidade humana, superando a pertença étnica. A água ou tradição dada por Jacó não apagará a sede, provocando, em consequência, busca incessante traduzida na multiplicidade de maridos, sem levá-los a encontrar definitivamente o Deus único (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 227, 228).

Enfim, “a samaritana sente-se reconhecida em sua totalidade. Nada mais tem para esconder, confessa sua carência, sua insatisfação” (LELOUP, 2000, p.232). A mulher reconheceu a necessidade em matar sua sede com a água pura e verdadeira, ela aceitou o presente. Tinha aprendido com Jesus através da “pedagogia da fé” (KONINGS, 1975, p.35). Confiou e se apropriou da salvação em Jesus por causa de sua palavra divina.

O dom de Jesus foi capaz de matar a sede de seus amores. O encontro com Jesus foi determinante para sua felicidade. Passou a ter vida abundante com o Deus verdadeiro. Samaria é perdoada e abraçada como uma esposa. É incluída como participante da nova aliança com YHWH.

#### 4.5 A VERDADEIRA ADORAÇÃO

Com certeza esse homem que acabara de revelar seus segredos, revela ser alguém diferente. “Vejo que és profeta”, diz a mulher (cf. Jo 4.19). “O mínimo que a mulher quer dizer é que o conhecimento preciso de Jesus sobre seu passado prova que ele é inspirado” (CARSON, 2007, p. 222). Inspirado para adivinhar sobre sua vida e seu passado. Talvez ele, também, entenda sobre religião. O profeta que adivinha é também o profeta que denuncia: ‘Vieste à minha casa para recordar minhas culpas?’ (cf. I Rs 17.18; Os 6.5). A mulher o toma no primeiro sentido, e o aproveita para uma consulta nacional (BÍBLIA DO PEREGRINO – comentário, p. 2557).

A mulher já havia questionado se porventura, Jesus queria ser maior que o pai Jacó. Agora, quando faz alusão a Jesus ser um profeta, com certeza, ela não o está comparando com profetas do Antigo Testamento. Isso se comprova pelo fato de os samaritanos considerarem somente os livros do Pentateuco como canônicos e

Moisés para eles era o profeta por excelência. Os samaritanos esperavam o *Taheb*<sup>17</sup>, o segundo Moisés.

Se não pode haver outro profeta entre o primeiro Moisés e o segundo Moisés, então chamar a Jesus de 'profeta' é praticamente chamá-lo de 'o profeta'. Entretanto, em vista do versículo 25, é improvável que a mulher samaritana esteja, no versículo 19, fazendo uma confissão tão clara. A palavra 'profeta' era usada para se referir a uma ampla gama de pessoas 'dotadas' e, nesse ponto, na mente da mulher, não pode denotar um grande profeta do Antigo Testamento, muito menos um personagem messiânico (CARSON, 2007, p. 222).

Outra premissa em destaque é a de que a mulher levantou a questão sobre a religiosidade, pois intencionava desviar a atenção de Jesus sobre sua individualidade. Como menciona Carson: “é mais fácil tratar de teologia que tratar com uma verdade angustiante. Mas essa interpretação talvez *psicologize* em demasia o texto” (2007, p.222).

Uma suposição mais simples é que a descoberta da mulher de que Jesus é algum tipo de profeta judeu a leva a levantar o ponto destacado de debate entre judeus e samaritanos, tanto para demonstrar sua consciência religiosa quanto para testar o forasteiro (CARSON, 2007, p.222). “Há pessoas que não conseguem manter um diálogo religioso com uma pessoa de confissão diferente sem trazer a tona os pontos que a diferem” (BRUCE APUD CARSON, 2007, p. 222).

Se o homem é realmente um profeta como ela mesma acabara de reconhecer, com certeza tem seu ponto de vista sobre o lugar “onde se deve adorar: neste monte no Gerizim ou em Jerusalém?” (cf. Jo 4.20). Ele é profeta e “vê com os olhos de Deus” (KONINGS, 2005, p. 127). Deve saber se os samaritanos deveriam peregrinar à Jerusalém para o encontro com Deus, pois é certo, tanto os judeus como os samaritanos sabiam que Deus escolhera um lugar para habitar (cf. Dt 12.5) e ser adorado.

Porventura, a mulher tinha em mente o que dissera o rei Salomão sobre a casa de oração de Jerusalém? Quando o povo pecasse, e se desviasse dos caminhos do Senhor adorando outros deuses e fossem levados como cativos por outros povos, mas no exílio se arrependessem voltando seus olhos para a terra de Jerusalém e para a casa do Senhor, este lhes ouviria as preces, se compadeceria deles e novamente ficariam restaurados (cf. 2 Cr 7.14).

O rei Salomão tinha feito esta oração “Ouve então nos céus, lugar de tua habitação, a sua oração e a sua súplica, e faze-lhes justiça” (cf. 1 Rs 8.49). Foi por

---

<sup>17</sup> Equivalente samaritano do Messias, ou era como os samaritanos chamavam a prometida figura do Messias (Carson, 2007, p.222)

ocasião da inauguração do templo, quando Israel estava unido e consolidado como uma nação teocrática. Foi um dia especial em que ofereceram sacrifícios e ofertas; e numa só voz consagraram suas vidas, adorando somente *YHWH* (cf. 1 Rs 8).

Entretanto, o povo se corrompeu a exemplo de seus governantes começando pelo próprio rei Salomão que adorou nos altos, ofereceu sacrifícios aos diversos deuses, esqueceu-se do Deus de seus pais. O resultado foi a divisão da monarquia, com o reino do Sul herdando o privilégio e direito de adorar em Jerusalém. O reino do Norte com sua maior concentração de tribos se devota a outros deuses: bezerros erigidos por Jeroboão; novos altares e nova capital, Samaria. A idolatria se perpetua até os períodos de exílio de ambos os reinos. O exílio é a vara de *YHWH*, correção que os restaura como adoradores de um único Deus.

Mas onde se deve adorar? Questiona a representante de Samaria. Os samaritanos dizem que é no “Monte Gerizim – onde tinha sido dada a benção de *YHWH* para Israel -, era o autêntico lugar de culto (LELOUP, 2000, p.223); os judeus dizem que é em Jerusalém. Eles falam bem, porque têm Jerusalém, o templo reconstruído e a “presença de Deus”.

os samaritanos, porém estão separados de tudo isso. É verdade que se apegam aos locais sagrados da história dos patriarcas, aos livros de Moisés, e que também adoram e esperam pelo Messias, mas tudo isso é irreal e vazio. “Adoram o que não conhecem” (BOOR, 2002, p. 111)

Os preceitos dos samaritanos estão fundamentados somente no Pentateuco. São alheios aos Salmos e Profetas. Nesses escritos Deus se revela com ternura, dispensando perdão e afeto, chamando cada individuo para si. “Então a noção correlata de ‘filho de Deus’ será aplicada a cada justo e não mais apenas ao rei” (DUFOUR, 1996, p. 282)

Para nós samaritanos, como poderemos adorar segundo vossas prescrições visto que somos impedidos, excluídos da vossa comunhão? Era o questionamento da samaritana. Se Deus aceitasse somente a adoração dirigida a Ele do templo de Jerusalém, conseqüentemente os samaritanos estariam excluídos também da presença de Deus. A mulher samaritana revela agora sua preocupação com a forma de culto, o lugar de oração, sua idolatria espiritual, sua e de seu povo, que “é talvez a mais perigosa forma de idolatria, pois ‘impõe limites’, ‘confina’ Deus a uma forma, a um lugar” (LELOUP, 2000, p. 233).

A revelação do profeta conduz a mulher a encontrar subterfúgio em sua religiosidade, questionando com Jesus sobre os lugares de adoração utilizados por

judeus e samaritanos. Ela não se isenta da culpa, mas diante profeta, busca o verdadeiro sentido da adoração. Revela o anseio de sua alma. A representante de Samaria revela o desejo ardente de seu povo excluído: o desejo de adorar.

por trás do interesse religioso nacional pelo “direito” dos samaritanos, pode transparecer um anseio oculto deles por Deus. Onde se pode de fato achar a Deus? Será que eles tem de peregrinar para Jerusalém a fim de chegar a presença de Deus e alcançá-lo com sua oração? Como samaritana, estaria ela excluída do Deus vivo, como todo o judeu lhe dizia? Acaso o homem profeta que desmascarara sua vida inteira não teria uma resposta diferente para ela? (BOOR, 2002, p. 110)

Jesus vem anunciar a forma correta de adorar, indicando à mulher que a salvação vem dos judeus. Aponta para si mesmo como sendo o anunciador dessa salvação. “A salvação vem dos judeus [...] e o tempo está se aproximando quando a sua religião nacional deve dar forma ao mundo e que a adoração seria em espírito e verdade”<sup>18</sup> (ROPS, 2004, p. 207).

o judaísmo foi apenas um mero veículo transmissor, não teria finalidade em si mesmo. O verdadeiro judaísmo só se encontra em Jesus; seria ele a mensagem de João para a sinagoga, com quem João parece dialogar (SÁNCHEZ, 2001, p. 123)<sup>19</sup>.

Jesus entende os anseios da mulher e tem a resposta convincente para seu questionamento: “Nem no Gerizim, nem em Jerusalém se deve adorar o Pai”. Ele sabia que “os samaritanos se apegam aos locais sagrados da história dos patriarcas, aos livros de Moisés, e que também adoram e esperam pelo Messias, mas tudo isso é irreal e vazio “Adoram o que não conhecem.” (BOOR, 2002, p.111) Tanto judeus como samaritanos adoravam, uns em Jerusalém, outros em Samaria. Quanto a Jerusalém Jesus refuta suas formas exteriores: “oram nas praças, dão esmolas e tocam trombetas, trazem largos filactérios e alargam as franjas de suas vestes” (cf. Mt 23.5). “São sepulcros caiados” (cf. Mt 23.27). “Mesmo Nicodemos, apesar de toda a seriedade pessoal de seu caráter e de sua teologia, ainda não era um ‘adorador verdadeiro’” (BOOR, 2002, p.111).

Como Messias, enviado de Deus, Jesus apresenta à mulher o Espírito vivificante de “Verdade” que deve fazer parte da vida dos verdadeiros adoradores que são concebidos como:

aqueles que oram e adoram realmente e com todo o seu ser. Isso somente é possível através do próprio Espírito de Deus. Gerada e renascida pelo Espírito de Deus do alto e plenificada com a vida divina, agora uma pessoa é capaz de ficar em contato com o Deus vivo de forma totalmente real. Essa novidade total “vem”. Mas agora “já veio”,

---

<sup>18</sup> Tradução nossa

<sup>19</sup> Tradução nossa

agora, quando Jesus está diante desta mulher oferecendo-lhe água viva (BOOR, 2002, p 112).

Enfim a mulher encontra resposta para os seus anseios e de todos os samaritanos. Segundo Comblim, o que Jesus espera dos seus discípulos é uma experiência viva, não conhecimento de ortodoxia (2009, p. 83). Conhecimento que induz a reflexão e a libertação.

Jesus, o Salvador do mundo, vem libertar o homem de todas as formas contrárias de adoração que desagradam a Deus.

[Jesus é o libertador de] todas as formas de idolatria! E eis a primeira mensagem dos patriarcas – de Abraão a Moisés – “Deus não é obra de mãos de homens”, não é o ídolo segregado por nossos espíritos ou nossos imaginários em busca de consolo ou de segurança. Deus é o real absoluto, “aquele que é”, para além de todas as formas e, no entanto, presente em cada uma delas (LELOUP, 2000, p. 233).

Através de Jesus, Deus que é Espírito se revela a toda Samaria. O instrumento utilizado para este fim é uma simples mulher. Jesus ensina o que é a verdadeira adoração, “claro que o verdadeiro critério da adoração é a crença em Jesus. Na narrativa joanina, Ele, Jesus já suplantou os ritos judaicos de purificação (Jo 2.6-11; 3.25-30) [...] e o “Senhor ressurreto” suplanta o templo de Jerusalém (Jo 2.13-22)” (BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R., (Orgs), 2007, p. 760) “Com Ele, vem a hora na qual o culto deixa de depender de um local determinado, por mais venerável que seja” (DUFOUR, 1996, p. 280). O lugar de encontro com Deus não é o templo de Jerusalém, nem o do *Gerizim*, nem qualquer outro, mas Jesus mesmo (cf. Jo 1.14; 2.21; 7.37-39) “ele é o santuário do qual brota a água do Espírito” (KONINGS, 2005, p. 127).

Jesus, o verbo encarnado, inaugura um novo tempo: “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (cf. Jo 4.23). “Isto é, movidos pelo sopro de Deus que é Espírito (cf. 14.16) e fiéis à manifestação de Deus em Cristo que é a verdade (cf. Jo 1.14)” (KONINGS, 2005, p.127). Nesse sentido, Jesus quis dizer verdadeiros, pelo fato de existirem muitos adoradores em Samaria, Judéia, Galiléia e toda a circunvizinhança, mas nem todos eram verdadeiros. Nem todos adoravam em espírito e em verdade. “Em Jerusalém, Jesus também não achou ‘adoradores verdadeiros’. Ali eles haviam transformado a casa de seu Pai numa casa de comércio” [Lc 19.46; Mt 21.13] (BOOR, 2002, p.111).

Cultuar a Deus tem um sentido formal e religioso que aponta para o Templo. Por isso “Jesus evita o termo religioso ‘Deus’ e usa o mais familiar ‘Pai’” (MAGGI,

2013, p. 53). No encontro com Jesus, homens e mulheres recebem uma nova natureza que se assemelha a natureza divina.

à semelhança ao seu amor é o único culto que o Pai requer (“de fato o Pai procura tais adoradores”, Jo 4.23). Esse culto não precisa de espaços e ritos sagrados, mas é possível em qualquer lugar onde haja a expressão de um amor gratuito semelhante ao do Pai. A mulher, que desejava saber aonde ir para oferecer culto a Deus, Jesus responde que é o Pai quem se doa a ela, oferecendo-lhe a sua própria capacidade de amar. O senhor não espera presentes dos homens, mas ele próprio se torna dom para a humanidade; não se deixa servir, mas se faz servo dos homens (Jo13.1-5) (MAGGI, 2013,p. 53)

Adorar em Espírito “é o principio do novo culto espiritual (cf. Jo 2.20,21 e Rm 1.9). “Esse culto é em ‘verdade’, por que só ele responde à revelação que Deus faz por meio de Jesus” (BÍBLIA DE JERUSALÉM - Comentário, p. 1850). Jesus explica à samaritana em tom conclusivo: é preciso “beber da água que eu lhe der”. Isso só acontece na esfera espiritual. Analogamente a uma pequena nascente, que brota e jorra até formar um grande rio, assim também são os verdadeiros adoradores que tem a “água-espírito” de Jesus.

os “adoradores verdadeiros” são aqueles que oram e adoram realmente e com todo o seu ser. Isso somente é possível através do próprio Espírito de Deus. Gerada e renascida pelo Espírito de Deus do alto e plenificada com vida divina, agora uma pessoa é capaz de ficar em contato com Deus vivo de forma totalmente real (BOOR, 2002, p.112).

O Pai, Deus é Espírito. “O poder vivificante a ser adorado” (FIORENZA, 1992, p. 376). Isso, segundo Konings (1975, p.34) não é uma máxima filosófica, mas tem o real significado que Deus não é ‘carne’ e também não se amolda a conceitos humanos. Deus é o Santo, o Poderoso, o Transcendente que realiza, em Jesus, seu plano segundo sua própria vontade (Konings, 1975, p, 34).

Não sendo “carne”, Deus não está condicionado por brigas nacionalistas ou religiosas. Está acima dos escusos interesses humanos, acima dos partidarismos. É preciso adorá-lo “em espírito”. E também em “verdade”. Essa exprime aqui a relação de lealdade e fidelidade para com a verdade fontal, que é a manifestação de deus em Jesus como “amor até o fim”. A expressão “adorar Deus em espírito e verdade” não significa, pois, um culto “meramente espiritual”, nas nuvens, mas implica a vida conforme à verdade que Deus manifesta em Jesus, a prática do amor fraterno, como bem explica 1 Jo 3.17;4.7 (KONINGS, 2005, p. 127,128).

Portanto, o único culto requerido por Deus, é o culto em “espírito e verdade”. Nesse sentido, Jesus não está revelando Deus como algo abstrato, mas como energia vital, a força criadora de Gn 1 e 2, um dinamismo de vida e de amor que se manifestou na criação do homem e que deseja continuar se comunicando com sua criação (MAGGI, 2013,p. 54).

significa que Deus é invisível, divino em oposição a humano (cf. Jo 3.6), doador de vida e desconhecido para os seres humanos a menos que ele decida se revelar (cf.

Jo 1.18). Como “Deus é luz” e “Deus é amor” (1 Jo 1.5;4.8), assim também ‘Deus é Espírito’: esses são elementos na forma em que Deus se apresenta aos seres humanos, em sua bondosa auto revelação em seu Filho. [...] E ele escolheu se revelar: Ele pronunciou sua Palavra, sua própria auto expressão. Naquela Palavra, agora tornada carne, ele pode ser conhecido tão verdadeiramente quanto é possível para os seres humanos conhecê-lo (cf. Jo 1.1-18) (CARSON, 2007, p. 226).

Nessa perspectiva, somente são seus filhos, os nascidos Nele, através de Jesus Cristo, pois é “em Jesus que habita o Espírito e que batiza no Espírito (1.33), anuncia adoradores nascidos do Espírito” (DUFOR, 1996, p.284) como menciona a carta paulina aos crentes romanos: “se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a Ele” e “Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (cf. Rm 8. 9,14):

a palavra encarnada é a única que batiza seu povo no Espírito Santo (cf. Jo 1.33), pois, a menos que sejam nascidos do alto, a menos que sejam nascidos do Espírito torna-se possível pela obra daquele que é a verdade (cf Jo 14.6), e quem, por sua glorificação por meio da cruz, derrama o Espírito que é chamado o Espírito da verdade (cf. Jo 14.17; 15.26;16.13) (CARSON, 2007, p. 226)

Segundo Carson, “esse Deus que é Espírito pode ser adorado somente em espírito e em verdade” através do Filho que o revelou. Somente aquele que tem o Espírito de Deus é capaz de adorá-lo chamando-o de “*Abba!*”, “Pai!”. Sempre será o desejo do coração de Deus ter proximidade com seus adoradores, ser reverenciado por corações puros. “Agora chega o Filho, para providenciar para o Pai os verdadeiros adoradores, pelos quais anseia” (BOOR, 2002, p.112)

O Pai é a Verdade que se manifesta no Filho: “O Cristo Verdade constitui o ‘lugar’ verdadeiro do culto messiânico, o novo templo espiritual” (DUFOR, 1996, p. 285). “Nem em Jerusalém, nem no *Gerizim*, nem qualquer outro lugar, mas em Jesus mesmo (veja 1.14; 2.21; e 7.37-39), ele é o próprio santuário do qual brota a água viva do Espírito” (KONINGS, 2005, p. 227). O verbo se fez carne e habitou entre os homens (cf. Jo 1.14). Revelou Deus e seus desígnios de salvação para o homem.

Quando o ser humano crê na palavra revelada e é convencido pelo Espírito, torna-se verdadeiro adorador. “A adoração só é autêntica se produzida pelo Espírito que diz a Verdade do Cristo” (DUFOR, 1996, p.285).

Entende-se por adorar em Espírito e em Verdade, a expressão: “en *pneumati kai aletheia*” = adorar ou “orar no Pneuma, no sopro” (LELOUP, 2000, p. 234), como quem respira profundamente trazendo do seu interior toda a força do ser. E, adorar em verdade, não significa como alguém que está fora de si, ou de sua “consciência,

mas como aquele que está em um estado de despertar e de uma memória ininterrupta do ser” (LELOUP, 2000, p. 234). É uma vida que se manifesta na real devoção ao Pai:

orar “em *pneumati kai aletheia*” é orar com todo o seu sopro e com toda a consciência. Os Padres da Igreja verão no Pneuma o Espírito Santo; e na aletheia, o Cristo. Neste caso, é nos pedido para orar “no Espírito Santo e no Cristo”! (LELOUP, 2000, p. 234).

O discurso de João sobre o encontro de Jesus com a mulher samaritana alcança seu clímax quando esta declara estar diante de um profeta como Moisés e que realmente os samaritanos o esperavam ansiosamente, ao que Jesus, o Filho de Deus prontamente responde: “Eu Sou, eu que falo contigo”. Esta é a revelação da teologia joanina em Jo 4 – Jesus o ungido de Deus, o Messias, maior que Abraão como revelado depois pelo próprio Cristo: “Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, Eu Sou” (cf. Jo 8.58). “A base para a verdadeira adoração na comunidade joanina é a confissão de Jesus como profeta, Messias, Salvador do mundo e igual a Deus” (BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R., (orgs) 2007, p. 760). Essa base deve estar fundamentada no abandono de todos os deuses representados pelo sincretismo religioso de Samaria, e as questões rituais de Jerusalém, para adorar tão somente o Deus Verdadeiro em espírito e em verdade.

O passado de idolatria é lançado ao mar e nunca mais será lembrado:

porque a hora vem! Isto prenunciando um tempo bem próximo da glória de Jesus, que mediante a sua crucificação, ressurreição e ascensão, e o início da nova aliança, a santidade de qualquer lugar como lugar de adoração desaparecerá e a adoração espiritual terá entrada (PACK, 1983, p.75).

Uma nova aliança será feita entre Deus e seu novo povo por meio de Jesus Cristo, que abrange todas as raças, gênero, culturas e classes sociais, como bem representados no episódio com a samaritana. E todos hão de adorar com a totalidade do ser, oferecendo culto perfeito ao Senhor como convoca o apóstolo Paulo aos crentes de Roma em tom de súplica: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (cf. Rm 12.1). Esses novos adoradores que o Pai procura hão de oferecer culto com racionalidade. Um culto espiritual e verdadeiro.

Aqui a teologia paulina e joanina sobre a adoração se coadunam. A adoração ao Pai flui do novo entendimento, de uma mente renovada, de um coração puro e

regenerado pelo Espírito Santo, que declara a dignidade e soberania de um Deus Santo. A mulher questionava a forma exteriorizada da adoração. “A resposta de Jesus ultrapassou a mera forma e falou da realidade de espírito e verdade” (BORROR, 2002, p. 33), que se conforma com a natureza divina, mas que “também inclui o significado de sinceridade e autenticidade” (PACK, 1983, p.75):

como espírito Deus não está confinado a um só lugar sagrado; sendo onipresente ele pode ser adorado em todo lugar. No desenrolar do seu plano divino, Deus levou os homens até o ponto em que a adoração espiritual em todo o lugar é que o agrada, sem consideração por qualquer lugar sagrado (PACK, 1983, p.75).

O espírito penetra o íntimo do ser quando a mulher recebe a informação que Deus não está preocupado com lugares, mas contempla, se revela e se comunica com a humanidade na sua essência. Com cada individuo dentro do seu próprio “eu”. Quando se apropria da revelação concedida por Jesus acerca do lugar e de como se deve adorar, a mulher passa a ter uma vida plena diante de Deus.

A mulher mesma descobrira que era o templo mais precioso comparado a todos os templos que conhecia:

é nesse templo que Deus mora. O seu coração era o lugar da verdadeira adoração do Deus da vida. O lugar sagrado muda. Este é o espaço dela mesma como mulher, como pessoa humana feminina que ela é. É ela com seu corpo feminino e ali onde ela se encontra. Ela é o verdadeiro templo. Os templos e as montanhas são símbolos da mais profunda dimensão do ser humano, de transcendência, de interioridade aberta para o mistério maior, escondido no mais profundo da alma humana; no sacrário da própria consciência, onde é preciso entrar, se deseja adorar de verdade (MONAY, 2008, p. 55).

Deus é Espírito, “o sopro que anima e reanima incessantemente todo o universo” (LELOUP, 2000, p.234) simbolizado pela água jorrando no interior de cada individuo, produzindo continuamente vida abundante. O que Jesus quis dizer à mulher samaritana é que Deus “procura ativamente aqueles que se relacionam com ele no íntimo, de coração” (BORROR, 2002, p. 36). Procura aqueles que capacitados por Jesus, vivem um estilo de vida que exalta e glorifica a santidade de “YHWH”.

Jesus, Ele próprio, proporcionou à mulher condições para se relacionar com o divino. Ofereceu-lhe um dom que era o Espírito Santo, Espírito de amor e de vida (cf. Jo 7,37-39) que como a água brotava misteriosamente de dentro, como se ela mesma, a samaritana, fosse uma fonte de águas tão puras (MONAY, 2008, p.56).

O culto verdadeiro, “em espírito e em verdade” como é o que requer o Pai de seus filhos é um relacionamento de amor, reciprocidade e fidelidade semelhante ao amor que Ele o Pai oferece conforme suas promessas para seu povo no Antigo

Testamento: “Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos” (cf. Dt 7.9), contudo não se condiciona as respostas humanas como menciona o apóstolo Paulo: “Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo” (cf. 2 Tm 2:13).

A verdadeira adoração se manifestou de maneira autêntica na vida da samaritana. Prestar culto ao Pai com esse sentido, é colaborar na sua ação criadora, comunicando vida aos homens; ter a própria vida vivida em benefício dos outros (MAGGI, 2013,p. 17 ). A mulher samaritana demonstrou isso. Recebeu vida de Jesus e apressadamente foi oferecê-la aos seus concidadãos. Bem diziam os profetas do Antigo Testamento: “Viria um dia em que a adoração não seria mais centralizada em templos ou santuários, mas a terra toda estaria cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar” (CARSON, 2007,p. 227).

Esse dia havia chegado. A hora vem e é agora. Através de Jesus, Deus vem habitar entre os homens:

“armou a sua tenda entre nós” (Jo 1.14). A tenda de Deus, o santuário onde o Senhor habitava no meio dos homens e manifestava a sua glória (Ex 40.34-35) é agora um homem que podemos escutar, ver e tocar (1Jo 1.1). Com isso, o evangelista anuncia a eliminação do Templo e de qualquer outro lugar sagrado (Jo 4.20-24) (MAGGI, 2013, p.17).

A samaritana precisava anunciar novidade de vida que recebera de Jesus, seus concidadãos também precisavam conhecê-lo. É através dele que deveriam adorar. Casalegno afirma: o culto digno de Deus é aquele que se oferece ao Pai por meio de Jesus Cristo (2009, p.335):

somente assim os seres humanos se tornam “legítimos” adoradores do Pai. O único lugar onde “é preciso” (δεῖν, v..24) adorar a Deus, que é Espírito, é a pessoa de Jesus. O texto 4.20-24 mostra assim, que Jesus é o novo Templo (CASALEGNO, 2009, p. 335)

Jesus, o novo templo se manifesta através de seu Espírito a cada pessoa individualmente e nelas habita. Faz de cada individuo um templário da riqueza espiritual para que a Gloria seja Dele e não do homem como explica o apóstolo Paulo: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós” (cf. 2 Co 4:7). É a verdadeira efetivação do culto espiritual.

#### 4.6 O RESULTADO DO ENCONTRO: CONVERSÃO E INCLUSÃO

Depois do encontro com Jesus, a mulher voltou rápido para Sicar. Queria desfrutar de sua nova vida e compartilhar com outros da água viva que recebera. “Ela abandona o velho cântaro, renunciando as velhas formas cerimoniais da religião em favor da adoração em espírito e em verdade” (CARSON, 2007, p.228). A mulher “encontrou água melhor que a do poço! O balde ficou tão supérfluo quanto as talhas das purificações dos judeus em Jo 2.6: também o culto samaritano pertence ao passado diante de nova oferta (KONINGS, 2005, p. 128).

Após a experiência transformadora, brota a ansiedade de proclamar a boa nova. Ela tem pressa em anunciar o maravilhoso encontro, pois esse encontro a levou ao seu auto conhecimento e consequente libertação.

Jesus anuncia, aponta e realiza essa libertação. “O encontro de Jesus com os samaritanos tem uma mulher como intermediária” (LONA, 2011, p. 61). Jesus será reconhecido pelos conterrâneos dela: “e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (cf. Jo 4.42). “A fé de muitos samaritanos é o primeiro anúncio feito pela mulher ” (Lona, 2011,p. 62). Não somente a fé desses samaritanos, mas também no que concerne a conversão dos crentes da comunidade joanina.

Esses samaritanos antecipam a situação daqueles membros da comunidade joanina cuja origem era a samaritana. A profissão de fé que eles realizaram em nível textual prefigura a profissão de fé que muitos outros crentes realizarão ao se integrarem à comunidade (LONA, 2011, p. 63).

Um encontro que a colocara em nível de igualdade com outras pessoas. Como menciona Tournier: “A essa mulher Jesus diz coisas tão difíceis de serem compreendidas quanto às dirigidas a Nicodemos. Fala sobre uma água viva que Ele dá e que ‘aquele, porém, que a beber nunca mais terá sede de novo’” (2005, p. 142). Jesus concede a mulher parte de seu “conhecimento misterioso” (KONINGS, 1975, p.34) que só pode ser compreendido através da verdadeira fé bem exemplificado por esse mesmo autor:

A verdadeira fé é apresentada aqui no seu crescimento humano, no seu dinamismo que deve superar o que se espera. A pré-compreensão natural deve levar a um diálogo com a palavra, um diálogo em que nós não sabemos de antemão o que Deus vai dizer. Deus abre o diálogo, enquanto o homem se predispõe, embora ainda não saiba o que Deus vai dizer (KONINGS, 1975, p. 35).

A mulher teve o privilégio de dialogar com a palavra. Pode se apropriar da “água límpida” que começou brotar do interior. Isso lhe impulsionou ir ao povo de sua aldeia, situação que lhe causaria desconforto não fosse pela novidade que portava. O diálogo com Jesus, e o conhecimento que ele tinha de sua vida, fez com que ela concluísse que ele era um profeta. Não tinha mais necessidade de se esconder. Ao contrário, deixou tudo junto ao poço e foi ao encontro das pessoas que a discriminavam. Expõe seu pensamento conclusivo sobre o homem que tinha encontrado e com ele dialogado junto ao poço. Ele lhe revelara toda sua vida e com certeza sabia muito mais: “Ao declarar que ele lhe disse ‘tudo o que ela fizera’, a mulher se refere evidentemente à sua conduta conjugal, mas o sentido pode facilmente ser mais amplo e implicar seu compromisso com as crenças pagãs” (DUFOUR, 1996, p. 289) “Ela pergunta, com evidente agitação, mas ainda alguma hesitação (mêti): “será que ele não é o Cristo?” (CARSON, 2007, p. 229).

O testemunho da mulher é convincente, seu argumento impressiona seus ouvintes e os leva até Jesus. O testemunho da mulher é pessoal como também era a sede de todo o povo samaritano que corre até Jesus.

Após o encontro, a sede do povo foi saciada. Então vem a constatação: “Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o “Salvador do Mundo” (Jo 4.42). Com isso, eles não recitam um dogma, mas exprimem uma convicção que se fixou no seu espírito (COMBLIN, 2009, p. 82). Convicção denominada “fé”. Após a constatação vem o convite solene destes moradores de Sicar para que Jesus permanecesse com eles, “assim como Labão, após a volta de Rebeca “correu para o homem junto à fonte” e “lhe pediu que honrasse sua casa” (cf. Gn 24.29-31)” (DUFOUR, 1996, p. 290).

O Salvador do mundo permaneceu então com eles por dois dias para depois seguir seu destino. Os samaritanos foram alcançados pela mensagem de Jesus e creram. Estavam sedentos pelas águas da salvação e precisavam ouvir mais, aprender mais de Jesus que acabara de se revelar a eles. Num sentido metafórico Dufour explica sobre esta sede dos samaritanos que foi saciada em Jesus:

“vós tirareis água com alegria das fontes de salvação” (Is 12.3), o Targum traduz: “Todo aquele que deseje a instrução, que venha e aprenda!” e comenta: “Vós recebereis com alegria uma nova instrução dada pelos eleitos da justiça”; e onde Isaías diz: “Vós todos que tendes sede vinde à água” (Is 55.1), o Targum traduz: “Todo aquele que deseja instrução, que venha e aprenda!” (DUFOUR, 1996, p.273,274).

A sede da mulher foi saciada através da revelação do Messias. É uma saciedade anunciada a todos os seus conterrâneos que depois se alastra por toda uma aldeia. A mulher percebe que é necessário um agir comunitário, integrado e novo a partir daquele encontro. Um povo começa a ser conquistado para o Reino (ESTUDOS BÍBLICOS – nº 41, Lima, 1994, p. 41 ).

Beber a água viva para a samaritana e seu povo, “representa o primeiro evangelismo transcultural, empreendido pelo próprio Jesus, resultando em um padrão a ser seguido pela igreja: [e] “serão minhas testemunhas em Jerusalém em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8)” (CARSON, 2007, p.233).

A semente da palavra fora semeada. Já se podiam visualizar seus frutos. “A colheita iria crescer como a primavera estava crescendo na planície vizinha”<sup>20</sup> (ROPS, 2004, p.207). Levantai os vossos olhos e vede os campos, como estão dourados, prontos para a colheita! (cf. Jo 4.35). “O tempo final está aí. Os profetas tinham anunciado com essa imagem o tempo da conversão” (KONINGS, 2005, p. 129).

É o Reino de Deus que se manifesta e abraça todos os povos.

---

<sup>20</sup> Tradução nossa

## 5 ABORDAGEM HERMENÊUTICA

Numa primeira leitura de Jo 4 se verifica que o evangelista está tratando do conflito racial entre judeus e samaritanos e a questão de gênero, quando aborda explicitamente a marginalidade da mulher nos tempos bíblicos. Em sua mensagem, Jesus promove uma verdadeira revolução: “como ousa aquele judeu transgredir o interdito social e ritual que o separa dos samaritanos e, a *‘fortiori’*<sup>21</sup>, de uma mulher samaritana?” (DUFOR, 1996, p. 269)

São questões consideradas apenas como cenário para ocultar outras de igual modo relevantes. Nesta seção far-se-á uma abordagem hermenêutica com intuito de levantar o verdadeiro significado do encontro e do diálogo. A conscientização da mulher sobre Jesus como o “Messias”; a revelação de Jesus como o “Eu sou” e a missão evangelizadora de Jesus e da mulher. Esses aspectos apontam para os valores do Reino de Deus inaugurado por Jesus.

Os cristãos daquela primitiva comunidade, participantes do novo Reino, vivenciavam situações que teve forte influencia sobre o escrito joanino. Vida eterna, problemas existenciais, anseio pelo verdadeiro culto à Deus e o desejo de anunciar o evangelho. A intenção maior do narrador, em todo o evangelho, foi despertar a fé de seus leitores, sempre com o propósito de apontar para Jesus como o Deus que habitou entre os homens. “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (cf. Jo 20.31).

Vida eterna, abundante, não mais atrelada a lugares geográficos, mas num nível mais elevado, espiritual. A samaritana recebe um presente espiritual de Jesus, didaticamente apresentado através da ilustração das fontes de águas vivas. Contrasta com a água do poço de Jacó que saciou a sede física dos seus antepassados, possuindo um significado relevante para o seu povo segundo a Torah:

na tradição rabínica a água era símbolo frequente da Torah, enquanto purifica, mata a sede e favorece a vida. [...] A Torah é de fato água, mas água que pertence à esfera inferior da existência: não é água de vida eterna (DODD, 1977, p. 414).

---

<sup>21</sup> É o início de uma expressão latina - a fortiori ratione - que significa "por causa de uma razão mais forte", ou seja, "com muito mais razão". ([http://pt.wikipedia.org/wiki/a\\_fortiori](http://pt.wikipedia.org/wiki/a_fortiori))

A água de vida eterna que Cristo dá não é estanque, é viva e abundante, flui continuamente até se tornar um rio caudaloso que produz vida por onde passa. O próprio Cristo é a fonte oferecida em Jo 4 que dá significado em cada subtítulo desta seção:

1. Evangelização que rompe preconceitos;
2. Uma vida no Espírito;
3. Frutos da Evangelização: conversão e inclusão;
4. Semeadura e colheita

## 5.1 EVANGELIZAÇÃO QUE ROMPE PRECONCEITOS

Quando Jesus toma a iniciativa de dirigir a palavra à mulher samaritana, ela corresponde com pujante estranheza: “Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?” João dá uma breve explicação: “porque os judeus não se dão com os samaritanos” (cf. Jo 4.9). Essa premissa faz parte da seção introdutória desta pesquisa, e neste tópico terá enfoque sob um novo viés.

Na primeira seção se desdobra a rivalidade entre judeus e samaritanos, iniciada num período da história em que os dois povos tinham sofrido o julgamento divino, cuja causa foi o afastamento e idolatria do povo. Foram deportados, separados entre si e afastados do Senhor. Sofreram o desprezo de Deus: “Disse o Senhor a Oséias: Põe-lhe o nome de Não-Meu-Povo, porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus” (cf. Os 1.9). O “Lo-Ami”, filho desprezado do profeta Oséias, apontava para o rompimento da aliança entre Deus e seu povo, significando que Israel fora rejeitado e já não era mais reconhecido como filho de Deus.

Judeus e samaritanos viveram situações similares: “Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual ele ama, e se casou com adoradora de deus estranho” (cf. Ml 2.11).

O sofrimento vivido por eles não os fez cúmplices no amor, mas serviu-lhes como divisor de águas. Acirrou-lhes o ódio.

Para derrubar os muros do ódio e da indiferença fez-se necessário que Jesus mudasse seu trajeto entre a Judéia e a Galiléia. “Jesus passa através da Samaria por causa de sua missão, não por necessidade do trajeto” (KONINGS, 2005, p. 125).

Sua missão é evangelizadora, e “não se dirige aos puros, aos perfeitos, mas também àqueles que são considerados excluídos, “excomungados” (LELOUP, 2000, p. 224), que por forças das circunstâncias foram forçados a viverem misturados com nações pagãs.

O próprio Jesus, quando escribas e fariseus arrazoavam entre si sobre a postura dele em se assentar a mesa com publicanos e pecadores, explicou-lhes o motivo de sua missão: “Os sãos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento” (cf. Mc 2.17). Sua missão era salvar, curar, agregar novamente:

passar por “Samaria faz pensar na profecia de Isaías, segundo a qual os dois reinos separados (Israel e Judá) seriam, um dia, reconciliados. Diz-se aí que o rei justo em quem repousar o Espírito de Deus “reagrupará os banidos de Israel e reunirá os dispersos de Judá (Is11.12)” (LELOUP, 2000, p. 224)

Junto ao poço de Jacó, Jesus, um judeu, vem derrubar as barreiras que os separavam dos samaritanos. “Vem romper com o judaísmo, que dividia o mundo em justos (os bons judeus) e pecadores (os outros, como por exemplo os samaritanos)” (KONINGS, 1975, p. 35). Vem propor a conciliação entre os povos e a reconciliação com Deus: “Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (cf. Jr 7.23):

além disso, ao fazer um pedido, elimina a superioridade proverbial dos judeus com referência aos samaritanos. Apresenta-se simplesmente como homem, necessitado como todos; põe-se em situação de dependência e reconhece que ela pode oferecer-lhe algo de indispensável. Ao pôr-se no nível da necessidade corporal (cf. 2.21: seu corpo; 19.31: os corpos) suprime a discriminação e dignifica a mulher (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 222).

Jesus se assentou junto ao poço num momento de cansaço e se identificou com a humanidade toda. Deixou de lado os preconceitos raciais e de gênero. Jesus sabia que não seria aceito em Samaria. Por certo não receberia um copo de água para saciar-lhe a sede. Já lhe tinham negado pouso conforme relata o evangelista Lucas: “E mandou mensageiros adiante de si; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada, mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém” (Lc 9.52,53).

Cansado e sedento junto ao poço Jesus esperava pela mulher: “está em busca de uma humanidade onde pudesse sentar-se e repousar – ‘Deus está em busca do homem’” (LELOUP, 2000, p. 225).

Quando surge a mulher samaritana, Jesus não se mostra preocupado com as questões preconceituosas que poderiam advir sobre ele e a mulher quando o vissem

dialogando. Afinal a mulher era samaritana e pagã, “todo samaritano era pagão” (cf. JEREMIAS, 1983). Essa era a concepção que os judeus tinham dos samaritanos. Jesus não está atrelado às ideologias difundidas pelos rabinos que afirmavam: “Aquele que se demora a conversar com uma mulher traz o mal sobre si, desvia-se das palavras da lei e no fim herda o *Geena*<sup>22</sup>” (BRUCE, 1987, p.106). Também não ficou preocupado com o que seus discípulos iriam pensar e/ou dizer quando o vissem conversando com uma mulher de Samaria. Mais tarde quando seus discípulos voltaram da cidade se admiraram por vê-lo conversando com uma mulher, mas ninguém tem coragem de se pronunciar (cf. Jo 4.27).

Em sua missão de alcançar a todos que o Pai lhe deu (cf. Jo 6.37; 10.29), Jesus faz questão de ser diferente dos demais. Somente Ele é capaz de revelar o amor do Pai e tem a iniciativa de romper com as barreiras relacionadas a discriminação étnica, de gênero e religiosa. Jesus “tem” e “é” o dom precioso de Deus. Quer oferecer a todos indistintamente:

[...] o dom de Deus, que não distingue entre uns e outros, porque o seu amor se dirige à humanidade inteira (3.16). O dom de Deus é o próprio Jesus (deu o filho único), que traz a salvação para todos (3.16,17). Sendo o manancial da vida, é capaz de dar água viva, corrente e a oferece a samaritana. Jesus está livre de todo o preconceito, para ele existe só a relação interpessoal, manifestada no dar e receber (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 222).

Jesus, o Filho de Deus, não faz acepção de pessoas. Sua mensagem alcança a todos: grandes e pequenos, ricos e pobres, homens e mulheres, exemplo disso é o episódio em que Jesus se encontra com Nicodemos, um homem importante, um fariseu, representa um oposto em relação à Samaritana:

ele era um erudito, poderoso, respeitado, ortodoxo, teologicamente preparado; e ela era inculta, sem influência, desprezada, capaz somente da religião popular. Ele era um homem, um judeu, um líder; e ela era uma mulher, uma samaritana, pária moral. E ambos necessitavam de Jesus (CARSON, 2007, p. 217).

Foi para esta mulher pária, desprezada e marginalizada que Jesus se mostrou acolhedor. Rompeu os preconceitos culturais e religiosos impostos pelas duas etnias. A mulher era praticante de uma religião popular e tinha os mesmos anseios que seu povo. Os samaritanos esperavam um enviado de Deus, um profeta como Moisés (cf. Dt 18.18) que lhes revelasse o *Taheb*, o lugar da verdadeira adoração, a forma de culto no Gerizim.

---

<sup>22</sup> De origem hebraica. Vale de (o filho de) Hinom; gehenna (ou Ge-Hinnom), um vale em Jerusalém, utilizado (figurado) como um nome para o local (ou estado) de danação eterna: - inferno (p. 2121).

Ao desvendar a vida da mulher e denunciar seu adultério, Jesus a leva a desconstrução de suas convicções religiosas, que eram somente aparentes, e a transporta para o nível elevado da espiritualidade, “pois para ela o encontro com o verdadeiro Deus reduz-se a questão cultual. Quer saber qual culto é o verdadeiro e qual o falso” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 228). Ela está prisioneira da tradição e ao mesmo tempo insegura sobre sua legitimidade:

a mulher volta a apelar aos antepassados (nossos pais), que construíram o seu próprio templo, rival do de Jerusalém, único legítimo. O profeta deve resolver a questão. Ela continua aferrada a validade de Jacó como origem do povo; se dentro de sua descendência houve cisma, a solução há de se encontrar sem sair desta tradição; não concebe novidade (MATEOS E BARRETO, 1999, p.228).

A esperança da vinda de um profeta messiânico, lhe ardia no peito: - “Eu sei que há de vir o Messias chamado o Cristo” (cf. Jo 4.25). Agora, junto ao poço, recebe o bálsamo da revelação. Jesus lhe fala: “Eu sou o que falo contigo” (cf. Jo 4.26):

nessa passagem, Jesus não só revela quem ele é – “o Messias sou eu” -, mas leva a samaritana a entrar na própria proximidade do “eu sou”, na presença ardente e iluminadora que, outrora tinha falado a Moisés na sarça (LELOUP, 2000, p. 235).

Quando Jesus se revela, se rompem múltiplos paradigmas que ultrapassa tempos e lugares:

Jesus não tinha vindo para mostrar onde se encontravam os utensílios do antigo culto para restaurá-lo. O novo culto não precisa mais de utensílios nem de um lugar concreto. A mulher encontra-se com um Messias que supera o esperado, Messias que não só revela “coisas novas” (verdadeiro culto), mas também inaugura um novo tempo de graça, o *kairos*, no qual a adoração ao Pai não será feita no tempo futuro (cf. Jo 4,21), mas o tempo é agora. O futuro se faz presente e deixa de existir. O tempo é agora, é hoje e já chegou (cf. Jo 4,23) (CAPOSSA, 2005, p. 134).

A salvação, trazida por Jesus à mulher junto ao poço de Jacó, tem novo sentido. “Estabelece entre Deus e o homem vínculo familiar e pessoal e muda o caráter do culto, que passa também a ser pessoal, no âmbito da relação filho-Pai” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 229). Para a samaritana é a condição de “filha e Pai”, que dá início a uma nova etapa de sua vida. Ela passa a compreensão de sua história com o Deus verdadeiro:

[pois] o Deus da Lei criara desigualdade, discriminação, inimizade entre os povos irmãos. O Pai, o Deus que dá vida e ama ao homem, faz cair as barreiras, porque não dá o seu filho a um povo privilegiado, mas a humanidade toda (3.16). É o meio dia, a plena luz (4.6). A paternidade de Deus faz desaparecer a de Jacó (4.2) e a dos antepassados (4.20: nossos pais). Essa paternidade direta, sem intermediários, tornará possível a união de todos: Samaria não terá que suportar a humilhação da volta ao que é judaico, reconhecendo a superioridade de seus inimigos e submetendo-se ao seu culto e a sua Lei. A paternidade de Deus cancela os particularismos. Com Jesus desaparecem ambas as tradições (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 229).

Jesus veio conceder a própria revelação de Deus Pai que tem seu fundamento na escritura quando diz: “Conhecido é Deus em Judá; grande é o seu nome em Israel” (Sl 76.1). Conhecido através de Jesus que sabe de onde vem e para onde vai. Que sabe fazer tudo para glorificar o Pai e não faz nada por si mesmo (cf. Jo 8.28,29):

ele sabe e sabe que sabe, e sabe que detém uma mensagem capaz de mudar a condição humana. A sua palavra é dotada de uma autoridade radical justamente porque ela não procede dele e sim do Pai. O seu ser missionário é a transparência da autoridade do Pai, a transmissão da força e da autoridade do Pai ao mundo. Ele não tem nada em si mesmo, mas por ele passa tudo (COMBLIN, 2009, p. 15).

Com esse conhecimento o Pai se revela através do Filho, pois o “propósito de Deus na missão de Jesus era trazer salvação ao mundo” (CARSON, 2007, p. 208) e instituir seu reino eterno:

[Reino que] será universal, pois não morrerá só pela nação, mas para reunir em unidade os filhos de Deus dispersos (Jo 11.52); assim o anunciará na cruz o letrado redigido em três línguas (Jo 19.20) e a divisão do manto em quatro partes, herança do crucificado para a humanidade inteira (Jo 19.23). Esta universalidade do salvador será reconhecida pelos samaritanos em Jo 4.42 (MATEOS E BARRETO, 1999, p.230).

Quando os habitantes de Sicar declaram: “Este verdadeiramente é o Salvador do mundo”, o fazem num sentido que iguala a todos sem distinção de raça, gênero e/ou posição social como menciona mais tarde o apóstolo Paulo aos irmãos da Galácia (cf. Gl 3.28,29). Os que recebem o dom, Jesus, assim como os samaritanos o receberam, são todos filhos de Abraão e filhos da promessa. A igualdade em e através de Jesus elimina todo tipo de preconceito e discriminação.

Quando Jesus Cristo cativa  
 Concede o dom da salvação  
 Faz da alma rediviva  
 Uma perfeita adoração!  
 Faz transbordar água viva!  
 Cai por terra a tradição  
 Não tem lugar a acepção  
 Todos juntos irmanados  
 Caminham em plena comunhão.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Poema de nossa autoria

## 5.2 UMA VIDA NO ESPÍRITO

No capítulo dois do seu evangelho, João aponta para Jesus como aquele que veio inaugurar uma nova religião, desprendida dos rituais atrelados aos velhos costumes judaicos. Ao transformar a água em vinho nas bodas de Caná, Jesus reserva para o final da festa o “vinho do milagre”, é um prenuncio de alegria e fartura aos jovens nubentes e a todos seus familiares. Mas seu ato não só resolve o problema da festa como também rompe com os velhos costumes ao substituir a água contida nas talhas (espécie de barril de pedra) das purificações judaicas, pelo símbolo messiânico, o vinho, que Ele, Jesus, oferece aos seres humanos. A água das talhas que representava a antiga lei, tomam novo significado “no vinho da vida eterna” (DODD, 1977, p. 413).

A água viva que João relata no capítulo 4 se refere à água corrente ou manancial. Nesse sentido, Jesus a utiliza como símbolo dos dons que ele oferece a quem crê, e vai de encontro ao que Deus ofereceu ao seu povo através dos profetas: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite” (cf. Is 55.1) e “Naquele dia, também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e a outra metade, até ao mar ocidental; no verão e no inverno, sucederá isto. O Senhor será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o Senhor, e um só será o seu nome” (cf. Zc 14.8,9).

A água que Jesus ofereceu à mulher saciou-lhe a sede, proporcionou vida espiritual e continuou jorrando para a vida eterna de forma gratuita:

o único jeito de fluir água de nosso interior é se nós bebermos água. Quando nós bebemos, só conseguimos engolir pequenos goles. Mas pela extraordinária operação do Espírito Santo em nós, esses golinhos são transformados em rios e a água que bebemos transforma-se em água fluente. O mundo é assemelhado a um deserto estéril e o Espírito Santo à irrigação que faz o deserto brotar e florir (STOTT, 2000, p. 114).

Deus trino, na perspectiva mística de fé, na pessoa do filho, Jesus, instaura um novo tempo e oferece saciedade e vida. A água que Ele ofereceu à mulher lhe saciou a sede e proporcionou vida espiritual. Numa alusão à vocação missionária que se desvela na samaritana, figurativamente, continuou jorrando para a vida eterna de forma gratuita. Jesus protagonizou um encontro com a samaritana doando-lhe vida, que tem origem na própria fonte da vida, Ele: “A quem quer que

tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida” (Ap 21.6). “Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17).

A mulher que outrora buscava felicidade conjugal e sedenta chega junto ao poço, recebe a água que foi o diferencial de toda a sua existência. Ela passa a fazer parte de um novo e maravilhoso matrimônio:

segundo a figura da aliança/ núpcias, o Messias encontra a esposa infiel e a atrai a si de novo. Ele é o novo santuário, do qual brota a água do Espírito. A lei de Moisés é substituída pelo espírito e pela lealdade, que são a norma de vida e o culto ao Pai. Os antigos intermediários, representados por Jacó que havia dado o poço, são superados (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 239).

O encontro da mulher com Jesus junto ao poço produziu nela um enamoramento bem representado nas palavras do poeta que transcreve para cada indivíduo a necessidade do mesmo encontro. Representa os anseios da alma de cada ser humano pelo sagrado. A representante de Samaria estava cansada de procurar felicidade em seus amantes e quando encontra Jesus, acha a verdadeira felicidade e sua alma é saciada. É o encontro com o noivo, com o verdadeiro amor que bem poderia ser cantada em versos (cf. Hino 45 da Harpa Cristã):

Ó amante da minha alma  
 Tu és tudo para mim  
 Tudo quanto eu careço  
 Acho, Jesus, só em ti.  
 Água viva! Pão da vida!  
 Doce sombra no calor,  
 Que ao descanso nos convida.  
 É Jesus meu Salvador!

Tudo que ela carecia encontrou em Jesus: água para saciar sua sede, pão para alimentar sua alma, sombra para refrescar-lhe do escaldante sol do meio dia – por volta da hora sexta. O descanso que encontrou em Jesus foi de suas muitas aflições e desventuras, acompanhado de um ânimo que a impulsionou sair correndo para sua aldeia a proclamar o que lhe tinha acontecido. “Ela abandona o cântaro, que era sua conexão com o poço; rompe com a Lei. Esta é sua resposta de fé ao Messias que se lhe deu a conhecer” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 233).

O que acontece em sua vida invade as profundezas da alma e envolve todo o seu ser: “uma água profunda é a palavra no coração do homem, um rio que brota, uma fonte de vida” (BÍBLIA DE JERUSALÉM – Comentário, 2010, p. 1851) que guia, conduz e leva vida a lugares áridos: “O Senhor te guiará continuamente, fartará a

tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam” (cf. Is 58.11) sendo suficientes para saciar a vida de outrem:

a água que o Cristo dá é, portanto sua palavra, seu ensinamento cheio de sabedoria divina (Eclo 15.3;24.21;Is 55.1-3). Aquele que guarda essa palavra jamais verá a morte (Jo 8.5), mas viverá para sempre (12.50; Dt 30.15-20; Pv 13.14). Em 7.37-39, a água simboliza o Espírito (BÍBLIA DE JERUSALÉM – Comentário, 2010, p. 1851).

Segundo Harrington (1985) “O espírito é que concede vida eterna, que para João é a própria vida de Deus”.

A mulher recebeu a água e passou a viver uma vida no espírito. Sua busca por felicidade, sua suposta preocupação com o lugar de adoração são questões que ficam em segundo plano. Ao se apropriar da água ela é elevada “da esfera da *sarks* para a do *pneuma*. Em sua condição de regenerada, ela recebe, por um lado, perenes provisões de vida espiritual” (DODD, 1977, p. 417).

Da mesma forma que a mulher foi alcançada por Jesus, ela também se propõe a alcançar outros. É resultado da amorosa iniciativa de Jesus ao iniciar o diálogo junto ao poço, agora faz a água borbulhar no interior da mulher. É o Espírito constitutivo de seu ser que flui abundantemente fazendo-a propagar a mensagem recebida: “Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?! Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele” (cf. Jo 4. 28-30). As barreiras raciais e de gênero tinham sido rompidas pelo operar do Espírito que efervecia no interior da mulher, pois “onde quer que o Espírito esteja, ele flui livremente; se isto não ocorrer, é porque ele não está ali” (STOTT, 2000, p. 115:

o Espírito [...] capacita-o para realizar o projeto de Deus em si mesmo, a plenitude de vida pessoal. O Espírito é único, o de Jesus por isso, embora constitua principio vital em cada individuo, cria a unidade na diversidade (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 240).

O conhecimento do Pai através de Jesus tornou-a participante de uma grande missão e sua condição de mulher diante do doador da vida não mais lhe servia de impecilho algum:

Jesus liberta a mulher samaritana. Não a tira do seu mundo. Na sua aldeia ela trabalha pelo reino de Deus. Continua sendo samaritana. Mas é desafiada a levar uma novidade a sua gente. Ela aceitou mudar de vida naqueles aspectos que não se enquadravam na proposta do Reino (LIMA, 1994, p.42)

Sentindo-se amada e acolhida ela tem um comportamento que não somente se identifica com o dos primeiros discípulos que saem a anunciar aos outros que encontram Jesus (Jo 1.40-46), mas, para o evangelista João, “a mulher samaritana é testemunha do Cristo como fora o Batista, que veio como testemunha para dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele” (Jo 1.7) (MAGGI, 2013, p. 55).

A água recebida é fecundante e produz vida por onde passa. É vida dinâmica no espírito que faz amar generosamente. Foi capaz de tirar a samaritana anônima da marginalidade e elevá-la a condição de missionária e evangelizadora, sendo voz no meio de seu povo: “Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito” (Jo 4.39). E em Sicar Jesus foi acolhido e festejado como o esposo tão desejado.

Água brota no interior  
 Borbulha e inunda todo ser  
 Deságua no exterior  
 E apressada leva vida.  
 É espírito vivificante!  
 Flui do trono de Deus  
 Transforma vidas secas  
 Em imensos mananciais  
 E em jardins exuberantes!<sup>24</sup>

### 5.3 FRUTOS DA EVANGELIZAÇÃO: MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO

Parafraseando o apóstolo Paulo: “E, vindo Ele evangelizou a paz, aos que estavam longe, e, aos que estavam perto; porque por eles judeus e samaritanos tiveram acesso ao Pai em um mesmo Espírito (Ef 2.17,18) e “De sorte que a fé da samaritana foi pelo ouvir, e o ouvir as palavras de Jesus” (Rm 10.17).

São pessoas sofridas, pobres e marginalizadas que param para ouvir e se deixam convencer, como explicita C.Boff se referindo ao “privilegio hermenêutico” dos pobres “Jesus reconhece os pobres como ‘ouvintes privilegiados’ da Palavra de Deus na medida em que lhes são reveladas pelo Pai coisas escondidas aos sábios e

---

<sup>24</sup> Poema de nossa autoria

doutores (cf. Mt 11.25-26)” (C. BOFF, 2009, p.178). A mulher chega com seu cântaro junto do poço de Jacó numa condição triste e miserável. Entretanto estava pronta para ouvir como diz Leloup: “talvez seus ouvidos não estivessem fechados pela auto suficiência das pseudocertezas, mas permanecessem abertos à escuta, habitados por um desejo que a tornava suscetível a uma iniciação” (LELOUP, 2000, p. 224).

Ela encontrou Jesus que evangelizou a paz ao seu coração. Foi movida pelo espírito que fez brotar fé em seu coração, fruto da atenção e escuta. Provavelmente ela se esqueceu de todos os seus pesares, e alegremente saiu a anunciar. Quando ela chegou junto ao poço, vinha com a obrigação que lhe cabia de suprir a água para sua casa. A necessidade a constrangia estar ali. No entanto ela é interpelada por aquele judeu que lhe pede água, mostrando-se tão necessitado quanto ela. Ela se admira, questiona, ouve, se deixa persuadir.

Ela é convencida pelas palavras daquele, que segundo suas próprias conclusões, “só pode ser um profeta” (cf. Jo 4.19). A mulher larga tudo e vai anunciar ao seu povo o que viu e ouviu. Deixa seu cântaro: seu alvo é chegar rápida e desimpedidamente à aldeia, sem precisar equilibrar o pesado jarro na cabeça enquanto vai para casa (BOOR, 2002, p.114). Realmente todo seu fardo ficou aos pés de Jesus. Nessa condição de leveza, ela pode correr ligeira para anunciar a paz e se apropriou da recompensa predita pelo profeta: “Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is. 52.7).

O agir do espírito em seu ser cria vínculos profundos com seu interlocutor, ela assimila a mesma disposição “profética” de Jesus. Voluntariamente ela larga seu cântaro e sai para anunciar as outras pessoas de sua aldeia, (cf. Jo 4.28). A aceitação do presente que recebera de Jesus transforma sua vida por completo, bem como a de sua comunidade que ouve o que ela tinha para lhes dizer. Para crer e seguir é necessário ouvir o que Deus tem para dizer. Para que alguém ouça é imprescindível que haja o pregador ou anunciador da mensagem. Jesus foi ao encontro das pessoas, em nome do Pai, para anunciar e distribuir o dom da vida:

a pedagogia de Jesus não foi de imposição. Foi de diálogo e de abertura ao diferente. Jesus precisou conhecer a raiz cultural (histórica) do povo samaritano para ajudá-lo a entrar na proposta do Reino. Jesus não partiu da negação, mas do reconhecimento do passado daquele povo. Ajudou a mulher a entender que era preciso purificar o presente do povo. Toda cultura precisa deste ingrediente, se quiser continuar existindo e estar a serviço da vida. De um jeito ou de outro, o encontro de Jesus com a samaritana, encontro de duas culturas bem distintas, vai gerar a novidade do reino (LIMA, 1994, p. 42).

Ao abrir o coração para a mensagem de Jesus, a mulher tem uma experiência de conversão pessoal e se torna uma anunciadora:

depois dessa experiência “daquele que aí está”, ela pode dar testemunho na cidade, testemunhar de seu despertar e de seu encontro: “deixa o cântaro” (4.28), ou seja, sua maneira habitual de “extrair” o conhecimento – não é verdade que, daí em diante, transporta nela uma fonte? (LELOUP, 2000, p. 235)

Literalmente ela passa a exercer o “*martyreō*”<sup>25</sup> que como missionária tem o sentido de proclamar as verdades ouvidas convencendo seus ouvintes.

Verdadeiramente acontece o “*kerygma*”<sup>26</sup>. Sua mensagem produz efeito para salvação que transpõe todas as barreiras, ela sai apressadamente e “vai convidar ‘os homens’ (o pessoal), para irem ver ‘um homem; assim apresenta a Jesus. Não há medo em aproximar-se. Não o descreve como judeu, pois Jesus anunciou o fim da discriminação” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 235).

O judeu do começo da narrativa: “Como sendo tu judeu” (cf. Jo 4.9), passa a ser o homem que desvenda seu passado (cf. Jo 4.29), que conhece sua história. Sua mensagem é direta, simples e pessoal: “Ele descobriu tudo o que tenho feito”. Com esta afirmação, espontaneamente ela admite seu pecado que com certeza todos já sabiam (BOOR, 2002, p. 114). Suas prerrogativas são pessoais acompanhadas de posterior interrogação que motiva seus ouvintes: “Porventura não é este o Cristo?”

Sua experiência foi deslumbrante e a mulher faz um convite para que todos como ela, também possam pessoalmente vivenciar experiência tal. Precisa da comunidade para caminhar junto. Ela precisa um pouquinho mais de luz. Carece que os homens da cidade ajudem-na chegar a uma conclusão acerca deste homem. Seu testemunho é convincente, instigador, que se revela em suas palavras:

que abre esperança. A representante de Samaria individualiza-se. Anuncia aos seus conterrâneos que Jesus lhe tinha dito tudo o que tinha feito. Esta frase é importante, pois se repetirá textualmente em 4.39. A mulher insiste em que Jesus lhe descobriu o seu passado, o que supõe que ela reconhece seu adultério. A notícia da samaritana aos seus conterrâneos inspira-se em Os 7.1: “Quando mudar a sorte de meu povo,

---

<sup>25</sup> Testifico, testemunho, “afirmo o que vi, ouvi ou experimentei ou que sei por divina revelação ou inspiração” – Dou testemunho (TAYLOR, 1991, p.131)

<sup>26</sup> Proclamação, (especialmente do evangelho, [consequentemente] o evangelho propriamente dito): - pregação. No texto grego do Novo Testamento, anúncio, pregação, a respeito de profetas (Mt 12.41; Lc 11.32); de Cristo e seus profetas; pregação do Evangelho, instrução pública (I Co 1.21; 2.4; 15.14; Tt 1.3); usada como metonímia, indicando o Evangelho pregado (Rm 16.25; 2 Tm 4.17) (Bíblia Chave Linguística, p. 2265).

quando curar Israel (o reino do norte, com centro em Samaria), descobrir-se-á o pecado de Efraim e as maldades de Samaria”. Ao saberem os samaritanos que foram descobertos os seus pecados, compreendem que chegou a mudança de sorte, o momento de sua cura (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 233).

Todos que lhe ouviram correram até Jesus, acompanhados da mulher:

a pedagogia da fé dos samaritanos tem alguma semelhança com a da mulher: primeiro acreditavam por causa de seu relato do conhecimento miraculoso de Jesus, mas esta fé era apenas a preparação; agora eles acreditavam por causa de Jesus mesmo, por causa de sua palavra divina (KONINGS, 1975, p. 35).

A mulher aponta e conduz os samaritanos no caminho da esperança e libertação. “Todos tinham sede e vão buscar a água nova. Perante um horizonte de salvação, todos respondem. Como a mulher, também eles estão conscientes de que algo de essencial lhes falta” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 235). Ela presenciaria o fruto de sua missão (cf. Jo 4.39-42) e teria uma resposta para suas indagações que iriam superar suas expectativas se aquele homem era um profeta ou o Cristo.

Depois do encontro com Jesus, aqueles homens concluem: Verdadeiramente este é o “Cristo, o Salvador do Mundo”:

[consequentemente] a presença e a mensagem da mulher aos seus foram a sementeira profetizada em Os 2.25: “eu a sementearei para mim na terra, amarei a Não amada e direi a Não povo meu: tu és o meu povo”, e ele dirá: “Meu Deus” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 236).

Jesus atraiu os samaritanos através da mulher. Para ganhá-los, precisou descer no mesmo nível que eles (os samaritanos eram considerados a escória da sociedade):

o texto de João mostra que no encontro entre duas culturas é preciso que cada lado saiba “perder” e “receber”. Jesus “perde” quando ele se coloca no nível da mulher samaritana. Apresenta-se como uma pessoa qualquer, que precisa ser ajudada, que precisa de solidariedade. Neste sentido ele fica até “abaixo” da mulher. Se torna “dependente” dela. Não está numa posição de auto-suficiência e arrogância. O que Jesus fez foi ficar no mesmo nível da mulher. Sem uma relação de igualdade fica difícil construir a comunhão. Por outro lado, a samaritana teve que “perder” suas falsas seguranças. Teve que se esforçar e se dispor à novidade (LIMA, 1994, p. 42).

Todos puderam compartilhar e usufruir do fruto oriundo da iniciativa de Jesus e da mulher. “A notícia dada pela mulher fez os samaritanos compreenderem que chegou para eles a hora da misericórdia de Deus” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 237). Chegou em boa hora, no tempo em que os campos estão brancos para a colheita (cf. Jo 4.35). Se na Judéia ninguém estava disposto a aceitar o seu testemunho (cf. Jo 3.32), em Sicar, pelo contrário, já estão a caminho os que hão de aceitar (cf. Jo 4.30). “A colheita, já presente, convida a ceifa e é estímulo para os

discípulos, que são convidados a darem-se conta da nova realidade” (MATEOS E BARRETO, 1999,p. 236).

Como de costume, Jesus se utiliza de linguagem metafórica, utilizando-se de situações cotidianas para exemplificar coisas espirituais. Neste episódio Jesus aponta para os campos que ainda estão em fase de amadurecimento, mas que causa expectativa de boa colheita para o lavrador. Jesus compara as duas colheitas: “a do campo ainda longínquo e a da fé da Samaria, já a ponto de ser recolhida” (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 235).

Os samaritanos convidaram Jesus para permanecer com eles. Um evento similar ocorrerá em tempo posterior, quando Jesus (Ressuscitado) evangeliza alguns homens na estrada, no “caminho de Emaús”, os homens também fizeram o convite para Jesus permanecer com eles. O motivo que levou os dois grupos a desejarem a presença de Jesus é o mesmo: “Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?” (cf. Lc 4.32) O encontro com Jesus gera como reação imediata o desejo de sua presença permanente.

A experiência deles foi pessoal e comunitária onde cada um construiu a sua própria concepção acerca de Jesus, não somente pelo que ouviram falar (cf. Jo4.42), mas pelo que vivenciaram através da fé que segundo C. Boff “é um evento salvador, experienciado e anunciado” (2009, p. 115). Eles experimentaram a presença do Salvador do mundo:

para eles, Jesus não é Messias nacional, destinado ao seu povo ou aos judeus; compreenderam que sua missão é universal, pois foi capaz de superar a inimizade entre dois povos. Para ele não há diferenças. A nova era sem templos anula os redutos do nacionalismo religioso. O novo manancial que substitui o antigo, torna indiferente a ascendência israelita (Jacó). O novo Pai, Deus, que substitui os antepassados, é comum à humanidade inteira (MATEOS E BARRETO, 1999, p.238).

A despeito de Jesus ter sido repellido em outros lugares como em Gadara (cf. Lc 8.37), em Samaria Jesus é aceito e convidado a permanecer. Ele aceita o convite e fica com eles durante dois dias, tal fato remete a profecia de Oséias 6.2: “Depois de dois dias nos fará reviver”. Os samaritanos, após dois dias de convívio com Jesus, certamente experimentaram uma renovação espiritual sem precedentes.

A missão de Jesus foi cumprida em Samaria: comunicou “vida” aos que foram receptivos. Suas palavras calaram na alma da samaritana, proporcionando alegria e felicidade. Evangelizou paz entre os povos; reconciliou aqueles considerados “Não Povo” e os fez participantes da família da fé.

O resultado obtido junto ao poço de Jacó produziu frutos de vida eterna. Não foi somente transformação superficial e efêmera. Foi trabalho árduo realizado sob sol a pino (a hora sexta) em que o lavrador arou e adubou a terra deixando-a bem preparada para uma nova sementeira futura. Mais tarde encontramos Felipe evangelizando, curando e operando milagres em Samaria (At 8.4-8). Ele colhe os bons frutos da sementeira iniciada por Jesus e sua diligente cooperadora – “a mulher samaritana”.

Jesus passou por Samaria,  
 Rompeu barreiras culturais.  
 Chegou uma mulher ao meio dia,  
 Pediu-lhe água Jesus.  
 “A água pede para beber”<sup>27</sup>  
 Mas, tem nascente a oferecer!  
 Desejou então a mulher  
 O dom precioso de Jesus.  
 Recebeu um manancial  
 Que borbulhou do seu ser.  
 Mesmo ali junto ao poço  
 Deixou o cântaro terreal  
 Saiu correndo para a aldeia  
 Proclamando em alta voz  
 Ofereceu aos vizinhos  
 A vida doce, eternal!  
 Deu fruto a evangelização  
 Da discípula em missão!<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Expressão utilizada por Leloup se referindo a Jesus como, o próprio dom, a água (2000, p.225)

<sup>28</sup> Poema de nossa autoria

## 5.4 SEMEADURA E COLHEITA

“Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa” (Jo 4.35b) Essa frase sugere que o episódio da samaritana ocorreu em meados de dezembro ou início de janeiro, quatro meses antes da colheita, pois na Palestina a safra da cevada e do trigo acontece entre abril e maio (BOOR, 2002, p. 116). Ainda falta um pouco de tempo quando se trata do plantio terreal, mas se referindo ao “plano da história da salvação a colheita já começou” (CARSON, 2007, p. 230). “Samaria está madura para a safra, a terra se estende diante do olhar de Jesus, e seus discípulos devem aprender com Ele sobre esse olhar” (BOOR, 2002, p. 116) É preciso ter sensibilidade para o momento certo da colheita designada por Deus:

o desígnio do Pai expressa-se agora em termos de sementeira e ceifa, que estão em função do fruto. [...] Jesus é aqui o sementeiro e o trigo que se semeia. Em Jo12.24, o fruto estará em relação com os gregos que se aproximam, aqui com os samaritanos. É a Judéia, o reduto do nacionalismo e da Lei (2.23-25, 3.1-21), que não escuta. O fruto que é o homem novo, não é transitório, tem vida definitiva; vai se constituindo a nova criação, a dos filhos de Deus dispersos que a morte de Jesus reunirá na unidade (11.52). É trabalho em que terão que colaborar os discípulos (15.16). O fruto se reúne para a vida definitiva. Sendo nome coletivo (colheita), sublinha a unidade dos que receberam a água do Espírito e possuem esta vida (4.14), que se torna visível e se desenvolve na comunidade onde se exerce o amor mútuo (13.34s), (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 236)

“Os campos já estão prontos para a colheita”. Simbolicamente Jesus aponta para a colheita espiritual que se inicia com os samaritanos. “Justamente, onde nenhum judeu podia imaginar, na desprezada e odiada Samaria, a colheita já chegou” (BOOR, 2002, p.116):

historicamente condenados, marginalizados e odiados pelo judaísmo, os samaritanos ficariam à margem do Reino se Jesus pessoalmente não se empenhasse no sentido de chegar até eles e ajudá-los a se integrarem na perspectiva do Reino de Deus (LIMA, 1994, p. 42).

A perspectiva do Reino chegou para os samaritanos e se estendeu até os confins da terra. “Se estende a toda a humanidade referindo-se a todos os povos: excluídos ou não, homens e mulheres, pagãos, gentios” (CAPOSSA, 2005, p. 139), pobres, ricos, indoutos e eruditos. Tem sentido missionário que se faz através de ato obediente a voz do Pai como exemplificou Jesus (cf. Jo. 6.38).

É uma obediência transparente também na vida da samaritana que a partir do encontro com Jesus passou a ser cônsua de sua missão. A mulher realiza o que os discípulos de Jesus deveriam ter feito:

eles conheciam Jesus como o Messias, haviam presenciado seus primeiros grandes feitos e ouvido diversas vezes sua proclamação. Contudo quando chegaram em Sicar, apenas pensaram nas compras que deveriam fazer. “Não disseram nada a respeito de Jesus na cidade” (BOOR, 2002, p. 115).

Neste ponto reverbera-se o que foi dito “A refeição forma díptico com a bebida” (BÍBLIA DO PEREGRINO - Comentário, 2011, p. 2558). Da mesma forma que a água ao brotar da fonte precisa ser tirada para saciar a sede, também o alimento que brota da terra necessita ser semeado e colhido.

Jesus, no seu encontro com a samaritana, magistralmente ensina as duas lições: pede água, mas é Ele que tem água para oferecer, e faz brotar uma fonte abundante naquele que o recebe; oferecem-lhe comida, mas sua fome é fazer a vontade do Pai, pois nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus (cf. Dt 8.3; Mt 4.4).

Da refeição se passa suavemente ao tema agrário: “semeadura, ceifa, colheita (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2558). A água espalha vida por onde passa e de glória enche a terra. A boa semente enche a terra de fartura e abundância e sacia a fome dos povos. Ambas são importantes para o plantio e colheita, produzindo vida abundante e eterna.

Jesus pregou a uma mulher que por sua vez testemunhou aos seus. Inicia-se o ciclo da semeadura e colheita que deveria fazer parte todos os seus discípulos:

o sentido transcendental é transparente. Os profetas semearam a seu modo, e Jesus está semeando. Aí já existe uma messe espigada, os samaritanos maduros para a fé (a Samaria que “YHWH” semeará para si, Os 2.25). Fica pendente uma colheita maior que caberá aos discípulos recolher. A colheita escatológica: “Naquele dia o Senhor debulhará as espigas desde o Grande rio até a torrente do Egito; mas vós, israelitas, sereis respigados um por um” (Is 27.12). Todo um programa missionário (BÍBLIA DO PEREGRINO – Comentário, 2011, p. 2558).

Uma colheita que produz alegria àquele que planta e ao que colhe: “O ceifeiro toma seu salário e reúne a colheita para a vida eterna, a fim de que sintam bem querer juntos, o semeador e o ceifeiro” (cf. Jo.4.36). Bem querer, que segundo Chouraqui, “vem de ‘*charis*’ (gr) e recobre o hebraico ‘*hèssèd*’ significando um impulso de amor mais que uma simples alegria (1997, p. 95). “Todos se alegram juntos. O Pai e o Filho, ao qual se associam os seus discípulos de todos os tempos” (KONINGS, 1975, p.34)

A alegria proveniente do amor, essência para uma semeadura produtiva e uma colheita autêntica, deve romper todas as barreiras que dividem a humanidade. “foi a libertação e promoção das culturas envolvidas” (LIMA, 1994, 42).

Os campos estão dourados,  
A colheita já começou.  
É a vez de Samaria  
Ser acolhida por Deus

Vai samaritana!  
Com pés ligeiros semear<sup>29</sup>  
Trarás nos braços teus feixes  
De alegria singular!

Teu coração foi regado  
Com água pura divinal  
Foi a graça derramada  
Para todos congregar!

Houve alegria na terra!  
Houve festa lá no céu!<sup>30</sup>  
Pecadores se arrependem  
Diante Dele, o Salvador!<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Cf. Is 52.7

<sup>30</sup> Cf. Lc 15.10

<sup>31</sup> Poema de nossa autoria

## 6 DESAFIOS ATUAIS DA MISSÃO EVANGELIZADORA

Os conflitos existenciais vividos pela samaritana se repetem no decorrer da história e se apresentam como desafios a serem superados por todos aqueles que estão no mundo. Esses têm a incumbência de exercer o *kerigma*: “pregar a palavra, exortar de forma oportuna ou não” (cf. 2 Tm 4.2).

O episódio da samaritana deixa exemplos a serem seguidos: a obediência do evangelizador, Jesus, em fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4.34) e a disponibilidade da mulher em anunciar o dom recebido aos seus concidadãos. Discípula de Jesus, testemunha fiel de sua própria experiência, ela compartilha a boa nova com sua gente cheia de entusiasmo, sinceridade de coração, espírito sacrificial e servil. “Sob a influência do amor de Cristo, é impelida a servir e a salvar os seus semelhantes” (MONAY, 2008,p.60).

Como uma pintura que nos salta aos olhos, junto ao poço de Jacó, a água flui da cena e se derrama sobre os corações daqueles que doravante participarão do Reino de Deus. No entanto, da mesma forma que existe fartura de água (que deve ser distribuída), existem também inúmeros desafios sobre a terra que devem ser superados.

Esses desafios referem-se à obra evangelizadora, e estão correlatos com a experiência de Jesus e a samaritana junto ao poço de Jacó. Alguns desafios são enumerados e contextualizados para os nossos dias (cf quadro 9).

Quadro 9 – Desafios da Missão evangelizadora

| <b>Jesus e a mulher junto ao poço de Jacó</b>                                                                    | <b>Desafios para os cristãos da atualidade</b>                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| Jesus espera a mulher junto ao poço (foi ao seu encontro)                                                        | 1. Ir ao encontro dos excluídos exige iniciativa.                                       |
| Jesus dialogou com a mulher – escutou o que ela tinha para lhe dizer                                             | 2. Ter a sensibilidade da escuta para ouvir Deus e ouvir o mundo.                       |
| Jesus tinha o dom para oferecer, porque tinha comunhão com o Pai                                                 | 3. Viver o dom do Espírito exige comunhão com Deus                                      |
| Jesus se expôs aos escândalos do mundo e sociedade de seu tempo. É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo | 4. Tirar o pecado do mundo é viver uma vida de entrega, sem preocupar-se com o “Eu”     |
| A mulher após ter sido evangelizada abandonou o cântaro e foi a cidade                                           | 5. Abandonar o cântaro e sair da zona de conforto é largar tudo e sair para evangelizar |

|                                                                           |                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| A mulher foi até os homens de sua aldeia. Foi compartilhar o dom recebido | 6. Envolver-se socialmente é compartilhar do pão e água recebidos. |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|

Fonte: a autora, 2014

Na missão evangelizadora, cada indivíduo de uma comunidade de fé deve ser cômico de sua responsabilidade de alcançar outros para o Reino de Deus:

cada comunidade cristã e cada cristão em particular, em contato com a história e impelidos pelo Espírito que os anima, terão que decidir qual deve ser sua linha de ação para contribuir em favor da obra da mudança e para fazer surgir uma humanidade nova (Mc 13.33: “deu aos servos [a seus seguidores, que se põem a serviço da humanidade] sua autoridade [seu Espírito] – a cada um a sua tarefa”) (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 148).

Nesta tarefa é necessário ter disposição para obedecer e para amar!

## 6.1 IR AO ENCONTRO AOS EXCLUÍDOS

Se a iniciativa não fosse de Jesus jamais seria da mulher. Ela era discriminada simplesmente por existir e por ter idoneidade duvidosa. Marginalizada por ser samaritana como já foi visto na seção “Jesus e as mulheres de seu tempo”.

Jesus vai ao seu encontro, e de todos os outros mencionados nos evangelhos: leprosos, doentes, os possuídos de espíritos malignos e atormentados. A postura de Jesus deve ser seguida por todos aqueles que se encontram na condição de filhos de Deus. “Todas as pessoas que depositaram sua fé em Cristo, crendo que ele fez expiação por seus pecados, são seus discípulos” (HULL, 2003, p. 256). Portanto em obediência a sua palavra, todos, que o receberam, devem ser anunciadores (as) das boas novas de salvação, como a samaritana.

Fazei discípulos, disse Jesus (cf. Mt 28.19) e “fazer discípulos é conduzir pessoas a fé em Cristo” (HULL, 2003, p. 256). É o despojamento do próprio eu em favor do outro. É o que fez Lílias Trotter, uma missionária inglesa, nascida a 14 de julho de 1853, que durante sua juventude ocupou-se trabalhando junto ao Welbeck Street Institute e outras organizações que formaram a primeira Young Women’s Christian Association (Associação Cristã de Mulheres Jovens). Procedente de uma família rica e tradicional, Lílias era apaixonada pela natureza e artes, e teve o privilégio de ser aluna do famoso artista John Ruskin – este era crítico, filósofo, e uma figura proeminente na Inglaterra vitoriana -, que faria dela uma artista famosa. No entanto, Lílias escolheu o serviço missionário a ser uma artista famosa e

conhecida mundialmente. Sua tarefa na associação ajudava a criar e administrar lugares e programas para moças pobres e trabalhadoras, a fim de que estas tivessem refeições e um lugar para dormir (PIPER, 2010, p. 53).

As tarefas que Lílias exercia, a expunham, diante da sociedade de seu tempo, com pessoas de reputação duvidosa e consumiam todo o tempo que ela poderia se dedicar ao seu talento de artista. Sua escolha exigia dedicação total às mulheres, jovens e crianças necessitadas, nem que para isto precisasse ficar sentada a noite toda com uma menina pobre e desequilibrada, para impedi-la de cometer suicídio. De suas muitas atividades podem ser destacadas aquelas que tiveram influência direta em sua vida pessoal:

para muitas moças que viviam abandonadas na cidade, sem habilidades ou meios de emprego, [prostituição] era um trágico recurso...Lílias atravessava destemidamente as ruas, com a finalidade de resgatar estas andarilhas...Ela as trazia ao albergue para que tivessem uma boa noite de sono e para treiná-las em alguma habilidade que lhes desse algum emprego, e as apresentava ao Bom Pastor (ROCKNESS, APUD PIPER, 2010, p. 54).

Esse tipo de atividade, missionária e evangelizadora, preparou Lílias para mais tarde trabalhar em favor das mulheres árabes muçulmanas na África do Norte. Desistiu da carreira de artista em troca de viagens perigosas, em regiões muçulmanas, onde ganhou convertidos entre os árabes, franceses, judeus e africanos negros. Trabalhou sempre ao lado e em favor das mulheres.

Segundo Piper (2010), ao escolher trabalhar entre pessoas consideradas desprezíveis na sociedade, como pobres e prostitutas, Lílias estava consequentemente se excluindo do círculo social de seu tempo. Uma mulher distinta da sociedade, jamais trabalharia. Sua escolha a excluiu da sociedade luxuosa da Inglaterra vitoriana, mas a aproximou dos excluídos, os quais teve a oportunidade de levar amor, esperança e salvação.

Mesmo exaurida pela doença que a consumia desde os vinte e nove anos (tinha uma doença grave no coração), nunca deixou de exercer sua missão. Em seu leito, próximo da morte, mantinha um mapa da Argélia e Tunísia junto à cabeceira de sua cama. Tinha uma paixão pela obra missionária que a impelia a orar. Segundo Piper (2010), ela ficava até as primeiras horas da manhã “com uma intercessão tal que somente os que amam o fazem”. E junto ao mapa uma folha escrita de seu próprio punho: “Atenta para o ministério que recebestes no Senhor, para o cumprires” (Cl 4.17) (SINCLAIR APUD PIPER, 2010, p. 72).

Para ir ao encontro dos excluídos é preciso ter paixão, anular-se e obedecer!

## 6.2 TER A SENSIBILIDADE DA ESCUTA

A afirmação de Jesus se referindo “*ao cristão que vive e está no mundo, mas não pertence ao mundo*” (cf. Jo 17.14,16), vem de encontro aos desafios de viver numa sociedade pluralista nos seus diversos aspectos: social, cultural, econômico, religioso. No contexto cristão existem pluralidades em que os fiéis se debatem defendendo suas razões. Desta forma o cristianismo se divide como um leque em dezenas de vertentes, e outras vezes alienação por parte dos indivíduos:

[referindo-se a religião cristã] inúmeros de seus membros procedem de um cristianismo sociológico e estão acostumados à linguagem e às categorias religiosas. Por outro lado, no entanto, existe grande quantidade de pessoas, especialmente jovens, que não tiveram formação religiosa (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 157).

Existem indivíduos que pertencem a outras religiosidades; e ainda aqueles pertencem ao chamado grupo de “religião vazia” que se caracteriza como uma forma pervertida de adoração transformada em um meio de alimentação do ego (STOTT, 1998, p. 182). Finalmente existem aqueles que literalmente são pertencentes ao mundo e que estão destituídos da glória de Deus (cf. Rm 3.23). Todos, porém, carecem de salvação.

É neste contexto plural e mundano que o discípulo de Jesus firma suas bases na obra evangelizadora. Mas precisa em primeiro lugar ter o ouvido atento diante dos tantos ruídos do mundo.

Para evangelizar, é necessário primeiramente ouvir. Estar atento à voz de Deus, às diferenças e às necessidades do outro:

o apelo que Tiago nos faz, para que sejamos “rápidos para ouvir”, não é um apelo fácil de entender. Muitos de nós somos faladores compulsivos, especialmente os pregadores! Nós preferimos falar a ouvir, dar informações voluntárias ao invés de confessar nossa ignorância, criticar em vez de receber críticas (STOTT, 1998, p. 115).

Jesus, junto ao poço de Jacó, se “assentou” para ouvir. Sem pressa, não se deixou embarçar pelos cuidados da vida, apenas “parou” para ouvir. Nessa escuta descobriu que a mulher tinha sede, que ela não tinha marido. Ouviu sobre sua ansiedade por verdadeira adoração. A sensibilidade de Jesus para ouvir o fez capaz de perscrutar a alma da samaritana.

Jesus se pôs a ouvir a mulher, porque antes ouvira o Pai. Nessa relação filial, Deus é o primeiro que deve ser ouvido e requer nossa atenção. “Uma das verdades que mais distinguem o Deus da revelação bíblica é que Ele é um Deus que fala” e “as ovelhas de Cristo conhecem a voz do Bom Pastor e o seguem, pois isto é

essencial para o nosso discipulado” (STOTT, 1998, p. 117). Seguir a Deus é participar da obra evangelizadora, cujo fundamento é a Palavra:

a “missão” da Igreja está intimamente ligada à experiência da palavra de Deus, isto é, ao anúncio da boa Nova. A Palavra encarnada é por disposição do próprio Senhor, uma Palavra, uma experiência de vida que deve ser comunicada a todos os povos e grupos humanos, nos mais variados contextos socioculturais, nos quais Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos ou não estão bem enraizados (MINCATO, 2010, p.20).

O discípulo em missão deve ter a mesma disponibilidade de Jesus – fome da palavra e satisfação em fazer a vontade do Pai. A leitura da Palavra é com certeza um modo pelo qual Deus fala hoje. A verdadeira igreja tem reconhecido esse fato, através dos séculos:

portanto, nunca devemos separar a Palavra do Espírito ou o Espírito da Palavra, pela simples razão de ser a Palavra de Deus “a espada do Espírito”, principal arma usada por ele para realizar seu propósito na vida de seu povo. É essa confiança que nos capacita a pensar nas Escrituras tanto como texto escrito quanto mensagem viva (STOTT, 1998, p.117).

Para exercer esta escuta é preciso ser sensível no lar, no trabalho, na escola, com os amigos, familiares, filhos, cônjuges, pais, idosos e jovens. Todos têm anseios que gritam dentro de si. Muitas vezes são anseios sufocados pelos ruídos da pluralidade e excentricidade. Na vida cristã é mais importante ouvir do que falar:

com muita frequência os cristãos, especialmente os chamados líderes ou ministros, pensam que sempre têm que dizer alguma coisa quando estão em companhia dos outros, que este é o único serviço que podem prestar. Eles se esquecem de que ouvir pode ser um serviço bem maior do que falar (STOTT, 1998, p. 122).

Por fim aquele que se dispõe a obedecer ao “Ide” de Jesus na obra evangelizadora deve estar atento aos clamores do mundo, que segundo Stott (1998), refletem ira, frustração e sofrimento. Muitas vezes o cristão se faz de surdo:

[para ouvir os clamores do mundo], é preciso crer no poder transformador da Palavra como fonte de conversão, justiça, esperança, fraternidade e paz. Esses são os sinais do Reino de Deus. É preciso anunciar com franqueza e coragem, com espírito de pobreza e humildade, coerência, cordialidade de quem se sente servidor da Palavra (MINCATO, 2010, p. 21).

É de grande valia transcrever as palavras do pregador anglicano britânico John Stott ao se referir a necessidade do cristão em ouvir o mundo. No mundo estão pessoas que nunca ouviram falar de Jesus ou que já ouviram, mas ainda não são cristãs, e por sua alienação e perdição vivem em sofrimento:

neste caso, o que costumamos fazer é sair correndo com o evangelho nas mãos, subir no nosso poleiro e [despejar]<sup>32</sup> a nossa mensagem, sem a mínima consideração

---

<sup>32</sup> Grifo nosso

para com a situação cultural ou as verdadeiras necessidades dessas pessoas. O resultado é que, com muito mais frequência do que gostaríamos de admitir, nós afastamos as pessoas e até mesmo aumentamos sua alienação, pois a forma como apresentamos a Cristo é insensível, desajeitada e até irrelevante. De fato, “responder antes de ouvir é estultícia e vergonha (Pv 18.13)” (STOTT, 1998, p. 123).

A postura de Jesus com relação à samaritana foi totalmente oposta a que se reflete acima. Ele se preocupou com a mulher, com a condição cultural que os separava, ouviu sua verdadeira necessidade. Neste aspecto Stott continua:

a melhor coisa é ouvir antes de falar, procurar penetrar no mundo das idéias e pensamentos da outra pessoa, tentar descobrir quais são as suas possíveis objeções ao evangelho e então compartilhar com ela as boas novas de Jesus Cristo de uma maneira que fale às suas necessidades. Esta atividade desafiadora, humilde e perspicaz é chamada, e com razão de “contextualização” (STOTT, 1998, p. 123).

Saber ouvir é um dos maiores desafios da missão evangelizadora, secundariamente se deve atentar à diversidade cultural, questões religiosas e a cosmovisão de mundo:

quando cruzarmos a fronteira cultural, é muito provável que nos encontraremos não apenas em outro país, em outro continente ou outro hemisfério, como em outro mundo. Para transmitir o evangelho com competência, precisamos esforçar-nos por compreender esse novo mundo e falar de acordo com essa [nova] compreensão (HESSELGRAVE, 1995, vol.2, p. 305).

Na disposição para ouvir pode-se ganhar o mundo para Cristo!

### 6.3 TIRAR O PECADO DO MUNDO

No relato joanino Jesus se oferece como o cordeiro para tirar o pecado da humanidade. Esse fato é confirmado pelas palavras do João Batista que diz: “Eis o cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Toda a sua vida foi sacrificial em direção à cruz. Nessa mesma perspectiva, Jesus adverte os discípulos a seguirem seu exemplo, como encontramos nos sinóticos: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (cf. Lc 9:23; Mt 16.24; Mc 8.34) e “Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará” (cf. Jo12:26).

Ter uma vida de serviço, fazer a vontade do Pai e seguir o exemplo de Jesus é o primeiro passo para uma evangelização autêntica. Carregar a cruz dia após dia implica se expor aos escândalos. Como fez Jesus junto ao poço conversando com uma mulher a despeito de qualquer crítica ou oposição. Ele sabia das implicações que acarretariam sobre sua pessoa pelo fato de conversar com uma mulher, e, sobretudo, “samaritana”. Jesus foi identificado pelos judeus como alguém que tinha

demônio, pois os samaritanos eram vistos pelos judeus como “povo do diabo” (Lima, 1994, p. 42):

[Jesus sabia que] o pecado da humanidade consiste em reprimir ou suprimir a vida, em impedir que os homens alcancem ou até desejem a plenitude a que estão destinados. A vida pode ser reprimida em outros e tal é a ação dos opressores; porém, tão grave ou mais grave ainda é o homem reprimi-la em si mesmo, submetendo-se aos opressores e assumindo a ideologia da ambição e do poder, de que estes se servem para dominar e que propõem como legítima aspiração humana. A ambição e o poder/domínio são o contrário do amor/vida/ criam ódio, violência, opressão e morte. “Tirar o pecado do mundo” significa fazer que os homens rejeitem as categorias dos sistemas injustos e a submissão a eles, e, despojando-se de todo anseio de domínio, recuperem a sua liberdade (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 145).

Jesus, o Filho de Deus, não se sujeitou aos sistemas injustos deste mundo, porque veio para fazer a vontade do Pai. “Ele é o revelador, o enviado, cuja satisfação plena é ver que as pessoas aceitem a sua palavra” (SÁNCHEZ, 2001, 123)<sup>33</sup>. Sua palavra liberta e tem o poder de encaminhar o homem a uma plenitude de vida que está em conexão com a fonte de vida (MATEOS E CAMACHO, 1992,p.145).

Esta plenitude de vida, vivida em Jesus, é uma vida de fé que atua pelo amor eficaz e evangeliza com um “Evangelho ético e não meramente sentimental, não meramente teórico, não meramente religioso ou espiritual” (STAM, 2003, p.72).

O evangelho do amor, o evangelho do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo deve estar impregnado na vida de cada discípulo que recebeu o dom da água viva e por isso mesmo vive uma vida “dinâmica de amor” no “Espírito” que “não é amor de desejo, nem amor de posse. Mas é amor de entrega ” (COMBLIN, 2009, p.15). E “com o Espírito, o homem [e a *mulher*] podem começar o caminho de sua plenitude, tendo como modelo Jesus” (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 145), que se expôs, se entregou, “ se humilhou, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (cf. Fp 2:8b). Assim, como diz Bonhoeffer (2008): “Todos “são colaboradores e auxiliares de Cristo” na obra evangelizadora!

---

<sup>33</sup> Tradução nossa

#### 6.4 ABANDONAR O CÂNTARO E SAIR DA ZONA DE CONFORTO

Para seguir em frente é necessário abandonar antigos paradigmas e falsas seguranças. Para a Samaritana, “sua condição de mulher não foi empecilho para dirigir-se aos homens” (MAGGI, 2013, p.55). Sua condição anterior de pecadora a envergonhava, seus preconceitos religiosos foram barreiras superadas após o encontro com Jesus.

Quando a mulher deixa seu cântaro junto ao poço se esquece de sua necessidade humana. Ao receber o dom de Jesus, sua alma transborda de alegria, ela sente necessidade de compartilhar esse sentimento com outras pessoas. Sai apressadamente e vai anunciar aos homens de sua aldeia.

Ao ouvirem as palavras da mulher, todos saíram ao encontro de Jesus. Foram motivados pela pregação esfuziante da mulher, e saíram:

sair da cidade equivale abandonar suas crenças (Jo 4.40). O termo sair é muito frequente nos evangelhos, são fatos que apontam para mudança interior. A segurança da salvação não está ali, tem que ir buscar fora; abandonando os ídolos e o culto heterodoxo de *YHWH*. Samaria, a prostituta, vai em busca do marido. Cristo que a espera sentado junto ao poço. É o novo Jacó a espera da nova Rebeca (SÁNCHEZ, 2001, p. 126).

Os habitantes de Samaria precisaram sair da zona de conforto para poderem viver a experiência de conversão. Eles mesmos puderam receber a palavra e o batismo do Espírito que se interioriza. Puderam gozar da comunhão com Jesus e a mulher anunciadora, quando tiveram o encontro. Como menciona Bonhoeffer (2008): “igualmente o testemunho dos mensageiros não permanecerá na obscuridade, mas virá a público. O evangelho não será sectarismo clandestino, e, sim pregação pública onde todos podem se alegrar”.

Sair da zona de conforto é sair da área que nos acomoda e amolda. É correr para os outros e se dispor a estar junto. Vejamos o que diz o poema (EDWARD, 1959, APUD HESSELGRAVE, 1995, vol 2, p. 460):

Vá ao encontro das pessoas;  
Viva entre elas;  
Aprenda com elas;  
Sirva-as;  
Plante com elas;  
Comece com o que já sabem;  
Construa em cima do que já têm;  
Não um método aos pedaços, mas integrado;  
Não uma vitrina, mas um padrão;  
Não um alívio, mas libertação;  
Educação das massas pela participação das massas;  
Aprenda fazendo; Ensine mostrando.

Sair da zona de conforto, é assumir uma igreja de pecadores e doentes como define Padilha (2011) quando narra a história de jovens drogados acolhidos pela Igreja em Buenos Aires. Um jovem chamado Rafael, ex traficante de drogas, envolvido com prostituição e toda sorte de malfetorias, quando viveu em Boston, foi atraído por uma jovem num café e alcançado pela obra evangelizadora, sempre realizada naquele local. A partir de sua conversão, tornou-se um cristão disposto a ganhar seus amigos drogados que viviam na Argentina. Volta a Buenos Aires e sai a procura de uma igreja que pudesse acolhê-lo, juntamente com seus amigos.

A história toda se complica quando o pastor da Igreja consente em aceitar Rafael e seus amigos drogados como ouvintes e participantes do culto, gerando um conflito na comunidade. Muitos membros se afastam por não aceitar pessoas “diferentes”. Segundo Padilha: “Foi um período de crise de identidade para toda a Igreja”, alguns deixaram de frequentá-la, mas não foram muitos:

a grande maioria dos membros foi aprendendo, pouco a pouco, a amar com o amor que Deus nos amou em Cristo. O resultado: vários drogados deixaram as drogas e assumiram o caminho da fé (PADILHA, 2011, p. 228).

Outro exemplo que Padilha relata é o de um jovem chamado Leandro que após se envolver com drogas, por conta de uma briga foi preso. Para sua surpresa, vários jovens da igreja foram visitá-lo levando roupas e alimentos. Leandro saiu da cadeia, aceitou o evangelho de Jesus Cristo e hoje, segundo o autor “dirige o lar ‘Renascer’, um centro de reabilitação de drogados” (PADILHA, 2011, p. 228). O testemunho de Padilha é persuasivo para os que estão dispostos a sair da zona de conforto e serve de paradigma para cristãos dispostos a participarem da obra missionária que Jesus Cristo incumbiu a cada um:

se em 1976 alguém nos tivesse sugerido “fazer alguma coisa” para semear a semente do evangelho no mundo dos drogados, o mais certo é que teríamos nos negado até mesmo a considerar a possibilidade de fazê-lo. Sem dúvida, a partir daquele ano, em resposta ao desafio que Deus colocou em nosso caminho, o ministério com os drogados se tornou um dos eixos principais da missão da igreja. Em função desse eixo, estariam a importância que seria dada ao ensino, os horários das reuniões, as prioridades no uso dos recursos e outros aspectos da vida da igreja. Podemos dizer que essa igreja foi reestruturada para servir um setor marginalizado da sociedade. [...] Mas o benefício não foi somente para eles [os drogados], mas sim para toda a igreja. A presença de jovens como Leo foi a maneira que Deus usou para ensinar-nos uma das lições mais importantes que precisamos aprender que a igreja de Jesus Cristo é uma comunidade de pecadores (PADILHA, 2011, p. 229).

Sair da zona de conforto é segundo Padilha (2011) “solidarizar-se com a humanidade pecadora e experimentar o perdão de Deus pela fé! É sair para compartilhar o dom recebido!

## 6.5 ENVOLVER-SE SOCIALMENTE: COMPARTILHAR O PÃO E A ÁGUA

A mulher samaritana recebeu “a água e o pão da vida” e rapidamente foi compartilhar com as pessoas de sua aldeia. Não reteve o dom somente para si. Foi dividir com aqueles que tinham as mesmas necessidades que ela.

Os cristãos devem atender as necessidades, dos marginalizados, doentes, oprimidos, pobres e famintos. Jesus não se furtou dessa obrigação diante do sofrimento humano:

a própria evangelização tem que incluir, no mínimo implicitamente, um compromisso social. Se vamos ser julgados pela ação social, então isto deve estar presente desde o princípio em nossa mensagem. Não como um apêndice, não como um segundo capítulo, depois de um Evangelho que nada tem de responsabilidade social. Do próprio Evangelho integral, já nascerá a exigência desse compromisso (STAM, 2003, p. 73)

“Ora aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 Jo 3.17). “Estes não podem ser denominados cristãos” conclui Stam, mas sim “os que fazem justiça, por menos religiosos que sejam, e compartilham seus bens com os necessitados” (STAM, 2003, p.73):

Cristo não nos envia apenas para ensinar as pessoas a “crerem em todas as doutrinas” que ele nos tem ensinado, mas para levar novos discípulos a ele, a fim de que cumpram suas ordens. Seu grande mandamento é amar a Deus e ao próximo, e isto significa dar pão e água, roupa e albergue e emprego ao necessitado em nome de Cristo. [...] Em nossa evangelização e missão, o discipulado necessita dessa dimensão ética ou não estamos evangelizando segundo a ordem de Cristo (STAM, 200, p. 72,73).

Jesus acolhe e se revela a todos aqueles que o Pai lhe deu (cf. Jo 6.39; 10.29), e os incumbe de serem participantes da verdadeira religião que é cuidar dos órfãos, viúvas e necessitados (cf. Tg 1.27). O ensinamento de Jesus é a prática de justiça e bondade como ele próprio explicita: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver” (Mt 25:35-36)

Seria o caso de se pensar em Dorcas: “Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia” (cf. At 9:36). Sua dedicação em favor das viúvas e órfãos na cidade de Jope fez com que as pessoas que ela servia entrassem em desespero por causa de sua morte. A mesma compaixão que movia Dorcas a trabalhar em

benefício dos pobres, moveu o coração do apóstolo Pedro para orar por ela para que fosse ressuscitada.

Esta é a verdadeira religião e missão. Cita-se o exemplo de Martinho de Tours, um soldado alistado no exército romano, que deixa tudo para dedicar-se aos pobres e necessitados dos monastérios da França do IV século:

um dia um mendigo que tiritava de frio pediu-lhe esmola e, como não tinha, o cavalariano cortou seu próprio manto com a espada, dando metade ao pedinte. Durante a noite o próprio Jesus lhe apareceu em sonho, usando o pedaço do manto que dera ao mendigo e agradeceu a Martinho por tê-lo aquecido no frio. Dessa noite em diante, ele decidiu que deixaria as fileiras militares para dedicar-se à religião ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho\\_de\\_Tours](http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_de_Tours), acesso em 20/07/2013 às 23:00hs).

Com esta disponibilidade, aos oitenta e um anos de idade ainda declarava: "Senhor, se o vosso povo precisa de mim, não vou fugir do trabalho. Seja feita a vossa vontade" (Bispo de Tours) (Ibid). De Varazze (2003) cita que Ambrósio exprime-se assim a respeito de São Martinho:

foi julgado tão perfeito que mereceu cobrir Cristo na pessoa de um pobre, e vestiu o Senhor do mundo com uma veste que ele mesmo recebera como pobre. Ó feliz generosidade que cobriu a divindade! Ó gloriosa partilha do manto que cobriu um soldado e seu rei no mesmo tempo! Ó inestimável presente que mereceu vestir a divindade! (DE VARAZZE, 2003, p. 938).

Um exemplo a ser mencionado é o de Madre Tereza de Calcutá que dizia fazer o simples: "ponho o pão a mesa e compartilho". Através de alguns testemunhos registrados por Allegri (1998), a intenção é rever uma vida de fé e amor que se envolveu socialmente e compartilhou do pão recebido com os famintos da terra:

1. "Essa pequena e frágil mulher é um sublime e desconcertante testemunho de Cristo, que perpetua no mundo o milagre do Amor que Deus oferece ao homem para redimi-lo e salvá-lo" (FRANCO ZEFFIRELLI, APUD ALLEGRI, 1998, p.12);
2. [Diante dos conflitos], Madre Tereza, sempre estaria lá, a postos, onde fosse mais grave o grito dos perseguidos, dos aflitos e dos pobres, para levar esperança, restituir dignidade à fé, para trazer ao mundo a imagem do Redentor, da Sua caridade, da Sua justiça e da Sua paz (FLAMINIO PICCOLI APUD ALLEGRI, 1998, p. 14);
3. Sua longa viagem da terra onde nasceu à Irlanda, da região do Himalaia a Calcutá, sua vida entre os leprosos não poderiam deixar de marcá-la. É como se carregasse e suportasse todo o sofrimento do mundo. [Gonxha], o botão albanês floresceu. Nas [mais de] 445 casas da congregação por ela fundada, espalhadas por [mais de] 95 nações do mundo, repetem-se a cada dia seus gestos de amor (ROSA RUSSO JERVOLINO, APUD ALLEGRI, 1998, p. 18);
4. Vejo seus braços atarefados, seu coração que vai além da situação desesperada, vai direto ao centro do sofrimento, da solidão do homem, e traz esperança com sorriso. Sim, o sorriso é a dádiva mais preciosa que Madre Tereza pode nos dar (LUCIA VALENTINI TERRANI APUD, ALLEGRI, 1998, p. 19);
5. O Espírito suscitou nela uma presença de Cristo tão viva e forte a ocupar-lhe toda a existência; uma presença incomparavelmente mais doce e ditosa que qualquer presença que se possa sentir. Para ela, Jesus é realmente viver e amar. É esse impulso irreprimível de ocupar-se dos mais miseráveis, no qual vive aquela que escolheu para si mesmo o último lugar (PADRE SERAFINO COLANGELI APUD, ALLEGRI, 1998, p. 22).

São inesgotáveis os testemunhos acerca de Madre Teresa. Ela nunca se recusou a servir, a amar e compartilhar o pão. Madre Teresa abraçava os miseráveis com amor maternal.

“Sou mãe de milhares de crianças”, [dizia] madre Teresa. Eu as recolhi nas calçadas, nos monturos, nas ruas, foram-me trazidas pela polícia, pelos hospitais onde eram recusadas pelas mães. Eu as salvei, criei e fiz estudar” (ALLEGRI, 1998, p. 136).

Somente serve e compartilha quem vive a autenticidade do amor. Assim então, sua evangelização será verdadeira adoração, pois como bem diz Bonhoeffer (2008): “O amor de Deus aos seres humanos é cruz e discipulado, mas exatamente nisso, vida e ressurreição”!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Missão diz respeito ao exercício do amor por parte daqueles que já o receberam. Como Jesus, devemos nos assentar junto ao poço para iniciar diálogos e possuir nobreza para escutar. Como a mulher, deixar o cântaro e sair correndo a fim de espalhar a água regando a terra. Ambos estavam cheios do amor e revelação de Deus, transbordantes e contagiantes.

Este é o grande desafio da missão evangelizadora atual: “Levar a mensagem do evangelho para que Deus seja revelado à humanidade através da fé e do amor”. Esses dois eventos são indissociáveis:

não há por que, a essa altura, contrapor fé e amor. Pois, repitamos, fé aqui significa a Revelação de Deus. A qual reporta antes de tudo o amor de Deus pelo seu povo. Se intellectus amoris há, não se trata em primeiro lugar do nosso amor, mais do amor de Deus mesmo. É o que a palavra da fé testemunha (C. BOFF, 2009, p. 123).

Deus se revelou a humanidade por amor, e por amor cada indivíduo que se apropria dessa revelação deve transmiti-la a outrem, realizando assim o projeto divino, sendo capaz de amar e amar até o fim. Mas essa capacidade vem de Deus. “Nós o amamos, porque ele nos amou primeiro” (cf. 1 Jo 4.19):

em outras palavras: se o projeto de Deus consiste em o homem alcançar a condição divina, que é a plenitude de vida/amor, o passo inicial tem que ser o de que o homem possua força que lhe permita caminhar para a plenitude. O NT chama esta força de o “Espírito”, participação de vida/amor do próprio Deus, que se comunica ao homem por meio de Jesus (Jo 1.14: “plenitude de amor e lealdade”; 1.16: “de sua plenitude todos nós recebemos”) (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 83).

Independente das circunstâncias, “a opção vital pelo amor aos outros faz com que o indivíduo seja participante da vida de Deus” (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 84).

A comunidade joanina viveu momentos difíceis de conflitos. Foram expulsos das sinagogas, perseguidos, e nem por isso deixaram de testemunhar o amor revelado. Tendo-os como exemplo: “por todos os meios os cristãos devem continuar tentando de várias maneiras dar testemunho ao mundo, mas não devem admirar-se se reviverem em parte a experiência joanina” (BROWN, 1999, p. 68).

Deus se revelou a mulher samaritana e esta saiu a anunciar. Segundo Fiorenza (1992) “a conversão missionária é entendida por analogia com a vocação ao discipulado”, a mulher se torna discípula e testemunha aos demais tudo o que Jesus lhe disse. Ele requer dos seus filhos postura semelhante, pois são estes que procura como seus adoradores. Adoradores com seu significado mais estrito: de

obediência e serviço ao chamado de Cristo que “nos incumbe da tarefa evangelizadora no poder do Espírito. A missão é o sentido dessa época de graça; é nossa tarefa primordial, à qual temos de dedicar nossos maiores esforços” (STAM, 2003, p.37):

como em Samaria, Jesus contempla os fúlvidos campos de trigo e os interpreta como fruto da missão da comunidade (4.31-38; cf. At8.1-25). O evangelista insiste particularmente nos pressupostos da missão que consistem na comunhão constante com Jesus (Jo 15.5), na união dos membros da comunidade (17.23), evitando todo o ativismo superficial e preferindo os fatos às palavras (CASALEGNO, 2009, p. 329).

Pensando no bem da humanidade e na salvação dos homens, cada cristão deve viver sua fé e missão de amor. Segundo Mateos e Camacho (1992), no Evangelho de João, Jesus assinala a disposição que devem ter os discípulos em seu trabalho no meio da humanidade: “Se o grão de trigo, caído na terra, não morre, permanece só, ao invés se morre produz fruto” (Jo 12.24) (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 152). Para produzir frutos é necessário que morra o “eu egocêntrico” para poder então ressurgir o “eu espiritual” inundado pelo amor que provém de Deus (cf. 1 Jo 4.16-18) cuja característica é o altruísmo, doação e pleno contentamento com a verdade e justiça (cf. 1 Co 13.6). É “o ‘agape’, fruto do Espírito de Deus no cristão” (VINE, 2004, p.395) através de sua revelação em Jesus:

para produzir vida é preciso que se esteja disposto, como Jesus, a dar-se totalmente. A vida é fruto do amor e brotará com maior ou menor intensidade segundo a qualidade deste amor. Quando o amor é pleno e o dom de si é total, o fruto de vida na própria pessoa e nos outros chegará à sua plenitude. A fecundidade da missão não depende, portanto, da transmissão exata da mensagem doutrinal, mas da entrega/doação por amor. O amor é a mensagem (MATEOS E CAMACHO, 1992, p. 152).

A Mensagem recebida de Jesus e transmitida pela samaritana ao seu povo foi no tempo exato da colheita e produziu bons frutos: “muitos samaritanos vieram ter com Jesus e creram Nele, por causa do testemunho da mulher” (cf. Jo 4.39). “A comunidade joanina faz a colheita tornada possível por uma mulher que iniciou o segmento samaritano da comunidade” (FIORENZA, 1992, p. 374)

A Mensagem satisfaz e transcende o eu interior porque é verdadeira comida espiritual daquele que como Jesus está para fazer a vontade do Pai e se deixa enviar por aquele que os amou. O verdadeiro discípulo não vive para fazer sua vontade, mas sim para fazer a vontade daquele que o chamou e enviou a exemplo do próprio Jesus:

que não realiza a sua própria obra, pela qual poderia entusiasmar-se e superar todas as coisas. É obra do Pai que Ele “consoma”. Nisso, porém ela se torna uma causa de seu próprio amor e dedicação, a ponto de que ele esquece completamente o cansaço

e a fome. No “Filho” aprendemos o que é “amor”, um amor totalmente imbuído de obediência e que inversamente faz da obediência uma causa vital e feliz (BOOR, 2002, p. 116).

Jesus exemplificou um modelo de missão centrado no amor ao próximo, sua atuação foi ao encontro dos peregrinos, excluídos e estrangeiros. Ele acolheu, incluiu, compartilhou e formou discípulos. A missão do discípulo é, portanto se colocar ao lado a fim de resistir aos poderes opressores do mundo. Conforme Johnson (1995) “assim a solidariedade com Cristo está formada”.

Os preconceitos são rompidos, as barreiras religiosas são transpostas, os abismos sociais e culturais são extintos quando o lugar de encontro com Cristo se faz no desejo de conhecê-lo e de anunciá-lo quando for revelado. E na assembléia reunida, composta de ministros e de todas as mulheres e homens que oram, cantam e [comungam em seu nome], aí estará Jesus no meio deles (cf. Mat 18.20): é a máxima evangélica que lembra a *Shekinah* (JOHNSON, 1995, p. 232).

São muitas as mulheres alcançadas pela graça de Cristo: a samaritana, a mulher hemorrágica, Maria Madalena - essas eram realmente excluídas. Outras, porém, mesmo sem problemas aparentes, como Marta e Maria, a sogra de Pedro e as seguidoras de Jesus tiveram o privilégio de serem acolhidas e dignificadas como seres humanos num tempo em que era forte o preconceito de gênero. “A mulher interage com Jesus no respeito mútuo, no apoio, no conforto e no desafio, e ela mesma é dotada de atos de compaixão, de ação de graças e de coragem pelo Espírito Sophia que em Jesus se aproxima dela” (JOHNSON, 1995, p.232).

Ela passa a fazer parte da comunidade, passa a ser vista e reconhecida. Como amiga pode dialogar com ele e sentar-se aos seus pés; como auxiliaadoras podem apoiá-lo no seu ministério economicamente e servi-lo em suas casas, como adoradora tem a liberdade de derramar-se diante Dele com um vaso de alabastro. Podem invocá-lo, tocá-lo, sentar-se a mesa com Ele. Seguir o caminho do calvário e ser gratificada com a elevada função de ser anunciadora da ressurreição.

Com Jesus todos podem viver o regozijo da igualdade, esta é a verdadeira marca da evangelização.

## REFERÊNCIAS

### 1 INSTRUMENTOS DE TRABALHO

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**: Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA DE ESTUDO. **Palavras Chave**: hebraico – grego – exegese, estudos bíblicos, homilética. 2ª edição, 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, **Edição revista e ampliada**. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia da mulher** : Leitura, Devocional, Estudo. São Paulo: Mundo Cristão e SBB, 2004.

BÍBLIA DO PEREGRINO. **Comentário de Luiz Alonso Schokel**. 3ª Edição brasileira. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA. **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tradução Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1997.

HARRINGTON, W.J. **Chave para a Bíblia**: a revelação, a promessa, a realização. Tradução José Xavier. São Paulo: Paulus, 1985.

LIBRONIX. **Biblioteca digital da Bíblia**. Produzido no pólo industrial de Manaus sob encomenda da Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

NOVO TESTAMENTO TRILINGUE. **Grego, Português, Inglês**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2007.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

#### 1.1 Dicionários

ANDRADE, C.C. **Dicionário Teológico**. 4ª edição. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

BROWN, C., COENEN, L. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Tradução Gordon Chown. 2ª edição São Paulo : Vida Nova, 2000. Vol. 1 e 2.

CARVALHO, A. **Sitz im Leben: O lugar do Texto**

Disponível em

<<http://exposicaoteologica.blogspot.com.br/2010/05/sitz-im-leben-o-lugar-do-texto.html>> Acesso em 01/01/2014 – 00:50hs

DOUGLAS, J.D.. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Editor em português R.P.Shedd. Tradução João Bentes. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GONZÁLEZ, J. **Breve dicionário de teologia**. Tradução Silvana Perrella Brito. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

GUSSO, R., **Gramática Instrumental do Grego**: do alfabeto a tradução a partir do Novo Testamento, São Paulo: Vida Nova, 2010.

MATEOS, J; BARRETO, J., **Vocabulário teológico do evangelho de São João**. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

PRIBERAM, **Dicionário on line**: Disponível em  
<<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=água>: Acesso em 01/05/2013>

RIENECKER, F., ROGER, C. **Chave lingüística do Novo Testamento**. Tradução Gordon Chown e Julio Paulo Zabatiero. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.

RUSCONI, C., **Dicionário do Grego do Novo Testamento**, tradução Irineu Rabuski. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2011.

TAYLOR, W.C. **Dicionário do NT Grego**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.

VINE, W. E. **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: CPAD. 2002.

## 2 COMENTÁRIOS DE JOÃO

BOOR, W. **Evangelho de João I**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BROWN, R.E. **A Comunidade do Discípulo Amado**. Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulus, 1999.

BRUCE, F.F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987.

CAPOSSA, R. F. J. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora**: a partir de João 4,1 43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos, 2006, 162 fl., Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo – RS.  
Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=13](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13)>  
Acesso em 16/12/2013.

CARSON, D.A. **O comentário de João**. Tradução Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CASALEGNO, A. **Para que contemplem a minha glória**: Introdução a teologia do evangelho de João. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CHOURAQUI, A. **A Bíblia: Iohanân (O evangelho segundo João)**. Tradução Leneide Duarte e Leila Duarte. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1997.

COMBLIN, J. **Jesus enviado do Pai**. São Paulo: Paulus, 2009.

DODD, C. H. **A interpretação do quarto evangelho**. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977.

DUFOUR, X.L. **Leitura do evangelho segundo João: I** (capítulos 1- 4). Tradução Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KONINGS, J. **Encontro com o quarto evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LELOUP, J.Y. **O Evangelho de João**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

LONA, H. **O evangelho de João: o relato, o ambiente, os ensinamentos**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011.

MAGGI, A. **A loucura de Deus: o Cristo de João**. Tradução José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013.

MATEOS, J; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético**. Tradução Alberto Costa. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1999.

MONAY, T. M. F. **As Mulheres no Evangelho de João: paradigmas de fé e anúncio**, Dissertação de Mestrado, BELO HORIZONTE - MG FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2008.

Disponível em [http://faculdadejesuita.edu.br/documentos/031111TARCISIO\\_FINAL\\_20\\_06\\_08.pdf](http://faculdadejesuita.edu.br/documentos/031111TARCISIO_FINAL_20_06_08.pdf) Acesso em 07/08/2013.

PACK, F. **O evangelho segundo João**. Tradução de Neyde Siqueira. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1983.

PEARLMAN, M. **João: o evangelho do filho de Deus**. Rio de Janeiro, CPAD: 1995.

SANCHES, S.C. **Evangelho de Juan: comprensión exegético-existencial**. Madrid: Universidad Pontificia Comilas. Editorial de Brouwer, S.A., 2001.

TUÑI, J.O. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. Tradução de Alceu Luiz Orso, 2ª edição. São Paulo: Ave Maria, 2007.

### 3 HISTÓRIA DE ISRAEL NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

BRIGTH, J. **História de Israel**. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavallhere Soalno Rossi. 7ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R., (Orgs). **Novo comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. Tradutor responsável: Celso Eonides Fernandes. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2007.

CAZELLES, H. **História política de Israel**: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução: Cacio Gomes. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1986.

COLEMAN, W.L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Miriam Talitha Lins. Belo Horizonte: Editora. Betânia, 1991.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

FOHRER, G. **História da Religião de Israel**. Tradução Josué Xavier. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2006.

GARELLI, P. **O Oriente Próximo**: Impérios Mesopotâmicos de Israel. Tradução de Emanuel O. Araújo. São Paulo: Pioneira, 1982.

MATEOS, J., CAMACHO, F. **Jesus e a sociedade de seu tempo**. Tradução I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento**: um contexto social, político e cultural. Tradução Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Tradução m. Cecília de M. Duprat. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: João Rezende Costa, São Paulo: Hagnos, 2008.

JOSEFO, F. **História dos Hebreus**: de Abraão à queda de Jerusalém. 8ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

KESLLER, R. **História Social do Antigo Israel**. Tradução Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

PAGOLA, J.A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 1910.

ROPS, D. **Jesús em su tiempo**: como um homem, entre los demás hombres. Traducción: Luiz Horno Liria, 3ª edição. Madrid: Arcaduz, 2004.

ROPS, H. D., **A Vida Diária nos tempos de Jesus**. 3ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.

ROSEL, M., **Panorama do Antigo Testamento:** história, contexto, teologia. Tradução Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHULTZ, S., **A História de Israel no antigo Testamento**, tradução João Marques Bentes. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1977.

TENNEY, M. C. **Tempos do Novo Testamento:** entendendo o mundo do primeiro século. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

WALKER.,W. **História da Igreja Cristã.** Tradução Paulo Siepierski. 3ª edição. São Paulo: Editora Aste, 2006.

#### 4 LITERATURA DE GÊNERO

ALLEGRI, R. **Teresa dos pobres:** conversando com a Madre de Calcutá. Tradução: Roberto Tapia Vidal. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1998.

CNBB. **Mulher e Homem:** Imagem de Deus. Campanha da Fraternidade. São Paulo: Editora Salesiana, 1990.

FERNANDEZ, D. **Ministérios da Mulher na Igreja,** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FIORENZA, E. **As origens cristãs a partir da mulher:** uma nova hermenêutica. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

GANGE, F. **Jesus e as mulheres,** Tradução de Lucia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2007.

JOHNSON, E.A. **Aquela que é:** o ministério de Deus no trabalho teológico feminino. Tradução Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

PERETTI, C.,(Org.) **Filosofia do Gênero:** em face da teologia. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2011.

PIPER, N. **Mulheres fiéis e seu Deus maravilhoso:** história de cinco mulheres de fé. Tradução Laura Makal Lopes. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

REIMER, I. R., **Maria, Jesus, e Paulo com as mulheres:** textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

TOURNIER, P., **A Missão da Mulher,** tradução Renira Cirelli Appa. Viçosa: Ultimato, 2005.

## 5 LITERATURA DE APOIO

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Tradução Ilson Kayser. 8ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

BORROR, G.; RONALD, A. **Teologia da Adoração**. Tradução Elias Moreira da Silva e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002.

DE VERAZZA, J. (Arcebispo de Gênova), **Legenda Áurea**: vida de santos. Tradução do latim: Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

HARPA CRISTÃ, CPAD, 2004.

HESSELGRAVE, D.J., **A comunicação transcultural do evangelho**, tradução Robinson Malkomes, São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 2.

HULL, B., **A Igreja que faz discípulos**. Tradução: Victor H. Michel. São Paulo: Editora Batista Regular, 2003.

LIMA, C.A. **Jesus e os samaritanos**. Evangelho e Culturas (Estudos Bíblicos), Petrópolis, nº 45, p. 36-44, 1994.

MINCATO, R., (Org.). **Eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários**. Porto Alegre: Editora Letra e Vida, 2010.

PADILHA, C. R. ; COUTO, P. **Igreja : agente de transformação**, Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba : Missão Aliança, Ediciones Kairós, 2011.

RIRYE, C.C. **Teologia Básica**: ao alcance de todos. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: A. Cristã/ Paulus, 2010.

SICRE, J. L. **Os Profetas**. Tradução José Afonso Beraldin da Silva. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2007.

STAM, J.B. **Profecia Bíblica e Missão da Igreja**. Tradução de Roseli Giese. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

STOT, J. **A verdade do evangelho**: um apelo à unidade. Tradução e revisão: Marcel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, São Paulo: ABU, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo**, Tradução Silêda S Steuernagel, 2ª ed., São Paulo: ABU Editora, 1998.

WIKIPÉDIA: **Martinho de Tours**. Disponível em  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho\\_de\\_Tours](http://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_de_Tours): Bispo de Tours> Acesso em 20/07/2013: 15:35 hs.

### ANEXO A – ACERTO DE TRADUÇÃO

|                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Quando, pois, Jesus veio, a saber, que os fariseus ouviram que Jesus fazia mais discípulos e batizava mais que João,                                                           |
| 2. ainda que Jesus, ele não batizasse, mas os seus discípulos,                                                                                                                    |
| 3. deixou a Judéia e partiu outra vez para a “Galiléia”.                                                                                                                          |
| 4. Ele devia, pois passar através da Samaria.                                                                                                                                     |
| 5. “Vem” então para a cidade da “Samaria” chamada “Sicar” vizinha do campo que Jacó deu a José seu filho.                                                                         |
| 6. Estava, pois lá o poço de Jacó. Então Jesus cansado da caminhada. Sentou deste modo sobre o poço; era como a hora sexta.                                                       |
| 7. Veio uma mulher da “Samaria” tirar água. Jesus diz a ela: Dá me (de) beber                                                                                                     |
| 8. Visto que os discípulos dele tinham ido para à cidade a fim (de) comprar alimentos.                                                                                            |
| 9. Diz-lhe, então a mulher “samaritana”: Como tu sendo Judeu pedes a mim (para) beber sendo eu uma mulher samaritana? De fato os judeus não têm boas relações com os samaritanos. |
| 10. Respondeu Jesus e disse a ela. Se conhecêsseis o dom de Deus e quem é o que está te dizendo, dá-me (de) beber, lhe pedirias e (Ele) te daria água viva.                       |
| 11. Diz-lhe a mulher: “Ó Senhor” nem balde tens e o poço é profundo. De onde então tens a água viva?                                                                              |
| 12. Não és Tu maior do que nosso pai Jacó, que deu a nós o poço, e dele bebeu e seus os filhos e seus rebanhos?                                                                   |
| 13. Respondeu-lhe Jesus: Todo o que bebe desta água terá sede novamente                                                                                                           |
| 14. Quem beber da água que eu lhe der, nunca mais sofrerá sede, mas a água que eu lhe darei, se tornará nele um manancial de água jorrando para “vida” eterna.                    |
| 15. Diz-lhe a mulher: Senhor, dá me esta água para que não sofra sede nem venha aqui tirar água                                                                                   |
| 16. Diz-lhe (Jesus) Vai chama o teu marido e vem aqui                                                                                                                             |

|                                                                                                                                                                  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 17.Respondeu-lhe a mulher: Não tenho marido Diz-lhe Jesus: Bem disseste que Não tenho marido.                                                                    |
| 18.De fato, cinco maridos tivestes, e agora o que tens não é teu marido. Falaste a verdade.                                                                      |
| 19.Diz-lhe a mulher: Senhor vejo que tu és profeta.                                                                                                              |
| 20.Os nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.                                                             |
| 21.Diz-lhe Jesus. Creia me, mulher, que vem uma hora quando nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai                                                     |
| 22.Vós adorais o que não sabeis. Nós adoramos o que sabemos. A salvação é dos judeus.                                                                            |
| 23.Mas vem uma hora e é agora, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Pois de fato, o Pai procura os tais que como ele o adoram. |
| 24.Deus é espírito, e os que o adoram, devem adorar em espírito e verdade.                                                                                       |
| 25.Diz-lhe a mulher: Sei que o Messias vem, o chamado Cristo quando vier, nos anunciará tudo.                                                                    |
| 26.Diz-lhe Jesus: Eu Sou o que estás falando contigo.                                                                                                            |
| 27.Então nisto vieram os seus discípulos e se admiravam porque falava com uma mulher. Nenhum, no entanto, disse: que procuras ou que falas com ela?              |
| 28.A mulher deixou então o seu pote de água e partiu para a cidade e diz aos homens:                                                                             |
| 29.Venham! Vejam um homem que disse a mim tudo quanto fiz. Não é este o Cristo?                                                                                  |
| 30.Eles saíram da cidade e vieram a ele.                                                                                                                         |
| 31.Entretanto os discípulos falaram-lhe dizendo: Rabi, come!                                                                                                     |
| 32.O Senhor disse a eles: eu tenho um alimento (para) comer que vós não conheceis.                                                                               |
| 33.Diziam, pois os discípulos uns aos outros. Alguém não trouxe a ele (de) comer?                                                                                |
| 34.Diz-lhes Jesus: Meu alimento é para fazer a vontade daquele que me                                                                                            |

|                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| envia e realizar sua obra.                                                                                                                                      |
| 35.Vós não dizeis que ainda quatro meses e a colheita chega? Eis que vos digo: levantai os vossos olhos e olhai os campos que já estão brancos para a colheita. |
| 36.O que está colhendo, recebe um salário e recolhe fruto para a vida eterna, a fim de que o que está semeando se alegre como o que está colhendo.              |
| 37.Nisto de fato a palavra é verdadeira que um é o que está semeando e outro o que está colhendo.                                                               |
| 38.Eu vos enviei a ceifar o que vós não vos fatigastes. Outros se fatigaram e vós entrastes para o trabalho deles.                                              |
| 39.Daquela cidade muitos dos samaritanos acreditaram nele por causa da palavra da mulher testemunhante: “Ele disse a mim tudo o que fiz.                        |
| 40.Como, pois viessem a ele os samaritanos, dizendo-lhe (para) permanecer com eles; então permaneceu lá dois dias.                                              |
| 41.E (foram) mais numerosos os que acreditaram por causa da palavra dele.                                                                                       |
| 42.Diziam, pois para a mulher: não mais por causa da tua fala acreditamos. Nós de fato ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo.        |
| 43.Depois de dois dias saiu de lá para a Galiléia.                                                                                                              |
| 44.De fato ele, Jesus testemunhou que um profeta na própria pátria não tem honra.                                                                               |
| 45.Quando, pois veio para a Galiléia, os galileus o receberam, Tendo visto tudo quanto fez em Jerusalém na festa. E eles de fato tinham vindo para a festa.     |

**ANEXO B – TEXTO NA VERSÃO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA - ARA****A Mulher de Samaria**

- 1.Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João
- 2.(se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos),
- 3.deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia.
- 4.E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria.
- 5.Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.
- 6.Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.
- 7.Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.
- 8.Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos.
- 9.Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)?
- 10.Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.
- 11.Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?
- 12.És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado?
- 13.Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede;
- 14.aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.
- 15.Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.
- 16.Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá;
- 17.ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido;
- 18.porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.

**A verdadeira adoração**

19.Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta.

20.Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.

21.Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.

22.Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.

23.Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.

24.Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

25.Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.

26.Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.

27.Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela?

28.Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens:

29.Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?!

30.Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele.

**A ceifa e os ceifeiros**

31.Nesse ínterim, os discípulos lhe rogavam, dizendo: Mestre, come!

32.Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.

33.Diziam, então, os discípulos uns aos outros: Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer?

34.Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.

35.Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa.

36.O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a vida eterna; e, dessarte, se alegram tanto o semeador como o ceifeiro.

37.Pois, no caso, é verdadeiro o ditado: Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.

38.Eu vos enviei para ceifar o que não semeastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.

### **Muitos samaritanos crêem em Jesus**

39.Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito.

40.Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias.

41.Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra,

42.e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.

### **Jesus volta à Galiléia**

43.Passados dois dias, partiu dali para a Galiléia.

44.Porque o mesmo Jesus testemunhou que um profeta não tem honras na sua própria terra.

45.Assim, quando chegou à Galiléia, os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual eles também tinham comparecido.

## ANEXO C - CHAVE LINGUÍSTICA

É pertinente o destaque que se faz de alguns vocábulos listados na obra “Chave Linguística do Novo Testamento” do Dr. Fritz Rienecker cuja finalidade é facilitar a interpretação de todo o contexto, bem como a compreensão da tradução e comparação das versões. O autor cita Brown, Barret, Westcott, Schnackenburg. Segue algumas palavras.

1. οὖν – quando, agora, indica uma sucessão de tempo ou eventos.
2. Ὅδει imp./ δει – é necessário, preciso, não uma necessidade geográfica, mas que a vontade ou plano de Deus está envolvido (BROWN).
3. κεκοπιακῶς – part.perf./ κοπιακῶ – labutar, ficar cansado de trabalhar, o perf. enfatiza um estado de cansaço.
4. ἐκαθέζετο – imp. méd. καθέζομαι – sentar-se, estar assentado.
5. οὕτως – assim, ou modificando o verbo: “sentou-se diretamente” ou o part.: “cansado como estava”.
6. ἐπὶ – c/ dativo sobre: “sobre as pedras da beirada do poço”.
7. ὥς – c/números “cerca de”, ou seja: “cerca do meio dia” o horário natural de descanso enquanto o sol estava no seu ponto mais alto
8. συγχρῶνται – ter tratos com; ter boas relações com; usar juntamente com; ou seja: os judeus não usam vasos em comum com os samaritanos com medo de se contaminarem.
9. ἀλλομένου – part. pres. méd. ἄλλομαι – jorrar, pular. Usado para movimentos rápidos de seres vivos, como por exemplo, os saltos.
10. ὕπαγε – pres. imp. ir. O pres. imp. é frequentemente usado para expressar uma ordem que envolve movimento.
11. ἔσχεις – aor. ἔχω ter. Segundo o ensino rabínico, uma mulher podia casar-se apenas duas vezes, ou três vezes no máximo.
12. πνεῦμα – espírito, o predicado sem o artigo enfatiza o caráter, a natureza.
13. ἀναγγελεῖ – fut./ ἀναγγελλω: anunciar. A palavra é usada para a mensagem nova autorizada do Consolador (WESTCOTT). O Messias é a Pessoa sobrenatural que declarará a verdade divina aos homens (BARRET).

14. ἐθαύμαζον – impf. θαυμάζω ficar atônito, maravilhar-se. Denota surpresa incrível. A surpresa surge porque ele estava falando com uma mulher. Isto era considerado impróprio, especialmente para um rabino.
15. πέμψαντός – part. aor. at. πέμπω enviar .
16. τελειώσω - subj. aor. cumprir, acabar, trazer a consumação, completar aquela obra que foi começada pelo Pai (SCHNACKENBURG).
17. σωτήρ – salvador. O termo “salvador do mundo” era frequentemente aplicado ao imperador romano.

## ANEXO D - EXPRESSÕES E TERMOS REPETIDOS OU EM DESTAQUE

Verifica-se vários termos ou expressões que se repetem em Jo 4, que mostra a preocupação do narrador em transmitir sua mensagem. Seguem negritados e listados em destaque como segue:

A **água** é o termo principal do primeiro tempo, acompanhado por **poço**, **fonte** ou **manancial** e o ato de **beber** que está relacionado ao desejo e necessidade de **Jesus** e da **mulher** que tem **sede**, sendo eles os personagens que interagem no texto.

Visualizando o segundo tempo encontramos o termo **marido**, **verdade** e **profeta**, aquele **Messias** que haveria de vir e que prediz sobre a vida da samaritana. Quando adentramos no terceiro tempo nos curvamos como os **verdadeiros adoradores** prestando culto cujo aqueles o Pai procura que o adorem em **Espírito e em Verdade**.

No quarto e quinto tempos, **semeadores** e **ceifeiros** são os **trabalhadores** da seara que garantem a boa **comida** que sacia o ouvinte e o leva a satisfação plena, **salvação** e **vida eterna**, porque **ouvem**, **crêem** e **sabem** que **Jesus** o **Rabi** é verdadeiramente o **Cristo**, o **Salvador** do mundo.

Os termos em destaque seguem em ordem alfabética, ou acompanhados daqueles que o completam como, por exemplo, “Espírito e Verdade” e “Vida Eterna”, sintetizando seu significado e o que realmente pretendem expressar quando inseridos na narrativa joanina. Esta tarefa tem por finalidade possibilitar a compreensão da perícope e o trabalho da próxima seção sobre a abordagem teológica. Vários autores são mencionados nesta etapa, mas, sobretudo Barreto e Mateos que compilam em sua obra um vocabulário teológico especificamente joanino, sendo esta a razão por serem citados com mais frequência que os outros.

- A. Adorar - προσκυνεῖν (gr). proskynein = venerar: ato de prestar veneração a Deus, “reconhecendo-lhe a soberania sobre o Universo, o governo moral e a força de seus decretos. [...] termo que enfatiza o ato de prostração e reverência.” (ANDRADE, 1997, p.19) “Fazer mesura, fazer reverência a” (formado de pros, “para”, e kuneō, “beijar”), é o termo mais frequente com o significado de adorar. É usado acerca de um ato de homenagem ou reverência a: (a) Deus (por exemplo: Mt 4.10; Jo4.21-24; 1Co 14.25; Ap

4.10;5.14 [...]) (b) Jesus (por exemplo: Mt 2.2,8,11; 8.2; 9.18; [...] Jo 9.38; Hb1.6) [...] (VINE, 2002, p. 374) Tanto em Jo 4.20: προσεκύνησαν, como em Mt 2.2: προσκυνῆσαι, os vocábulos advêm de προσκυνεω que significa prostrar-se, para adorar, reverenciar, prostrar-se diante de uma pessoa e beijar-lhe os pés, a orla das suas vestes, o chão, etc (RIENECKER, 1985 p. 2).

B. Água –“ὕδωρ” (gr) = hidor: líquido natural precioso que “compõe setenta por cento da superfície terrestre, indispensável para a sobrevivência da maior parte dos seres vivos” (<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=água>: em 01/05/2013), no aspecto espiritual simboliza “benção e refrigério outorgados por Deus como em Sl 23.2; Is32.2; [...], o anseio pela água indica a necessidade espiritual do que a deseja” (DOUGLAS, 2006, p.23). O evangelista João, “assumindo a linguagem dos profetas (cf Is 32.15-18; Zc 12.10) faz da água o grande símbolo do Espírito” (MATEOS E BARRETO, 1989, p.20). Essa água Espírito segundo Barreto, substitui a Lei e os rituais da antiga aliança, onde no episódio de Jesus com a samaritana significa “manancial de Jesus (4.6,14), substitui o poço de Jacó, também figura da Lei (4.12); é pois, o guia interior da conduta do homem. A água Espírito é designada agora como água viva que em oposição à Lei, mata a sede do homem. [...] é fato personalizante por transformar-se em manancial interior que fecunda o seu ser (4.14): rega a “terra” de cada um, desenvolvendo nele suas próprias capacidades (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 20). “água viva”, ou seja água fresca e corrente, mas também água que cria e mantém a vida (BARRET APUD RIENECKER, 1985, p. 167).

C. Beber - πίνειν (gr), vem de pinō (πίνω) = “beber”: “verbo usado primariamente nos Evangelhos e em I Coríntios, quer literalmente (com muita frequência), quer figurativamente, para descrever: (a) “beber” do sangue de Cristo, no sentido de receber vida eterna por meio de sua morte (Jo 6.53,54,56); (b) “receber” espiritualmente aquilo que refresca, fortalece e nutre a alma (Jo 7.37); (c) “obter” vida espiritual de Cristo (Jo 4.14) como Israel o fez tipicamente (I Co 10.4)” (VINE, 2002, p.432).

- D. Crer - πιστεύω (gr) = **pisteuō**: “ser persuadido de”, “por a confiança em, confiar” (VINE, 2002, p. 518). Termo que aparece com bastante frequência nos escritos joaninos e que no texto em estudo, quando os homens de Samaria dizem a mulher: “cremos” (πιστευομεν), não pelo que disseste, mas pelo o que ouvimos e vimos, significa que ao ouvirem e virem Jesus, foram persuadidos por e para crerem Nele.
- E. Cristo e Messias – χριστος (gr) = Christos; Christus (lat.) e na LXX e no NT é o equivalente gr. do aram. m<sup>e</sup>siha’ = Messiah (hb): “Esta pessoa, por sua vez, corresponde ao Heb. Masiah, e denota uma pessoa que foi cerimonialmente ungida para um cargo (Ungir) [...] A palavra “Messias”, ocorre apenas duas vezes no NT Gr. somente em Jo 1.41; 4.25. em ambas as ocasiões refere-se a Jesus de Nazaré” (BROWN E COENEN, 2000, p. 1079). É a pessoa sobrenatural que declarará a verdade divina aos homens (RIENECKER, 1985, p. 167). No Antigo Testamento “Ungido” é traduzido na Septuaginta com a palavra “Messias”, termo aplicado aos sacerdotes que eram ungidos com o óleo santo, particularmente o sumo sacerdote (por exemplo, Lv 4.3,5,16). Os profetas são chamados hoi christoi theou, “os ungidos de Deus” (Sl 105.15). Um rei de Israel foi descrito em certa ocasião como crhistos tou kuriou, “o ungido do senhor” (1 Sm 2.10,35; 2 Sm 1.14; Sl 2.2) (VINE, 2002, p. 522). Referindo-se a Jesus, “designa-o como o Salvador do mundo, e destaca-lhe em especial a divindade. Evoca-lhe ainda o tríplice ofício: profeta, sacerdote e rei (ANDRADE, 1997, p. 82). Leloup (2000) afirma que os Padres da Igreja observavam que se trata de um título trinitário. Messias, Cristo, ou seja, “Ungido”, isso supõe aquele que unge, aquele que é ungido e a unção = o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Messias é aquele em quem repousa a plenitude do Espírito Santo – aquele que é totalmente habitado pelo sopro, pela unção de Deus. Jesus manifesta essa plenitude. Ele realiza a *toráh*. Encarna a verdade com graça e amor. Inaugura o tempo messiânico, ou seja, o tempo-eternidade, um corpo, um universo repleto do conhecimento de “YHWH” (LELOUP, 2000, p.193).
- F. Deus - ο θεος (gr) = ho theos; theos; theoi: Ho theos, com artigo refere-se a Deus pai; theos sem artigo designa a condição divina; theois significa deuses

aplicado a homens (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 51) “No politeísmo dos gregos denotava deus ou deidade. Por conseguinte a palavra foi apropriada pelos judeus e retida pelos cristãos para denotar o único Deus verdadeiro. Na Septuaginta o termo Theos traduz (com poucas exceções) as palavras hebraicas Elohim e Jehovah, a primeira indicando o seu poder e preeminência, a última, sua existência não originada, imutável, eterna e sustentada por si mesmo” (VINE, 2002, p. 558). Para a mulher samaritana Jesus define Deus como sendo Espírito, o que tem um significado elevado para os que desejam adorá-lo (ver def. de Espírito e Verdade). “Deus é espírito; não somente um Espírito entre outros, mas o próprio Deus é Espírito puro” (BRUCE, 1987, p.104).

- G. Espírito – “πνεῦμα” (gr) = pneuma: “O termo em João significa primordialmente “vento” (força), “alento” (vida). Em seu sentido positivo é força vital. Contudo, já no AT, o Espírito vento ou alento de Deus (Jz 3.10; 1 Sm 10.10; Is 63.14), que é a força de Deus (Mq 3.8), admite o simbolismo da água fecundante (Is 44.3; Jl 3.1s; Zc 12.10; cf. Ez 39.29). Em João, o grande símbolo do Espírito é a água” (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 87). É o âmago de todo o ser, “denota primariamente vento, respirar, soprar, também respiração; “como o vento é invisível imaterial e poderoso” (VINE, 2002, p.617), pneuma tem o mesmo sentido que ruah significando “centro da vida”, “sendo virtualmente um sinônimo de nefesh” (DOUGALS, 2006, p.450); e
- H. Verdade – “ἀληθεία” (gr) = alêtheia: “O termo corresponde ao hebr. ‘emet, cujo tema central é o de “firmeza, segurança”, e adota suas mesmas acepções. Quando alêtheia vem unida a outro substantivo (Jo 1.14,17;4.23,24), constitui o termo adjetivado de uma hendíadis, e significa “lealdade/fidelidade” ou em forma adjetiva, “leal/fiel.” (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 283) Segundo os contextos, significa “verdade” (8.32;18.37) ou fidelidade/lealdade. [...] “A verdade” designa em primeiro lugar realidade divina enquanto se manifesta, e pode ser conhecida pelo homem” (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 277). Diz respeito ao que é real; “requisito indispensável para o verdadeiro culto são definidos como sendo realidade na

vida íntima e sinceridade quanto ao propósito espiritual” (MATEOS E BARRETO, 1989, p. 87). “Os adoradores verdadeiros são aqueles que oram e adoram com todo ser. Isso somente é possível através do próprio Espírito de Deus. “Gerada e renascida pelo Espírito de Deus do alto e plenificada com vida divina, agora uma pessoa é capaz de ficar em contato com o Deus vivo de forma totalmente real” (BOOR, 2002, p. 112) Os que adoram o Pai em espírito e verdade, o fazem porque são sinceros, autênticos, reais como o Pai. “Sua adoração é realmente uma aproximação do Deus que é espírito, em contraste com a aproximação meramente ritual, que restringia Deus a Jerusalém ou ao monte Gerizim (Jo 4.21) que quando muito pode apenas simbolizá-lo, mas que facilmente pode distorcê-lo” (DOUGLAS, 2006, p.1371). Por ser fato real que Deus é Espírito, o culto que o agrada deve ser espiritual, “o sacrifício de um coração humilde, contrito, grato e adorador. Uma devoção sincera, de coração, em qualquer lugar e hora, “é indispensável para quem quiser oferecer a Deus, adoração que ele aceite” (BRUCE, 1987, p.104). “A verdade, experiência do Espírito, é a experiência de Deus (4.24)” (MATEOS E BARRETO, 1989, p.279)

- I. Jesus - Ἰησοῦς (gr) = Iêsous: “é a forma gr. do antigo nome judaico Yesua, forma esta que se obtém mediante a transcrição do heb. Acrescentando-se um ‘s’ para facilitar a declinação” (BROWN E COENEN, 2000, p.1075). Sendo “uma transliteração da palavra hebraica “Josué”, que significa “Jeová é salvação”, ou seja, “é Salvador”, nome comum entre os judeus. Foi dado ao filho de Deus na encarnação como seu nome pessoal, em obediência à ordem de um anjo a José” (VINE, 2002, p.728), mas que era um nome comum dado aos judeus no período pré cristão, “(BROWN E COENEN, 2000, p.1075) que segundo o historiador Flávio Josefo (2004), vivia no século I d.C, e que pertencia a uma família sacerdotal da Palestina, menciona nada menos do que 19 pessoas com o nome “Jesus” nos seus escritos”
  
- J. Pai – “πατήρ” = patêr: termo aplicado a Deus. “Define-se por sua relação a “filho”. Usa-se no sentido genealógico, de Abraão (Jo 8.39,56); Jacó (Jo 4.12), dos patriarcas ou antepassados dos samaritanos (Jo 4.20) ou judeus (Jo

6.31,49,58;7.22)” (MATEOS E BARRETO, 1989, p.221) O termo é “derivado de uma raiz que significa nutridor, sustentador, protetor” (VINE, 2002, p.483). “A revelação cristã sobre Deus é que ele é supremamente um Pai. Essa era a designação de Deus mais comum nos lábios de Jesus. No NT, a designação “Pai” é usada em sentido específico e pessoal. Cristo a aplica, antes de mais nada, à relação que ele mesmo sustentava com Deus. Deus é Pai de Cristo por geração eterna” (DOUGLAS, 2006, p.334).

- K. Profeta – “**προφήτης**” (gr) = prophêêtês: “aquele que fala antecipadamente ou abertamente”; traduz a palavra năbhî que significa “qualquer um em quem a mensagem de Deus emana” ou “aquele a quem qualquer coisa é comunicada secretamente” (VINE, 2002, p.903). Com certeza foi com este sentido que a mulher samaritana concluiu que Jesus era profeta. “... ouve lhe revelar sua situação conjugal (4.18), ela compreende que está lidando com um profeta e, ouvindo o anúncio da adoração do Pai, pensa espontaneamente naquele que deve “desvendar” todas as coisas” (DUFOR, 1996, p.287). E segundo Barreto a samaritana reconhece Jesus como profeta, após este ter-lhe feito ver sua situação de idolatria (simbolizada pelo adultério ou prostituição; cf. Os 1-4 assim; Ez 16), conclui que é profeta (4.19) (MATEOS E BARRETO, 1999, p. 247). Literalmente: um “nabi” que às vezes, é traduzido por profeta ou “inspirado”. O “nabi” hebraico, assim como o “rishi” védico, é aquele que vê o real em sua profundidade e é na profundidade do presente que ele pode perceber o passado e o futuro (LELOUP, 2000, p.232).
- L. Rabi – “**ῥαββί**” (gr) = rabbî: “literalmente meu senhor” (MATEOS E BARRETO, 1999, p.187) “Nos tempos do NT, era um título de respeito para os escribas e seus discípulos, os fariseus (Mt 23.7,8). Os discípulos de João Batista chamavam-no por este título (Jo 3.26). É aplicado a Jesus certo número de vezes: por Nicodemos (Jo 3.2), por Natanael (Jo 1.49), por Pedro (Mc 9.5;11.21), por Judas (Mt 26.25,49; Mc 14.45); os discípulos e outros empregam também em Jo 1.38;4.3;6.25;9.2;11.8” (BROWN E COENEN, 2000, p. 1918). “A variante aramaica (Rabbouni) é usada por Maria Madalena no horto, depois da ressurreição (Jo 20.16) [...] O termo “Rabbi”, usual para designar os mestres da Lei, aplicado a Jesus tanto pelos seus discípulos

como por Nicodemos, muda-se para “Rabbouni” (Mestre, forma aramaica) depois da ressurreição (20.160; “Rabbi” foi o ponto de partida, antes de conhecer a Jesus (Jo 1.38); “Rabbouni”, o de chegada, depois que o seu ensino culminou dando sua vida na cruz. Com a diferença de termos, Jo indica que Jesus é Mestre de modo novo, distinto dos do passados” (MATEOS E BARRETO , 1989. p. 188).

M. Salvação - “σωτηρία” (gr) = soteria: significa “libertação, preservação”. O termo “salvação” pode referir-se tanto a cura de uma enfermidade como ser liberto do pecado – e, às vezes ambos (GONZÁLEZ, 2009, p. 307). Douglas amplia o significado para salvação que “se deriva do latim, salvare, “salvar” e de salus, “saúde”, “ajuda”, e traduz o termo hebraico y<sup>e</sup>sh’ah e cognatos (“largura”, “segurança”)” afirmando que o termo de origem grega soteria significa (“cura”, “recuperação”, “redenção”, “remédio”, “salvação”, “bem estar”). Significa a ação ou o resultado de livramento ou preservação de algum perigo ou enfermidade, subentendendo segurança, saúde, e prosperidade. [...] em Jo 4.22 a salvação vem dos judeus – mediante a revelação historicamente canalizada por meio do povo de Deus – e é um dom que transforma e equipa internamente os homens, para que possam adorar a Deus” (DOUGLAS, 2006, p.1217).

N. Senhor – Κυριος (gr) = Kirios: é título de respeito segundo Mateos, que os discípulos usam falando com Jesus [...] que é muitas vezes confirmado por Ele e utilizado por várias outras pessoas sob circunstâncias diversas que o fazem para dirigir-se a Ele: “A samaritana (4.11,15,19), o funcionário real (4.49), o inválido da piscina (5.7), a multidão de Cafarnaum (6.34) e o cego curado. Os gregos que desejam vê-lo (antecipação da missão futura)” (MATEOS E BARRETO, 1989, p.52) “é adjetivo, com significado de “ter poder (kurios) ou autoridade”, como título de cortesia dirigido a um estranho, desde o início do seu ministério, esta era uma forma comum de tratamento dirigido ao Senhor Jesus, semelhantemente pelo povo (Jo 4.11)” (VINE, 2002, p.984).

O. Vida Eterna – “ζωὴν αἰώνιον” (gr) = zôên aiônion: “vida definitiva”. “O termo zôê, acompanhado ou não do adjetivo aiônios, nunca denota em João a mera vida física, mas qualidade de vida que é definitiva, e sendo assim, não será sujeita a morte. [...] O princípio da vida definitiva é o Espírito, simbolizado pela água viva (4.14;7.37-39). O pai e o Filho, que dão vida (5.21), fazem-nos infundindo o Espírito vivificante” (6.63) (MATEOS E BARRETO, 1989, p.285,286). Zôên é usado no Novo Testamento acerca da vida como princípio, vida no sentido absoluto, vida como Deus a tem, aquilo que o Pai tem em Si e o que Ele deu ao filho encarnado ter em Si mesmo (Jo 5.26), e a qual o Filho manifestou ao mundo (I Jo 1.2)” (VINE, 2002, p.1057).